



## Organizadores

Márcio Undolo

Alexandre António Timbane

Gaudêncio Kimuenho

# PORTUGUÊS DE ANGOLA



Fonologia  
Sintaxe  
Lexicografia



VARIEDADE DO PORTUGUÊS  
DE ANGOLA



48 anos de Independência



# PORTUGUÊS DE ANGOLA

Fonologia, Sintaxe e Lexicografia

## **Organizadores**

Márcio Undolo

Alexandre António Timbane

Gaudêncio Kimuenho

© 2023 Edição brasileira  
by Home Editora  
© 2023 Texto  
by Autor  
Todos os direitos reservados

**Diagramação e revisão**

Organizadores

**Design da capa**

Organizadores

**Bibliotecária**

Janaina Ramos-CRB-8/009166

**Produtor editorial**

Nazareno Da Luz

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).  
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-  
SemDerivações 4.0 Internacional.

**Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)**



P853

Português de Angola: fonologia, sintaxe e lexicografia / Márcio Undolo, Alexandre António Timbane, Gaudêncio Kimuenho (Organizadores). – Belém: Home, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-6089-010-7

DOI 10.46898/home.34fc0e2f-6824-464d-a01e-9fcff0d6d648

1. Situação sociolinguística de Angola no século XXI. I. Undolo, Márcio. II. Timbane, Alexandre António. III. Kimuenho, Gaudêncio (Organizadores). IV. Título.

CDD 469

Índice para catálogo sistemático

I. Português

## **OS ORGANIZADORES**

### **Márcio UNDOLO**

Professor Associado do Departamento de Ensino da Língua Portuguesa do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela (Angola), doutor em Linguística pela Universidade de Évora (Portugal), mestre em Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade pela Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e licenciado em Linguística/Português, pelo ISCED do Lubango da Universidade Agostinho Neto (Angola). As suas temáticas de investigação são a Variação e Mudança no Português, Política Linguística, Linguística Bantu e História de Angola. Orienta pesquisas na graduação e pós-graduação. É autor de livros, capítulos, artigos científicos publicados, nacional e internacionalmente.

### **Alexandre António TIMBANE**

Pós-Doutor em Letras pelo Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, Pós-Doutor em Linguística Forense pela Universidade Federal de Santa Catarina, Pós-Doutor e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Mestre em Linguística e Literatura moçambicana (2009) pela Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique. É Licenciado e Bacharel em Ensino de Francês (2005) pela Universidade Pedagógica, Moçambique. É atualmente docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia). Coordena projetos de pesquisa, projetos de extensão, orienta pesquisas na Pós-Graduação, Graduação e Iniciação Científica. Participa de bancas e é conferencista. Participa do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global (UNILAB) e bolsista CNPq. É Editor-chefe da Njinga Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244). Organiza e publica livros, capítulos, artigos e outros produtos científicos no Brasil e no exterior.

### **Gaudêncio KIMUENHO**

É docente da Língua Portuguesa, no Instituto Superior Politécnico do Bengo (Angola), co-fundador e membro do projecto VAPA. É mestre em língua portuguesa pela Faculdade de Humanidades da Universidade Agostinho Neto (Angola). Entre 2018 e 2022, trabalhou como docente no Departamento de Letras Modernas da Escola Superior Pedagógica do Bengo (Angola) onde ministrou as disciplinas de Introdução aos Estudos Linguísticos, Lexicologia e Lexicografia, Semântica da Língua, História da Língua e Morfologia e Sintaxe. A sua linha de pesquisa enquadra-se na descrição e variação linguística e na normalização terminológica. Orienta pesquisas e trabalhos de conclusão de cursos e é autor de publicações científicas

*Considerando o quadro linguístico angolano, é evidente que a existência de várias línguas a que se sobrepõe uma única, estrutural e culturalmente diferente, viabilizou a emergência de interferências de ordem diversa das diferentes línguas coabitando o mesmo espaço geográfico, na que melhores condições tinha para possibilitar o contacto entre os distintos grupos em presença. (p.26).... Daí, pensamos nós, ser imprescindível ao professor de Português em Angola o conhecimento não só do ambiente sociocultural que caracterizou o processo de socialização do aluno, como também das estruturas das línguas africanas. Só assim, poderá saber porque razão muito dos seus alunos, embora tenham o português como língua primeira, nunca dizem: “vou ao mercado” mas, “vou no mercado”, “vou ao hospital” mas, “vou no hospital ” ou, “estou com fome” e não “tenho fome”, “estou com sede” e não “tenho sede” (p.35) (MINGAS, Amélia Arlete. O português, o português em/de angola: “é o problema que estamos com ele”. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº1, p.25-37, jan./jun. 2021.)*

## COMISSÃO CIENTÍFICA

Amália de Melo Lopes (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde)  
Auguste Moussirou Mouyama (Université Omar Bongo, Gabon)  
Ayé Clarisse Hager-M'Boua (Université Alassane Ouattara, Côte d'Ivoire)  
Clemêncio Queta (Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola)  
Domingos Gabriel Ndele Nzau (Instituto Superior de Ciências de Educação de Cabinda, Angola)  
Liliane Inverno (Universidade de Coimbra, Portugal)  
Maria Goreti Varela Freire Silva (Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde)  
Maria Helena dos Santos Miguel (Universidade Católica de Angola, Angola)  
Marli Quadros Leite (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Nadia Tadlaoui (Pesquisadora Independente, Marrocos)  
Nélia Maria Pedro Alexandre (Universidade de Lisboa, Portugal)  
Paul O'Neill (University Shiffield, England)  
Paulino Soma Adriano (Instituto Superior de Educação da Huíla, Angola)  
Paulo Feytor Pinto (Universidade de Coimbra, Portugal)  
Paulo Sérgio de Proença (Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Brasil)  
Philippe Nzoimbengene (Université Catholique de Louvain, Belgique)  
Raquel Meister Ko. Freitag (Universidade Federal de Sergipe, Brasil)  
Valdir Heiror Barzotto (Universidade de São Paulo, Brasil)  
Wondwonsen Alemayehu Haile (University of Ethiopia, Ethiopia)

## **AGRADECIMENTOS**

Às nossas instituições ( ISCED-Benguela, USP/ UNILAB, -Malês);

Aos docentes e estudantes que acreditaram no Projeto VAPA;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil);

Às nossas famílias pelo apoio moral e incondicional;

À Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras.

## LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS

VAPA	Projecto de Investigação da Variedade do Português de Angola
VAP	Variedade Angolana do Português
PE	Português Europeu
PCC	Português do Cuando Cubango
PB	Português Brasileiro
PA	Português Angolano
NPE	Norma do Português Europeu
NPA	Norma do Português Angolano
LP	Língua Portuguesa
LN	Línguas Nacionais
LGA	Língua Gestual Angolana
INE	Instituto Nacional de Estatística
ILNA	Instituto de Línguas Nacionais de Angola
GU	Gramática Universal
FT	Forma de Tratamento
CLUL	Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
AFI	Alfabeto Fonético Internacional



# SUMÁRIO

<b>VAPA-PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS DE ANGOLA: Breves Considerações</b>	<b>10</b>
Márcio UNDOLO	
<b>PREFÁCIO</b>	<b>13</b>
Tjerk HAGEMEIJER	
<b>O. INAUGURANDO OS DEBATES, ABRINDO AS ALAS PARA O PORTUGUÊS DE ANGOLA (PA)</b>	<b>15</b>
Márcio UNDOLO, Alexandre António TIMBANE, Gaudêncio KIMUENHO	
<b>INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA VARIEDADE DO PORTUGUÊS ANGOLANO</b>	<b>19</b>
<b>1. SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA NO SÉCULO XXI: Convivência e Interferências entre o Português e as Línguas Africanas</b>	<b>20</b>
João Muteteca NAUEGE & Alexandre António TIMBANE	
<b>FONOLOGIA</b>	<b>39</b>
<b>2. CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS REALIZADO NO CUANDO CUBANGO: Para uma Descrição Dialectológica do Português Angolano (PA)</b>	<b>40</b>
Valentim Francisco MOREIRA	
<b>3. APAGAMENTO DA RÓTICA FINAL EM FORMAS VERBAIS DO INFINITIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA</b>	<b>60</b>
Paulo Fernando JOSÉ	

<b>SINTAXE</b>	<b>76</b>
<b>4. OBJECTO DIRECTO NULO: Subsídio para o Estudo do Português Angolano</b>	
Afonso Manuel NEVES, Eugénio António HENRIQUES & Roberta Mirandela António DE ALMEIDA	<b>77</b>
<b>5. PROCESSO DE APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS RELATIVAS: O Caso da Imprensa Angolana</b>	
Henriques Hungulo Sopangue JOSÉ & Onofre João GOMES	<b>89</b>
<b>6. PARÂMETROS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS IDENTIFICADOS A PARTIR DE <i>CORPUS</i> CONSTITUÍDO POR TEXTOS DA IMPRENSA ANGOLANA</b>	<b>102</b>
Judite Maria Kudizemba KIMUENHI	
<b>7. ESTUDO DA MARCA DE PESSOA EM VERBOS PRONOMINAIS EM LÍNGUAS PORTUGUESA E COKWE (K11)</b>	
Daniel Peres SASSUCO	<b>109</b>
<b>LEXICOGRAFIA</b>	<b>118</b>
<b>8. OS PORTUGUESISMOS DOS ARABISMOS DA BOTÂNICA NA LÍNGUA COKWE</b>	
Nadia TADLAOUI	<b>119</b>
<b>9. TRATAMENTO LÉXICO-TERMINOLÓGICO DO VOCABULÁRIO DAS TECNOLOGIAS EM ANGOLA</b>	
João SISSA & Pedro Sebastião POLICARPO	<b>130</b>
<b>LISTA DOS AUTORES</b>	<b>144</b>

**VAPA**  
**PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO LINGUÍSTICA DA VARIEDADE**  
**DO PORTUGUÊS DE ANGOLA**  
**Breves Considerações**

Márcio UNDOLO

O VAPA – projecto de investigação sobre o Português realizado em Angola, quer no plano oral, quer no plano escrito, especialmente em contexto formal de comunicação, está em curso, desde o dia 20 de Novembro de 2015, inicialmente na Escola Superior Pedagógica do Bengo (ESP-Bengo), tendo sido apreciado e aprovado pelo Conselho Científico desta Instituição, resulta da tese de doutoramento em Linguística, intitulada “Caracterização da Norma do Português em Angola”, defendida a 23 de Fevereiro de 2015, na Universidade de Évora (República Portuguesa), por Márcio Edu da Silva Undolo, sob orientação científica da Professora Doutora Ana Paula Banza.

O referido trabalho doutoral partiu da hipótese de que, em Angola, estaria provavelmente em construção uma norma específica desfasada da norma do Português Europeu, e visou, por conseguinte, demonstrar elementos característicos relevantes de tal norma, especialmente nos domínios fónico, sintáctico e lexical. Confirmada que ficou a hipótese, o trabalho não mais parou.

No VAPA, o trabalho é de equipa, quer dizer, participam docentes (nacionais e estrangeiros) especialistas em um dos domínios de trabalho (fonológico, sintáctico, lexicográfico). Os alunos que integram a equipa do VAPA são de níveis diferentes de ensino: graduação (licenciatura) e pós-graduação (mestrado e doutoramento). A permanência efectiva dos alunos no VAPA leva o tempo que for necessário até que eles concluam o seu curso. Assim, a equipa renova-se de cada vez que alunos finalistas abrem vagas para novos alunos.

É importante assinalar que o projecto, embora tenha começado as suas acções na ESP-Bengo, veio a estender-se pelo país, tendo integrado alunos de cursos de licenciatura e de mestrado em Ensino da Língua Portuguesa e em “Linguística Portuguesa”, do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, da então Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, da Escola Superior Pedagógica da Lunda Norte da Universidade Lueji A’Nkonde, do Instituto Superior de Ciências da Educação do Cuanza Sul; mais recentemente dos Institutos Superiores de Ciências da Educação de Luanda e de Benguela, respectivamente, além do Instituto Superior Politécnico Jean-Piaget de Benguela.

Actualmente, o **VAPA** é um projecto do Departamento de Ensino da Língua Portuguesa do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, através da **Deliberação n.º 45/CC/ISCED-Benguela/2023, de 8 de Fevereiro**, que aprova o Projecto de Investigação Linguística da Variedade do Português de Angola, abreviadamente denominado VAPA, tal como atesta a **N/Ref. n.º 034/GP/ISCED-Benguela/2023, de 24 de Fevereiro**.

No quadro das suas aspirações, estão formulados dois objectivos gerais dos quais sete (7) são objectivos específicos, também denominados tarefas científicas.

Objectivos gerais:

- Realizar a descrição e a fundamentação da norma culta da variedade do Português de Angola;
- Delimitar o conhecimento da situação da Língua Portuguesa em Angola.

Objectivos específicos:

- Enquadrar, teoricamente, a reflexão sobre a Língua Portuguesa em Angola;
- Constituir progressivamente um *corpus* de análise;
- Descrever hábitos linguísticos do português no plano da **fonologia, sintaxe e do léxico**, em situação formal de uso;
- Analisar e contrastar os dados levantados com a norma da variedade do Português Europeu;
- Caracterizar a norma da variedade do Português de Angola;
- Produzir recursos linguísticos: gramáticas descritivas, glossários, dicionário, bases de dados lexicográficas, cadernos de actividades pedagógicas com pendor linguístico;
- Promover e realizar eventos científicos e de extensão universitária.

Relativamente aos pressupostos metodológicos, como sabido, cada tipo de investigação se realiza de acordo com um plano, através do qual se definem a estrutura, as estratégias, os procedimentos e os sistemas de controlo necessários para o desenvolvimento do estudo, procurando respostas para as questões levantadas.

O VAPA segue uma metodologia assente na análise de *corpus* (oral e escrito), visando a realização de um estudo essencialmente descritivo, contrastivo e explicativo. Para a determinação dos informantes do estudo, são tidos em conta dois pressupostos: por um lado, as influências que os órgãos de comunicação social exercem na actuação linguística dos falantes; e, por outro, o papel da escola, como instituição que dá primazia à “norma-padrão” e à qual cabe o exercício do seu ensino, desempenhando o papel de ‘instituição conservadora’ da norma de uma dada comunidade linguística. Por isso, como informantes são privilegiados professores e alunos (do subsistema de ensino geral e do subsistema de ensino superior), profissionais qualificados dos órgãos de comunicação social, bem como os seus órgãos; altas entidades de órgãos executivos de gestão do Estado, além de entidades eclesásticas.

De todo este trabalho é esperado como resultado o conhecimento especializado do Português realizado em Angola, em contextos formais de comunicação, necessário para a produção e oferta de recursos linguísticos, tais como, por exemplo, gramáticas descritivas, glossários, dicionários ou bases de dados lexicográficas.

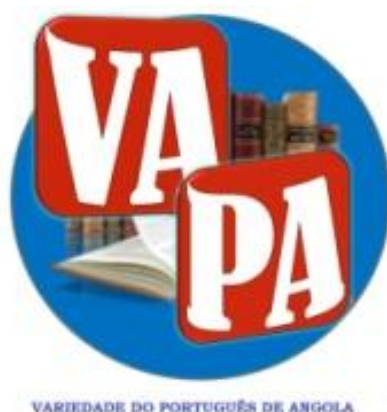
A presente publicação é ponto de partida desse desiderato. Julga-se que o principal desafio que se coloca ao VAPA tem a ver com o estatuto do Português em Angola. Na ciência da língua, entende-se por *estatuto* as funções político-administrativa, social, cultural, económica, que uma língua assume por decisão do Estado que lhe confere tais funções. No caso particular de Angola, o português é a língua oficial de Angola, o que significa que ela é o meio de contacto para os actos dos poderes executivo,

legislativo e judicial ou, ainda, das práticas formais e modernas de comunicação do Estado.

Apesar de a Constituição garantir o asseguramento da valorização “das demais línguas de Angola”, o seu conteúdo é vago, enquanto se mantiver, no texto da lei, o favorecimento ao português para o estabelecimento das relações políticas, sociais, culturais, económicas e formais. O que se pode chamar aqui de “Estado monolíngue explícito”<sup>1</sup>, por força da Lei, representa um factor de recuo e não de avanço para as questões de soberania linguística nacional e, conseqüentemente, desenvolvimento cultural local e nacional. Os estudos linguísticos que vêm sendo realizados e baseados no VAPA, desde 2015, estão por aprofundar respostas para questões de normas linguísticas ou variantes linguísticas ou, ainda, dialectos (termo mais tradicional), no que ao uso da língua oficial em contexto formal de comunicação diz respeito.

Não sendo nossa intenção realizar aqui um debate sobre o conceito de <norma linguística>, muito menos alongar o nosso discurso de apresentação sucinta do projecto VAPA, não podemos deixar de aproveitar o momento para dirigir agradecimentos à **Professora Doutora Ana Paula Banza**, por muito que fez e faz em prol da formação linguística de jovens angolanos, nos níveis de mestrado e doutoramento, e sobretudo por ter contribuído para a criação do projecto VAPA; ao **Professor Doutor Alexandre António Timbane**, pela sua prestimosa colaboração neste projecto e ter impulsionado bastante que esta publicação se tornasse realidade; ao **Professor Agnelo Carrasco** – a quem cabem as honras, por ter criado, em Angola, o curso de Linguística/Português, nos anos 80 do séc. XX; aos **professores e estudantes (vapianos)** que participaram nesta publicação, incluindo aqueles que não puderam ver os seus textos publicados já nesta edição, apesar do trabalho árduo empreendido; aos ilustres membros da **Comissão Científica** desta publicação, pelo seu empenho e reconhecido contributo científico; ao **Professor Tjerk Hagemeyer**, por nos ter honrado com o seu prefácio, além das sugestões feitas ao conteúdo deste livro; ao **Professor Gaudêncio Kimuenho**, pelo nível de organização, pelo rigor científico que o caracteriza, pela paciência e grande capacidade de liderança; ao **Professor Clemêncio Queta**, por ter dado muito de si ao desenvolvimento deste projecto, na ESP-Bengo; à equipa editorial deste livro, por todo o trabalho realizado.

Por fim, ao público leitor interessado, deixamos o nosso apreço!



---

<sup>1</sup>Termo da nossa autoria.

## PREFÁCIO

Os nove capítulos deste volume inserem-se no projeto de investigação *Variedade do Português de Angola* (VAPA), que tem como objetivo a caracterização linguística do português de Angola. Trata-se de um projeto que é sustentado por uma equipa que envolve principalmente professores e estudantes de graduação e de pós-graduação de diferentes instituições de ensino angolanas, e que se centra sobretudo na identificação de aspetos da norma culta angolana com base em dados orais e escritos, produzidos no contexto da imprensa ou por falantes mais escolarizados, como por exemplo professores, políticos, jornalistas e estudantes, dinamizando, desta forma, a reflexão sobre a língua portuguesa em Angola, a realização de eventos científicos sobre esta variedade e a produção de recursos linguísticos, de que também faz parte a presente obra, com trabalhos originais na área da fonologia, da (morfos)sintaxe e do léxico.

O *modus operandi* do VAPA tem o mérito de promover a transmissão de conhecimento e de experiência(s) entre docentes e discentes e de assegurar a continuidade da investigação no tempo e no espaço, através da renovação da equipa de investigação, em particular dos estudantes participantes, e através da mobilidade dos estudantes que concluíram o seu grau e ingressam no mercado de trabalho, muitas vezes como professores. Ademais, ao envolver no projeto instituições de províncias diferentes, garante-se também uma cobertura geográfica mais ampla dos usos do português, língua que se já difundiu amplamente pelo espaço angolano, com particular incidência nas áreas urbanas.

O trabalho desenvolvido no âmbito do VAPA, como este volume, enquadra-se na crescente tendência de caracterizar a variedade angolana, sobretudo face ao português europeu, que continua a ser a norma vigente em Angola. Neste processo, o papel da investigação em linguística constitui um pilar fundamental. As ferramentas e o campo de ação da linguística permitem descrever, circunscrever e compreender a variação observada, que é sempre mais ampla e complexa em variedades com historial recente de L2, contribuindo para o estabelecimento de um *corpus* necessário para sustentar a nova variedade, isto é, um conjunto de recursos, como dicionários, vocabulários, gramáticas descritivas, bases de dados ou talvez até um atlas dialetal, que, em última instância, irão reforçar a identidade linguística da variedade angolana face a outras variedades do português.

Embora as variedades pós-coloniais de línguas europeias sofram normalmente do chamado *colonial lag*, uma espécie de conservadorismo pós-colonial que as cola à norma (escrita) da antiga metrópole, como se pode observar em relação às variedades do inglês e do português, que seguem maioritariamente a norma britânica e portuguesa, a história também nos ensina que uma variedade pode passar por um processo (gradual) de remodelação e autonomização, o que é ilustrado pelas normas diferenciadas do inglês americano e do português brasileiro.

A variedade angolana é um caso deveras interessante, visto que apresenta um conjunto de características que são atípicas no âmbito das variedades pós-coloniais de línguas europeias em África, nomeadamente um elevado e crescente número de falantes da antiga língua colonial e, entre estes, cada vez mais falantes nativos e monolíngues. Por isso, juntamente com a previsão de um *boom* demográfico, é expectável que Angola venha a ser um polo cada vez mais destacado da língua portuguesa e que, assim, contribua para fazer do português uma língua mais genuinamente pluricêntrica e menos

bicêntrica. Contudo, subscrevemos ao mesmo tempo a preocupação de que a rápida propagação do português em Angola tem custos do ponto de vista da diversidade linguística.

Com uma demografia claramente favorável à afirmação e consolidação do português angolano, resta saber como se irá desenrolar politicamente o destino desta variedade. Os indícios de *Ausbau*, palavra de origem alemã frequentemente utilizada para referir o processo de elaboração ou expansão que eleva variedades a línguas ou leva à maior autonomia de variedades, são bem visíveis, por exemplo, na utilização de traços do português angolano em obras literárias angolanas, na discussão em torno da escrita dos empréstimos das línguas bantu e do Acordo Ortográfico, na criação da Academia Angolana de Letras e no aumento exponencial da investigação em linguística sobre o português angolano ao longo das últimas décadas. Hoje mais do que nunca, existe uma consciência linguística e uma agenda intelectual e académica.

Mesmo que, por agora, estes indícios talvez ainda não sejam suficientes para politicamente promover uma maior autonomia da variedade angolana face à europeia, é caminhando que se faz o caminho. Nesta lógica, é de saudar a publicação da presente obra e de congratular os autores e editores pela partilha do seu trabalho, que, mais do que um contributo, é um investimento na causa que é o português angolano.

Tjerk Hagemeijer

Lisboa, 15 de Novembro de 2023.



## **INAUGURANDO OS DEBATES, ABRINDO AS ALAS PARA O PORTUGUÊS DE ANGOLA (PA)**

Márcio UNDOLO

Alexandre António TIMBANE

Gaudêncio KIMUENHO

A língua portuguesa surgiu do latim vulgar e, depois, do galego-português, tendo evoluído, ao longo dos séculos, para o formato que apresenta hoje em diferentes países onde ela é falada. A expansão do português além fronteiras da Península Ibérica foi impulsionada pelo processo da colonização que conduziu aos seguintes países: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Macau, que é uma região autónoma da costa sul da China continental. Nestes países e na região autónoma, o português vem ganhando uma nova configuração impulsionada pela oficialidade e prestígio oferecido pela política linguística, além de outros factores. Tal é o caso do português em Angola.

Angola é um país africano, localizado na zona ocidental da África austral, tem os seus limites geográficos limitados a norte e nordeste pela República do Congo e República Democrática do Congo, a leste pela República da Zâmbia, a sul, com a República da Namíbia. Com uma extensão de 1.246,700 KM<sup>2</sup>, configura-se entre os mais extensos do continente africano.

O País é marcado por um cenário de plurilinguismo, onde a língua portuguesa (idioma oficial) coabita com várias línguas autóctones, a título de exemplo, o umbundu, kikongo, kimbundu, cokwe, nganguela, nyaneka, kwanyama, mbunda, ciluba, ciluale, ocihelelo, ndonga, humbi, entre outras bantu e as do grupo de línguas khoisan. Este cenário expõe as estruturas da língua portuguesa em Angola num processo de constante influências de substratos das línguas em sua volta, que a tornam cada vez mais singular. A variação linguística é um fenómeno inerente às línguas vivas. Estamos claros que não



existe uma única forma de falar português, quer dizer, o que chamamos de língua portuguesa é uma soma de variedades que devem ser respeitadas sem preconceito.

Quanto à sua organização interna, este livro possui nove capítulos divididos em quatro secções. A primeira secção – “Introdução ao estudo da variedade do português angolano”, é composta por um capítulo, da autoria de João Muteteca Naege e Alexandre António Timbane, que analisa a “Situação sociolinguística de Angola no século XXI: convivências e interferências entre o português e as línguas africanas”. O texto faz uma abordagem mais ampla sobre os estudos da variação descrevendo os contextos sociolinguísticos e suas políticas linguísticas, os contactos linguísticos, culminando com apresentação de exemplos de variação lexical, fonético-fonológica, morfossintática, semântico-pragmática da variedade angolana de português. O capítulo termina apontando para o futuro da variedade do português encorajando pesquisas e estudos sobre a variedade.

A segunda secção – “Fonologia”, apresenta dois textos. O primeiro – “Características fonológicas do português realizado no Cuando Cubango: para uma descrição dialectológica do português angolano (PA)”, é da autoria de Valentim Francisco Morreira (Texto 2). A partir de uma pesquisa bibliográfica e documental, o autor analisa as características fonológicas do português local buscando compreender as realizações das vogais e dos fonemas influenciadas pelas línguas ngangela e umbundu faladas no Cuando Cubango. Conclui-se que os falantes do Português do Cuando Cubango fazem adaptação ao sistema fonológico do português, uma vez que são influenciados pelas línguas maternas de origem africana.

O segundo texto da segunda secção tem como título “Apagamento da rótica final em formas verbais do infinitivo no português em Luanda”, da autoria de Paulo Fernando José (Texto 3). Nele o autor descreve o apagamento da consoante rótica *-r* buscando da teoria laboviana subsídios teóricos para o desenvolvimento da pesquisa. A análise do *corpus* oral veio da entrevista estruturada submetida a alunos e gravada por meio de um telemóvel. Fez-se a transcrição fonética para a sistematização dos dados, da qual se concluiu que os falantes não só apagam a consoante vibrante [r] na coda verbal, como o fazem também no início do verbo, bem como no pronome pessoal do caso oblíquo [lhe]. Desta forma, este fenómeno pode caracterizar a marca do Português angolano, tendo como base o português falado pelos luandenses.

A terceira secção, dedicada à Sintaxe, possui quatro capítulos. O primeiro – “Objecto directo nulo: subsídios para o estudo do português angolano”, é da autoria de Afonso Manuel Neves, Eugénio António Henriques e Roberta Mirandela António de Almeida (Texto 4). Nele faz-se uma comparação entre o PE e o PA a partir do método descritivo e comparativo com base na recolha de dados orais extraídos a partir dos discursos de falantes em situação formal de comunicação. Da pesquisa concluiu-se que há aceitação generalizada da ocorrência nula de objectos directos. Concluiu-se que a existência do português angolano é uma certeza, mas trata-se de uma variedade não reconhecida pelo Estado, havendo necessidade de mais estudos científicos que a sistematizam.

O segundo texto – “Processo de apagamento da preposição nas orações subordinadas relativas: o caso da Imprensa angolana”, da autoria de Henriques Hungulo Sopangué José (Texto 5), busca contribuir para a caracterização de uma norma-padrão da variedade do Português de Angola. A pesquisa baseou-se nas análises de um *corpus* composto por um conjunto de textos produzidos originalmente através de ondas sonoras ligadas à camada intelectual angolana em contexto formal de comunicação e, posteriormente, transcrito graficamente. Da pesquisa concluiu-se que a combinação do

pronome relativo com a preposição no PA, sem que haja apagamento da preposição, é uma estrutura possível em contextos específicos, pois o falante angolano fá-lo de forma mecânica ou artificial, sobretudo quando o discurso é escrito, oralizado, ou quando tenha noção da ocorrência do fenómeno em estudo.

O terceiro capítulo – “Parâmetros de concordância nominal no português identificados a partir de *corpus* constituído por textos da Imprensa angolana”, da autoria de Judite Maria Kudizemba Kimuenhi (Texto 6), analisa o fenómeno de apagamento do morfema flexional no segundo elemento do sintagma nominal, a partir da análise de *corpus* oral em contexto formal de comunicação, tendo em vista a norma culta da qual se servem, em contraste com a norma-padrão europeia, uma vez que, no referido contexto, são evidentes tendências para tal apagamento, o que, de certa forma, reflecte um estado proeminente de mudança linguística. Concluiu-se que há sucessão de apagamento do morfema flexional no segundo elemento do SN, ocupando o sintagma diferentes posições nas enunciações; há realização alternada de elementos do sintagma nominal concordantes à luz da norma-padrão e de elementos do sintagma nominal com a realização do plural apenas no determinante; há alternância entre a concordância na óptica do Português Europeu e do Português Angolano no mesmo discurso do falante e, finalmente, há tendência acentuada para o ensurdecimento da consoante palatal fricativa marca do plural (-s), o que, de certo modo, confirma tendências para o seu apagamento.

O quarto texto desta secção é da autoria de Daniel Peres Sassuco (Texto 7) e realiza um “Estudo da marca de pessoa em verbos pronominais em línguas portuguesa e cokwe (K11). É um estudo contrastivo que compara a marca de pessoa verbal nos verbos pronominais de língua portuguesa e da língua cokwe (K11). As análises contrastivas realizadas mostram que a marca de pessoa, nas formas de conjugação, se manifesta, primeiramente, na língua portuguesa através das desinências verbais, podendo caracterizar cada pessoa sem confusão. A posição funcional com relação ao lexema central do verbo (radical) é sufixada. O segundo fenómeno a ser observado neste estudo é a pronominalização reflexiva ou recíproca. A conjugação na língua portuguesa evidencia a variação da marca do reflexivo, tendo variadas formas em consonância com a pessoa verbal.

A última secção é dedicada à Lexicografia. O primeiro texto desta secção, da autoria da de Nádia Tadlaoui (Texto 8), analisa “Os portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe”. No texto, a autora analisa a viagem das palavras através das fronteiras, mostrando a interculturalidade que faz parte do património cultural e linguístico. Por meio de arabismos da Botânica, a pesquisa analisa como o léxico do árabe influenciou o português para este e por sua vez influenciou o cokwe, uma língua bantu falada em Angola. No resultado da pesquisa, observa-se a existência dos portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe que pertence ao grande grupo das línguas bantu como é o caso de açúcar (suka), arroz (loso), laranja (lalanja), entre outras. Estes arabismos viajaram para Portugal para tornar portuguesismos, estes últimos viajaram para o cokwe para serem cokwismos.

O último texto desta secção e da obra é “O tratamento léxico-terminológico do vocabulário das tecnologias em Angola”, da autoria de João Sissa e Pedro Sebastião Policarpo (Texto 9). A partir de um *corpus* escrito, extraído da ANGOP e do jornal Folha 8”, foram identificadas unidades lexicais da área de especialidade. Da pesquisa concluiu-se que o léxico no Português em Angola está no processo de transformação ou de mudança e, conseqüentemente, são reconhecidos vários estudos que consideram as diferentes formas com que os angolanos têm tratado o léxico. Ao abordar a situação do vocabulário das tecnologias no português em Angola, foram identificados vários

vocábulos da área das tecnologias, o que mostra sinaliza a constituição de um processo de socialização, motivo pelo qual grande parte dos vocábulos produzidos é susceptível de ser consultada pela comunidade em geral.

Este livro regista uma parte de um grande trabalho realizado pelo Projecto VAPA durante vários anos, o que nos leva a concluir que não basta investigar. É necessário partilhar os estudos para que possamos criar espaço de debate e discussão. Como veremos ao longo da obra, o português de Angola existe e não há como recusar nem esconder esta realidade. O que temos de fazer é descrever, tal como o Brasil fez com a sua variedade. A produção de gramáticas e dicionários só é possível se confrontada com as pesquisas que apresentamos nesta obra. Entretanto, existem, ainda, muitas pesquisas sobre o português angolano que estão nas gavetas e que não tiveram a oportunidade de publicação. Quanto mais colocarmos esses materiais em debate, tanto maior será o nosso contributo para a sistematização da variedade angolana do Português.

Caro leitor, eis a oportunidade de criticar e contribuir para que a ciência linguística possa avançar. O que se ensina nas aulas de Língua Portuguesa é, ainda, ínfimo, se se olhar para aquilo que é a realidade da variedade angolana. Entendemos que é preciso ter coragem para enfrentar essa realidade descrevendo e fundamentando a norma culta do Português angolano.

**INTRODUÇÃO AO  
ESTUDO DA  
VARIEDADE DO  
PORTUGUÊS  
ANGOLANO**

# 1

## **SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ANGOLA NO SÉCULO XXI: Convivência e Interferências entre o Português e as Línguas Africanas**

João Muteteca NAUEGE

Alexandre António TIMBANE

### **Introdução**

Na África existem mais de 2000 línguas divididas em quatro grandes grupos: nigero-congolês (com 1436 línguas), afro-asiático (371 línguas), nilo-saariano (196 línguas) e koisán (35 línguas), de acordo com Heine e Nurse (2000) e Petter (2015). Para além destas existem línguas de origem asiática (ex. na República de Madagascar), as línguas sinais e os crioulos de base lexical de línguas europeias que se formaram por processos históricos.

Angola é um país da África austral. Das línguas africanas faladas no país se destaca as do grupo bantu, do grupo khoisan e a Língua Gestual Angolana. As fronteiras linguísticas são diferentes das fronteiras geopolíticas, por isso os angolanos das regiões fronteiriças falam línguas de países vizinhos. A partilha de África não respeitou a diversidade linguística, o que fez com que famílias ou grupos étnicos fossem separados por uma fronteira física. É o caso de kwanyama (que também é uma das línguas da República da Namíbia), o kikongo (que também é uma das línguas da República Democrática do Congo) e o luvale (que também é falado na República da Zâmbia).

A situação sociolinguística actual de Angola é caracterizada por um multilinguismo em que o português surge como uma língua dominante sob o ponto de vista da política linguística (Artigo 19.º da Constituição da República de Angola, 2010), sendo língua da burocracia e de escolarização<sup>2</sup> em todo sistema de educação (Artigo 9.º

---

<sup>2</sup> Entende-se por língua de escolarização, o meio de comunicação para a transmissão dos saberes. Ela é diferente de ensino de língua onde a gramática, o vocabulário, e as formas de escrita e oral de uma língua constituem o programa e as práticas da sala de aulas para aquisição de uma L2 que não é a L1.

de Lei 13/01 retomado na Lei n.º 17/16 e Lei n.º 32/20, lei que altera a Lei n.º 17/16, Lei de Bases do Sistema Educação e Ensino). Dados do Censo de 2014 revelam que o português é falado por mais da metade da população (71%) como segunda língua, com maior predominância nas zonas urbanas. Essa expansão do uso do português ocorre devido a vários factores: o processo de urbanização; a expansão da rede escolar; o impacto da rádio e da televisão e principalmente a necessidade de deslocamento das populações das zonas rurais para a zona urbana em busca de oportunidades sobrevivência (FERNANDO & TIMBANE, 2022).

As línguas bantu de Angola estão em contacto com o português há séculos e se influenciam mutuamente especialmente no português falado que adquire o formato de uma variedade, a chamada Variedade Angolana do Português (VAP). Esta variedade precisa de ser assumida e descrita, dado que apresenta feições morfossintáctica, lexical, fonético-fonológica, semântico-pragmática divergentes do Português Europeu (PE). Os diferentes aspectos desenvolvidos neste artigo procuram dar conta da real situação da VAP, a sua tendência de mudança em curso que facilmente é característico na fala dos angolanos.

Ressalte-se que o português ocupa espaços mais formais em Angola colocando as línguas africanas (bantu e khoisan) e de sinais em usos mais restritos, levanta a necessidade de valorizar promovendo-as para o ensino formal, pois, a educação fomentaria, promoveria e valorizaria o património linguístico nacional. Joseph Ki-Zerbo, grande pensador africano, não crê que se possa “alfabetizar os africanos sem recorrer às línguas africanas” e sugere que se recorra às línguas africanas para uma educação endógena fixando a médio prazo uma alfabetização total. Ki-Zerbo salienta que se os africanos não usam as suas línguas terão dificuldades de compreender o seu mundo e viverão sobre bases artificiais (KI-ZERBO, 2006, p.153). Vejamos a situação sociolinguística de Angola.

## 1. Situação Sociolinguística e as Políticas Linguísticas

Não é possível afirmar com exactidão quantas línguas existem em Angola. O mesmo acontece em Moçambique. As línguas bantu são complexas e não se pode definir sem ter em conta os contextos culturais dos povos locais. Uma língua se diferencia da outra não por questões meramente linguísticas, mas sim por questões históricas. Por exemplo, as línguas changana, xirhonga e xitswa são línguas inteligíveis faladas por diferentes povos da Região sul de Moçambique. Não podem ser chamadas de dialectos pelo facto de compartilhar a mesma gramática.

A VAP resultou do contacto entre o português surgido na Península Ibérica (Europa) e as diversas línguas africanas durante mais de 400 anos de presença portuguesa em Angola. Assim sendo, os angolanos falam a sua própria variedade do português, formada através do processo de variação e mudança linguísticas e que prossegue até os dias actuais. Os estudos de Timbane, Sassuco e Undolo (2021), Zau (2011), Severo, Sassuco, Bernardo (2019), Pedro (2021), Naeuge (2017), entre outros, testemunham a presença da variedade que deve ser preservada e respeitada.

### 1.1. O contexto das línguas bantu

O nome **línguas bantu** é um termo da linguística africana utilizado por Bleek, em 1862; Greenberg, em 1963; por Guthrie, em 1967-1971; por Doke, em 1945; Cole, em 1961, entre outros linguistas do séc. XVIII e XIX, para designar um conjunto de línguas

africanas com características comuns: (i) ter um sistema de géneros gramaticais não inferior ao número de cinco; (ii) ter um vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode deduzir terem surgido de uma língua comum; (iii) ter um conjunto de radicais invariáveis que se formam por meio de aglutinação de afixos (NGUNGA, 2015). Chicuna (2018) é de opinião que o termo bantu não apenas indica o elemento linguístico, mas também é usado para designar uma cultura ou um povo.

Os falantes das línguas bantu localizam-se na região que se estende da África ocidental, na África Central (Montes Camarões) até ao Sul de África (actual África do Sul). “Bantu” é formado pela palavra “-ntu” que significa “pessoa” antecedido do prefixo “ba-” (classe 2) que é o prefixo da marca do plural para as diversas línguas desse grupo linguístico. “Bantu” significa “pessoas”. Segundo Ngunga (2015, p. 35), a palavra ‘pessoa’ -ntu pode variar de língua para língua: -du, -nhu, -nthu, -thu, -tu, etc., a depender de cada língua. **Língua bantu** é um termo da linguística africana, por isso procuramos manter a sua originalidade sem aportuguesá-lo ou “inglesalizá-lo”. Não usamos o termo **língua banta** porque -nta não significa “pessoas” em nenhuma língua africana daquele grupo, o que foge da concepção inicial dos primeiros pesquisadores. Devemos aos primeiros pesquisadores os primeiros estudos comparativos e classificatórios das línguas africanas, por isso é justo mantermos o termo “línguas bantu” ou “língua bantu”, mantendo a etimologia da palavra “pessoa” (-ntu).

Em relação às primeiras classificações das línguas bantu, há que considerar a classificação de Guthrie, publicada em 1971 e que veio a sofrer alterações e adequações ao longo dos tempos. Os estudos de Maho (2003, 2009) actualizaram as classificações, especialmente no que toca aos conceitos de língua, variante e dialecto que não estavam consolidados nos estudos das décadas 60 e 70. Maho manteve a classificação de raiz (A, B, C, D, E, F, G, H, J, K, L, M, N, P, R, S) e ajustou as línguas, variantes e dialectos. Confessamos que estes estudos de Maho (2003 e 2009) não são definitivos. Vejamos a classificação das línguas bantu faladas em Angola:

- O **Grupo kikongo (H10)** é composto pelas línguas ndingi ou ndinzi (H14), mboka (H15) e kikongo (H16).
- O **Grupo kimbundu (H20)** é composto pelas línguas kimbundu (H21), sama (H22), bolo ou haka (H23), songo (H24), mbangala (H34) e shinji ou yungo (H35).
- O **Grupo ciokwe-Luchazi (K10)** é composto pelas línguas chokwe (K11), luimbi (K12a), ngangela, nyemba (K12b), luchazi ou lujazi ou ponda (K13), lwena, luvale (K14), mbumba (K15), nyengo (K16), mbwela (K17), nkangala (K18).
- O **Grupo Umbundu (R10)** é formado pelas línguas kuvale (R101), kwisi (R102), mbali, olumbali, kimbari (R103), umbundu (R11), ndombe (R12), yaneka (R13) e khumbi (R14).
- O **Grupo Wambo (R20)** é composto pelas línguas kwanyama (R21), dialecto kafima (R211), dialecto kwankwa (R216), ndongwena (R215), dialecto evale (R212), dialecto mbandja (R213), dialecto domdondola (R217), dialecto esinga (R218).
- O **Grupo Herero (R30)** é composto pelas línguas herero, zemba (R311).

As línguas do grupo kimbundu (H20) são faladas pelo povo Mbumdu nas províncias do Bengo, Luanda, Kwanza-Norte, Malanje e parte do Kwanza-Sul; as línguas do grupo kikongo (H10) são faladas pelo povo kongo localizado nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge; as línguas do grupo cokwe (K10) são faladas pelo grupo lundacokwe e são faladas nas províncias da Lunda-Norte, Lunda-Sul, Móxico e Bié; na região centro-Sul encontram-se diversos grupos etnolinguísticos, entre os quais ovimbundu, “ocindonga”, owambo, nyaneka-humbe, “ovingangela” e herero. O grupo umbundu (R10)

é a mais representativa na parte sul do país, seguido, nhaneca (R22), herero (R30), kwanyama (R21) e “cindonga” (R22) (ZAU, 2011; TIMBANE, SANTANA, AFONSO, 2019).

Os povos Vatwa são considerados também como um dos primeiros povos a migrarem para o território angolano há milhares de anos, são uma comunidade pré-bantu ou não bantu assim como os khoisan (ZAU, 2011). Os Vatwa são povos pouco conhecidos pela sociedade angolana, os mesmos estão localizados no deserto ao sul de Angola, na província do Namibe e possui dois grupos etnolinguísticos, os Kwisi e os Kwepe, que por sua vez falam as línguas do mesmo grupo.

## 1.2. As línguas khoisan de Angola

A palavra **khoisan** é um termo linguístico criado por Bleek e outros linguistas do séc. XVIII e XIX para designar um conjunto de línguas com uma característica comum: uso de cliques. Essas línguas têm características diferentes em nível da gramática, especialmente na formação lexical e sintática. A palavra khoisan é formada pelas palavras **khoekoe** (que significa ‘pessoa’) e **saan** (que significa ‘morador do mato’) na língua **nama**, uma das línguas deste grupo falada nas Repúblicas da Namíbia, de Botswana e da África do Sul por mais 200 mil pessoas (FEHN, 2017).

Por sua vez, entre o grupo khoisan, destacam-se as línguas kankala (bosquimano) e vakankala (hotentote), estas têm como variantes kankala (bosquimano), hotentote, kazama, kasekele e kwankala (ZAU, 2011). Segundo o autor, para além dos bantu e dos khoisan, há um terceiro grupo denominado **Vatwa**, que fala as línguas **kwisi** e **kwepe** que são faladas por povos com os mesmos nomes, isto é, pelos povos Kwisi e Kwepe. A classificação das línguas khoisan na África, segundo Köhler na Enciclopédia Britannica (2006). De acordo com Olderogge (2010), o termo khoisan é o resultado da união de duas palavras, “khoi-khoi (khoi), que significa “homem”, e San, que significa “acumular, colher frutos, arrancar raízes da terra, capturar pequenos animais”. Segundo Olderogge (2010, p. 305), “os san constituem outro grupo muito original do continente africano. São de pequena estatura, têm a pele amarelada ou acobreada e cabelo em pequenos tufos”. Os khoi-khoi destacam-se pela cor clara da pele, e estatura baixa.

Alguns pesquisadores apontam em seus estudos que os Khoi-Khoi e os San são um único povo pela semelhança do uso de cliques ou estalos fonéticos que esses dois grupos pronunciam alocando-os ao grupo etnolinguístico khoisan. Mas diferentes dos khoi-khoi (khoi) que são nômades, os San são povos caçadores coletores, “sua dieta alimentar e a atividade econômica são à base de raízes de plantas, frutos silvestres, carnes de caça e mariscos” (PEDRO; MUSSILI, 2021, p. 168). Os San são os povos mais antigos do Sul da África, e hoje se encontram na Namíbia, em Botswana, na África do Sul, em Angola, na Zâmbia, em Lesoto e no Zimbabwe. Geneticistas apontam que as mais antigas amostras de genes modernos encontradas vieram dos San e datam de cerca de 80.000 anos atrás.

Para Kondja (2021; 2023), as línguas dos povos Khoisan estão localizadas nas províncias da Huíla (no município de Quipungo, localidades de Mupalala, Kachila-Ompo, Derruba-Sêndi e Mupembati), no Cunene, nos municípios de Namacunde, Cuanhama, Cuvelai e Ombadja, especificamente nas localidades/comunidades de Okafima, Omalyata, Okafunuka, Okapungu, Oshana-Nandjili, Onelombo, Chivemba, Onghuti, Okatope, Ohongo, Omulola, Odayandema, Oshimolo, Okafunuka, Omanhenge-Okayolwa, Oshana-Nalama e Omwoongo-Omulembe) e no Cuando Cubango (nos municípios do Cuito Cuanavale, Nancova, Menongue, Mavinga, Rivungo, Dirico, Calai e Cuangar, especificamente nas localidades de Jamba-Cueio, Wefo, Buabuat, Urondo, Ntopa, Cafita,



Inkama e Mucundi, Mbundu, Tchatwika, Waiombwa, Cuatir, Tandawe, Mangondo, Mavu, Chimanha, Ngongoma, Cafuma, Mpandato, Bondo, Kkene, Cambinda e Alto-kakene).

Os Khoisan são povos de línguas autóctones excluídos da cultura moderna/ocidental. Os Khoi-Khoi e San de Angola são denominados pelos Bantu como “Ova-Kwangala, Mukuasseekele, Camussequele, Tuzala-Majimo, Ova-Kwankala, Cacuengos, Vakwengo, Ovassekele, Ovakedes, Kazama. Os !Kung chamam os Ovawambo de !kai, significa negro e !nany a todos povos negro angolanos que não sejam Ovawambo” (PEDRO; MUSSILI, 2021, p.170, grifo do autor).

### **1.3. Língua Gestual Angola (LGA)**

A LGA existe e é meio de comunicação para a minoria dos angolanos pertencentes à comunidade surda. Em 2004, iniciaram estudos e pesquisas para a colecta de sinais para a elaboração do dicionário. Em 2012, foi publicado o primeiro volume dicionário da LGA. O segundo volume foi lançado em 2021. O dicionário contou com o apoio do Instituto Nacional para a Educação Especial, coordenado pelo Director Laureano Sobrinho. Os desafios são maiores, pois verifica-se haver *déficit* de professores formados. O Ministério da Educação por meio do Instituto Nacional para a Educação Especial tem promovido seminários, congressos, encontros e outros eventos, de forma a consolidar aspectos científicos e técnicos sobre o ensino e a criação de materiais didácticos.

De acordo com Ndala (2014), há preconceito com relação à LGA e aponta as razões: a) ausência de engajamento do Instituto de Línguas Nacionais de Angola (ILNA); b) ausência no ILNA de especialistas em Linguística de Sinais; c) dificuldade do ILNA em conceber a língua como objecto científico; d) desarticulação entre o ILNA e organismos governamentais; e) ausência de pressão da sociedade.

Em 2016, o Governo angolano publicou a Lei nº 10/2016, “Lei da Acessibilidade” que estabelece normas gerais, condições e critérios para as pessoas com deficiência ou com mobilidade condicionada. No artigo 22.º, o documento estabelece os recursos e instrumentos de acessibilidade à informação. Dentre outras demandas se enumera a legenda, intérprete e guia intérprete, mas ainda está em falta no real contexto do uso em discursos, em instituições públicas, nas igrejas, nas escolas, etc.. O artigo 24.º reconhece a LGA como língua dos surdos angolanos e que “a interpretação em Língua Gestual Angolana é obrigatória pelos órgãos públicos e privados, nos actos públicos e nos serviços de atendimento ao público” (Art. 25º).

De acordo com Basoni e Witchs (2020, p. 1348), “na Resolução não ficam evidentes as formas de implementação do ensino da LGA, nem é previsto o ensino dessa língua na formação de professores, assim como também não há menção a uma formação de tradutores e intérpretes da língua gestual.” A LGA precisa ser protegida, promovida, usada em todas as instituições, usada nos meios de comunicação para evitar que haja exclusão social. A formação de professores é a mais urgente para que o seu ensino inicie desde o nível primário. Para mais detalhes ver o trabalho de Sachizembo (2022), disponível aqui: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/969>

## **2. Português Angolano e suas Peculiaridades: variação e mudança**

A variação e a mudança linguísticas afiguram-se como sinais de vitalidade e saúde de uma língua, dando-nos conta que ao longo do seu processo evolutivo, uma determinada língua variou e mudou para se adaptar às diferentes circunstâncias sociais,

culturais, económicas e históricas. Nesta secção, pretendemos trazer de forma sucinta, mas significativa, as principais características associadas ao VPA que já apresenta variações que se operam ao longo dos anos, as quais indiciam a vitalidade e os contornos. De acordo com Faria (2003, p. 35),

o contacto entre línguas é um dos factores que mais contribuem para desencadear variação linguística a qual, ao ser progressiva e sistematicamente incorporada nos usos dos seus falantes, levará eventualmente a uma situação de mudança de alguns parâmetros da língua. O português, tal como se tem desenvolvido, nomeadamente no Brasil e em África, revela variação que, em grande parte, resulta de uma evolução da língua fora do seu continente de origem (...).

Sendo o contacto entre línguas uma das principais razões que pode desencadear variação e conseqüente mudança linguística, o português falado em Angola não está imune aos contactos permanentes com as outras línguas maioritariamente da família bantu, resultando daí parâmetros que se distinguem tipicamente do PE e do PB.

## 2.1. Variação lexical

A situação linguística de Angola caracterizada pela dinâmica e multilinguismo e o léxico é um dos subsistemas mais dinâmicos da língua (VILELA, 1994). Naege (2017, p. 26) refere que, em termos de línguas em contacto, como foi (época colonial) e tem sido actualmente entre o português e as línguas angolanas, “houve um grande empréstimo de palavras de línguas nativas de Angola para o português (...), dada a sua plasticidade, o nível lexical (...) tem sido o mais permeável por ser campo aberto, mutável e infinito”.

De acordo com Correia e Lemos (2009, p. 1-3), é o conjunto virtual de todas as palavras da língua, as enológicas e as que caíram em desuso, as testadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua. No *corpus* composto por cento e vinte e seis (126) vocábulos, Undolo (2014) recolhe e apresenta vocábulos específicos do português de Angola, cujo tratamento das entradas lexicográficas e os termos usados foram neologismo formal interno, neologismo semântico e empréstimo, onde se apresentam a entrada do vocábulo, o artigo/definição e o contexto do uso, que passamos a descrever abaixo alguns dos vocábulos<sup>3</sup> que espelham a variação lexical:

**1. Entrada: cartar** [kar'tar] v. neol. artigo/definição **1.** transportar água à cabeça. **Contexto:** *Aqui na Samba, os moradores dos prédios têm que cartar água todos os dias.*

**2. Entrada: gasosa** [ga'zɔza] s.f. neol. artigo/definição **1.** suborno **2.** corrupção **3.** prática ilegal de pagar a uma autoridade, funcionário público ou outrem, qualquer quantia de dinheiro ou quaisquer outros favores em troca de deveres. **Contexto:** *Aqueles alunos vão passar de ano porque deram gasosa.*

**3. Entrada: maculo** [ma'kulu] s.m. emprést. artigo/definição **1.** doença comum na infância que causa enterobíase **2.** Oxiúros. **Contexto:** Os maus hábitos alimentares, e a falta de higiene, podem causar maculo. Os mais-velhos tratam o maculo com um pau próprio. **Nota:** Doença muito comum durante o período de guerra civil em Angola.

---

<sup>3</sup> Exemplos extraídos do corpus da norma do português em Angola. Tese de doutoramento em Linguística, p. 244-271. Universidade de Évora, 2014, de Márcio Undolo.

4. **Entrada:** *quimbanda* [kĩ'bãda] s.m. emprést. artigo/definição **1.** adivinho curandeiro **2.** feiticeiro **3.** indivíduo que se serve de mecanismos mágicos para a cura de uma determinada doença. **Contexto:** Para resolver o problema de saúde da Lolita, basta irmos ao quimbanda.

5. **Entrada:** *quilape* [ki'lapi] s.m. emprést. artigo/definição **1.** empréstimo com juros que uma pessoa ou entidade faz a outrem para receber de volta num período acordado por ambas as partes **2.** negócio **3.** meio de sobrevivência. **Contexto:** No fim de cada mês, as minhas contas são sempre muito apertadas por causa dos meus quilapes. **Nota:** Este vocábulo entrou no português angolano em princípios da década de 90.

6. **Entrada:** *quixiquila* [kifi'kila] s.m. neol. artigo/definição **1.** trato baseado num acordo entre duas ou mais pessoas trabalhadoras que, no fim de cada mês, juntam os salários para usufruto de uma só pessoa, sendo que cada pessoa espera pelo seu mês **2.** negócio **3.** meio de sobrevivência. **Contexto:** Sempre resolvi os meus problemas com as contas de casa através do quixiquila. **Nota:** Este vocábulo entrou no português angolano em princípios da década de 90.

7. **Entrada:** *quingla* ['kíglã] s.m. e f. emprést. artigo/definição **1.** cambista ambulante, ilegal. **Contexto:** Alguns quinglas trabalham com bancários. **Nota:** Datável da década de 90, com a economia de mercado instaurada no país.

8. **Entrada:** *zungar* [zũ'gar] v. emprést. artigo/definição **1.** vender na rua **2.** andar de casa em casa para vender produtos. **Contexto:** Se elas não zungam, os filhos não comem.

### 2.1.1. Estrangeirismos e empréstimos lexicais

Os estrangeirismos e empréstimos lexicais fazem parte de um processo de produtividade lexical, transversal a línguas modernas, podendo ocorrer em qualquer língua e/ou variedade, quer na modalidade oral ou escrita. Quer os estrangeirismos, quer os empréstimos só são possíveis havendo línguas em contacto. Freitas *et al.* (2005, p. 37) definem estrangeirismos como sendo palavras provenientes de línguas estrangeiras que não estão integradas no léxico do português, sendo empregadas na língua. Em relação ao estrangeirismo, Houaiss e Villar (2009, p. 839) referem que é uma palavra ou expressão estrangeira usada num texto em vernáculo, tomada como tal e não incorporada ao léxico da língua receptora; peregrinismo, xenismo.

Dubois (1973 citado por CHICUNA, 2014, p. 58) considera que há empréstimo linguístico quando um falar “X” usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar “Y” e que “X” não possuía; a unidade ou o traço emprestado é chamado de empréstimo. No PA podemos encontrar um enorme potencial, em termos de produtividade e criatividade lexical que propiciam. No que respeita aos empréstimos no PA, podemos destacar algumas unidades lexicais tomadas das línguas nativas de Angola para o português, algumas dessas unidades lexicais com equivalentes no PE e outras não. Podemos sim falar de estrangeirismos muito usados no PA, sobretudo provindos de línguas cujo seu estatuto é o de línguas estrangeiras. A tabela abaixo ilustra a grande inovação lexical no PA:

**Quadro n.º 1a – Empréstimos no PA e Estrangeirismos**

Empréstimo no PA	Étimo	Significado	Estrangeirismo	Étimo	Significado
<i>alembamento</i>	Do umbundo, <i>oku-lomba</i>	Pedir a mão da mulher;	<i>expert</i>	Do inglês	Especialista, perito

	ukãï	casamento			
<b>cacimbado</b>	Do quimbundo, <i>ka-sumbu</i>	ébrio; tonto	<b>Marketing</b>	Do inglês	Arte de explorar, criar e entregar valor para satisfazer as necessidades do mercado.
<b>cambutice</b>	Do quimbundo, <i>ka-mbuta</i>	Feito de ter uma baixa estatura	<b>know how</b>	Do inglês	Saberes, habilidades, destrezas

**Quadro n.º 1b – Empréstimos no PA e Estrangeirismos**

<b>Empréstimo no PA</b>	<b>Étimo</b>	<b>Significado</b>	<b>Estrang.</b>	<b>Étimo</b>	<b>Significado</b>
<b>Candogueiro</b>	Do quimbundo, <i>ka-ndonga</i>	Que faz negócios para remedeio	<b>Boss</b>	Do Inglês	Patrão, chefe
<b>Cassulinha/ caçulinha</b>	Do quimbundo, <i>ka-zuli</i>	Último da família	<b>Pendrive</b>	Do inglês	Dispositivo constituído por uma memória, possui a função de armazenamento
<b>Desbundar</b>	Do quimbundo, <i>mbunda</i>	Festejar com pompa; esbanjar	<b>Show</b>	Do inglês	Mostrar, demonstrar, apresentar-se

**Quadro n.º1c – Empréstimos no PA e Estrangeirismos**

<b>Empréstimo no PA</b>	<b>Étimo</b>	<b>Significado</b>	<b>Estrang.</b>	<b>Étimo</b>	<b>Significado</b>
<b>Descabaçar</b>	Do quimbundo, <i>kabasu</i>	fazer perder a virgindade a	<b>Ranking</b>	Do Inglês	Posição
<b>Matumbice</b>	Do quimbundo, <i>ma-tumbu</i>	ato de ser boçal, sem modos	<b>Staff</b>	Do Inglês	peçoal, equipa

<b>Zombaria</b>	Do quimbundo, <i>kuzombala</i>	acto, efeito de fazer troça, chacota	<b>Selfie</b>	Do Inglês	Auto-retrato em fotografia
-----------------	--------------------------------	--------------------------------------	---------------	-----------	----------------------------

**Fonte:** Adaptado de Hilton Fortuna Daniel, em Morfologia aglutinante no Português angolano Formação de neologismos híbridos, 2020. Revista electrónica do Netlli, ISSN 2316-1663, Vol.9, n.º4. Só os empréstimos foram extraídos do referido *corpus*.

Como se pode constatar nos quadros apresentados, há novas palavras na variedade angolana de português que são próprias daquela variedade e que não podem ser encontradas em dicionários brasileiros e portugueses.

## 2.2. Variação fonético-fonológica

A variação fonético-fonológica é um dos aspectos sonantes, que ajuda a perceber o quanto o PA marca fronteira nítida com o PE, permitindo asserir que à medida que a LP em Angola ganha mais locutores, as transformações ao nível fonético-fonológico podem ser atestadas e com base na fonética contrastiva observar-se na fala oral as características do sistema vocálico bem como as do sistema consonântico entre o PA e o PE.

Algumas das transformações constatadas e atestadas em alguns *corpora* a que faremos referência levam os seus autores a acreditar numa possível mudança e tendência de cristalização do PA, quer na fala culta (locutores escolarizados e da classe média), quer na popular (locutores pouco ou não escolarizados da classe baixa). No *corpus* recolhido por Undolo (2014), sobre o vocalismo no PA e no recolhido por Sassuco (2022), é possível atestar as diferenças na realização quer vocálica, quer consonantal entre os falantes do PE e PA.

Na análise comparativa que faz dos dois sistemas vocálicos; em relação ao PA, Undolo (2014, pp. 184-184) chega a algumas considerações pertinentes que vale ressaltar:

- [ɐ] Ao contrário do que se verifica no PE, não observamos a realização da vogal oral central média em posição átona final, mantendo-se a vogal aberta: ['kaza].
- [ɛ] No PA, esta vogal, em posição tónica, tende a ser mais frequente do que a vogal oral palatal média [e], na mesma posição. Não são raros os casos em que, inclusive, ela substitui a vogal oral palatal média [e], sempre na mesma posição. Por exemplo: [bɪ'leɛ], no PE, face a [be'leza], no PA.
- [i] Ao contrário do PE, a realização desta vogal no PA restringe-se à posição átona final: • ['disi] no PE; e, igualmente, ['disi] no PA; • [prɪzi'dɛti] no PE e [prezi'dɛti] no PA.
- Em posição pretónica, ao contrário do que acontece em PE, esta vogal não se centraliza, mantendo-se a palatal média [e]: • [ɛtrupi'tar] no PE, e [atropɛ'tar] no PA; • [ɛpubri'sɛr] no PE e [ɛpobre'sɛr] no PA.
- [ɔ] No PA, esta vogal é mais frequente do que a vogal velar média [o], em posição tónica, o que corrobora a tendência, verificada também nas vogais centrais e palatais, para a abertura das vogais nesta posição. Tome-se como exemplo os seguintes casos: • [dɪz'gɔftu] no PE e [dez'gɔftu] no PA; • [ɛ'vo], nome masculino, no PE; e [a'vɔ] para indicar o mesmo género, no PA.
- [o] Esta vogal, em alguns casos, ocorre em substituição da vogal velar fechada [u]3, em posição pretónica. • [mu'rar] no PE e [mo'rar] no PA; • [nemu'rar] no PE e [namo'rar] no PA.
- [ɛ̃] Na nossa recolha, não registamos esta vogal. Verificamos que o que existe é uma vogal central aberta, também nasal [ã], que, por sua vez, não existe em PE, constituindo-se,

assim, como um elemento exclusivo do sistema vocálico do PA: 5. [ri'kětu] no PE e [re'kātu] no PA; ['ěsjɛ] no PE e ['āsja] no PA.

Comparando as duas tabelas, nas quais estão as vogais do PE e do PA, verificámos facilmente a inexistência da vogal [ɛ] [ě] central média, existindo apenas [ã], contrastando com o PE, que na sua variedade padrão não se verifica a sua realização, facto que em certa medida demonstra a tendência de distanciamento do PA do PE. Sassuco (2022), do levantamento que faz sobre a problemática de contacto das línguas bantu de Angola e o português, no qual aborda o contacto fonético-fonológico, divide Angola em zonas/regiões de influência e suas características peculiares para demonstrar como as línguas bantu têm uma grande influência sobre aspectos fonético-fonológicos no PA. Na zona Norte que é predominantemente de locutores de Kikongo, o autor apresenta, por exemplo, o quadro em que a consoante palatal [ʒ] é despalatalizada, passando a pronúncia de uma linguodental [z]:

**Quadro nº2:** Palavras contendo /ʒ/

Palavras	PE	PA
Página	[ˈpɛʒina]	[ˈpazina]
Moagem	[mwˈɛzɛ]	[muwazi]
Assagem	[pɛˈsazɛ]	[pasazi]
Abranger	[ɛbrãʒɪr]	[abrãzir]

**Fonte:** Sassuco (2022)

Na zona Leste até ao Sudeste de predomínio dos Cokwe, Ngangela, Luvale, Lwimbi, Lucaji e outros. O autor destaca as consoantes pré-nasais, o que influencia frequentemente as consoantes oclusivas portuguesas (b, d, g para mb, nd, ng) conforme a tabela abaixo:

**Quadro nº 3:** Palavras com b, p, g, t em várias posições

Palavras	PE	PA
Bandeira	[ˈbãdɛjɾɛ]	[mban dera]
Bolacha	[ˈbulɛʃa]	[mbulaʃa]
Pato	[ˈpɛtu]	[ph atu]
Peso	[ˈpɛzu]	[phezu]
Sufrimento	[sɔfˈrimɛtu]	[sofrimen du]
Gasosa	[ˈgɛzɔzɛ]	[n gazoza]

**Fonte:** Sassuco (2022)

Na zona Sul (Centro e Sudoeste) de predomínio de Umbundu, Olunyaneka, Oshiwanyama, Oshihelero. Aqui, o autor destaca a pre-nasalização e a consoante linguodental [t] quando anteposta pela vogal nasal é sonorizada.

**Quadro n.º 4:** Palavras contendo **t, p, l, v**

Palavras	LPE	LPOA
Entender	[ĩ'tědər]	[ĩn dɛn dər]
Lâmpada	[lãpeda]	[lãbada]
Livraria	[l'ivrɛrjɛ]	[ɦi'βraʎja]
Liberdade	[li'bɛrdɛdĩ]	[ɦibɛrdadĩ]
Ouvido	[ɔwvidu]	[owβidu]

**Fonte:** Sassuco (2022)

Como se pode observar, a disposição de vogais e consoantes nas línguas bantu: [a, e, i, o, u] [p, ph, mp, b, c, bh, mb, f, mf, v, mv, t, th, n t, d, n d, s, n s, z, n z, m, l, n l, n, ny, nj, ʃ, ʒ, n ʒ, ɲ, ʎ, k, kh, n k, n g, h, x]. Posto isso, é notável que o sistema vocálico e consonantal do PA, a sua realização fonético-fonológica está fortemente influenciada pela matriz do sistema vocálico e consonantal das línguas bantu de Angola.

### 2.3. Variação morfossintática

A variação morfossintática no PA tem sido um dos aspectos a que linguistas, nos últimos anos, mais atenção dedicam, quer dizer, muitos estudos em torno da variação morfossintática do PA, a par de estudos que dão pistas apropriadas para se ensinar o português em Angola têm sido feitos, cite-se Carrasco (1988), Mingas (1998), Cabral (2005), Inverno (2009), Adriano (2014). O *corpus* de Adriano (2014) é bastante heterogéneo, abrangendo diferentes estratos sociais, razão por que nos vai servir para apresentar dados que atestam a variação morfossintática no PA, o qual resulta da recolha de gravações orais espontâneas colectadas nos diferentes órgãos de comunicação social, com realce para a Televisão Pública de Angola e Rádio Nacional de Angola.

#### 2.3.1. Concordância nominal

Segundo Serôdio *et al.* (2011, p. 188), concordância é a partilha de traços flexionais de género, número e pessoa entre duas ou mais palavras que se encontram numa da expressão ou oração, de tal modo que a variação no género, no número e na pessoa de uma delas obriga à alteração do traço correspondente na outra.

Nas construções abaixo, verificámos a falta de concordância entre os determinantes e os respectivos nomes, que também deveriam estar no plural. Em (1b e 2b) se pode observar a concordância recomendável no PE.

(1) a. **\*os programaØ** do Partido são bons para os Angolanos // [TPA1, Campanhas Eleitorais, 14.08.2012]

(2) a. **\*[...] e as mamãØ** conhecem onde vão votar // [TPA1, Telejornal, 14.08.2012]

(1b) **os programas** do Partido são bons para os Angolanos //

(2b) e **as mããs** conhecem onde vão votar //

### 3.3.2 Concordância verbal

Nos enunciados abaixo, o sujeito *deveria* concordar em pessoa e número com o verbo. As concordâncias recomendáveis no PE seriam as das alíneas (3b e 4b).

(3) a. acreditamos que esses **dez anos de paz trouxe** a esperança de vida a todos os jovens e a todos os Angolanos // [TPA1, Publicidade, 23.08.2012]

(4) a. **\*as situações de dificuldade** que os nossos amigos associados vão viver / estando nós presentes / **fará** com que o nosso background [...] desenvolva // [RH, Bué Pausado, 20.06.2012]

(3b) acreditamos que **esses dez anos de paz trouxeram** a esperança de vida a todos os jovens e a todos os Angolanos //

(4b) **as situações difíceis** que os nossos amigos associados vão viver / estando nós presentes / **farão** com que o nosso background [...] se desenvolva //

### 2.3.3. Colocação pronominal: casos de próclise e ênclise

Segundo a norma do PE, o pronome átono objecto directo ou indirecto do verbo, a sua posição lógica, normal, é a ênclise (CUNHA & CINTRA, 1984, p. 310).

No PA assiste-se ao uso da próclise em contexto em que os enunciados exigiriam a ênclise como se atesta em (5a) e (6a) construções consideradas agramaticais no PE.

(5) a. **\*me** sinto regozijado nesses aspectoØ / porque já não farei a trajectória que fazia antes // [RNA, Jornal, 23.08.2012] (415)

(6) a. **\*me** ajuda você que manda a polícia / me ajuda // [TPA1, Campanha Eleições, 17.08.2012]

No PE as construções as alternativas aceitáveis e gramaticais ou recomendáveis seriam:

(5b) Sinto-**me** regozijado nesses aspectos/ porque já não farei a trajectória que fazia nates//

(6b) Ajude-**me** você que manda a polícia/ ajude-**me**//

Contudo, seriam aceitáveis construções próclíticas nas frases negativas, enfáticas, em orações iniciadas por conjunções ou locuções subordinadas, em frases iniciadas por pronomes ou advérbios interrogativos, em frases cujo verbo é antecedido por um indefinido, em frases cujo verbo seja antecedido de certas preposições, entre outros (MIGUEL & ALVES, 2016, p. 255).

### 2.3.4. Ênclise em vez de próclise

No corpus objecto de análise, verificamos no PA uma tendência crescente e certa produtividade do uso da ênclise em contextos próprios e recomendáveis de próclise como atestam as construções abaixo:



(7)a. \*o corpo de bombeiros e a polícia empenharam-se durante duas horas para retirar os sinistrados que encontravam-se presos no veículo // [TPA1, Telejornal, 23.08.2012]

(8) a.\*estávamos a andar / a conversar / de repente alguém agarra-me / coloca-me no colo e dá-me um beijo // [RH, Cantinho do Amor, 16.09.2012]

De acordo com Miguel e Alves (op.cit, 2016), o relativo que em (7a) e o indefinido alguém em (8a) são indutores de próclise, o que, per si, torna agramaticais as referidas construções. A tradição gramatical do PE recomenda as seguintes alternativas:

(7b) O corpo de bombeiros e a polícia empenharam-se durante duas horas para retirar os sinistrados que se encontravam presos no veículo//

(8b) Estávamos a andar/a conversa/ de repente alguém me agarra/coloca-me no colo e dá-me um beijo//

## 2.4. A variação semântico-pragmática

Tratando-se de uma língua multifuncional em Angola, o português não está imune à variação semântico-pragmática, assim muitos lexemas, no PA, vão tendo traços semânticos diferentes dos do PE, e, também, do ponto de vista pragmático. Nesta secção, vamos procurar dar conta de alguns aspectos que assinalam uma variação semântico-pragmática no PA, com destaque para os modos verbais: conjuntivo e imperativo e as formas de tratamento no PA.

### 2.4.1 Conjuntivo

O conjuntivo é apresentado como denotando uma acção por se realizar. Cunha e Cintra (1984, p. 464) referem que é o modo exigido nas orações que dependem de verbos cujo sentido está ligado a desejo, condição e outras situações correlatas. Exprime, essencialmente, hipótese, dúvida, por oposição ao indicativo que exprime certeza.

Os exemplos acima expostos foram extraídos do corpus de Naege (2017) nos quais se procura verificar a frequência do uso do conjuntivo em contextos obrigatórios e o seu uso desviante substituindo-se o conjuntivo por indicativo fenómeno bastante produtivo no PA, as variáveis manipuladas foram falantes que têm português como língua segunda por oposição aos que têm o português como língua materna.

*1. Espero que ele\_\_ (ir) às manifestações do Fenacult.*

*1.1. Espero que **vá** às manifestações do Fenacult*

Os angolanos que têm português como língua materna em contexto obrigatório de conjuntivo (**vá** só 43,3%) e (**vai** 56,6%) optou pelo indicativo, tratando-se de uso desviante. Enquanto que os que têm português como língua segunda a frequência do conjuntivo em contexto obrigatório foi de (**vá** 88,3%) e (**vai** 11,6%) uso desviante ao usar o indicativo.

*2. Se as perguntas\_\_ (estar) mais claras, eu arrancava um vinte*

*2.2. Se as perguntas **estivessem** mais claras, eu arrancava um vinte*

Nesta construção em que seria expectável o uso do imperfeito do conjuntivo, os dados dão conta que 73,3% que tem português como língua materna optou por conjuntivo, 26,6% por indicativo considerado uso desviante; ao passo que os que têm

português como língua segunda 36,6% optou por conjuntivo e o uso desviante com ocorrências do indicativo foi de 63,3%

3. Quando\_\_ (haver) problemas, os órgãos de justiça intervêm.

3.3. Quando **houver** problemas, os órgãos de justiça intervêm.

A construção 3 implicaria o uso obrigatório do futuro do conjuntivo ou o presente do indicativo. Contudo, 33,3% de falantes que têm português como língua materna, optou pelo uso do conjuntivo e 66,6% de frequência de falantes que optou por infinitivo não flexionado, considerando-se como uso desviante. Em relação aos que têm português como língua segunda, tiveram uma frequência de 60% do conjuntivo e 40% optou por infinitivo flexionado considerado uso desviante.

#### 2.4.2. Imperativo

Cunha e Cintra (1984) apresentam o imperativo como o modo que veicula a ideia de “comandar”. No PA, o imperativo afirmativo e o imperativo negativo, no *corpus* oral de Adriano (2014) atesta-se uma variação no uso.

9 a \*como é ? **não fica** assim // eu estou a voltar p’ Angola / amanhã sabes que quando estiveres com saudade é só ligar / tu sabes // [...] [TPA1, Encenação, Publicidade, 27.08.2013]

10 a \*neste sábado / grande comício no Kalembe dois / [...] Venha participar / oiça a mensagem [...] / **não falta** // contamos consigo. [RNA, Campanhas Eleitorais, 24.08.2013]

Na norma do PE, o imperativo seria empregado do seguinte modo:

9 b \*como é ? **não fiques** assim // eu estou a voltar p’ Angola / amanhã sabes que quando estiveres com saudade é só ligar / tu sabes //

10 b \*neste sábado / grande comício no Kalembe dois / [...] Venha participar / oiça a mensagem [...] / **não falte** // contamos consigo.

#### 2.4.3. Formas de tratamento

No recente estudo sobre as formas de tratamento, Nauege (2022) mostra que a variação semântico-pragmática das formas de tratamento no PA divergem da norma europeia. O autor explica que as formas de tratamento “têm como função primacial estabelecendo a relação entre os interactantes, tendo em conta os contextos e status de ambos. Deste modo, revelam o tipo de relação existe entre os interactantes, podendo ser taxémica ou proxémica, embora a escolha da Forma de Tratamento (FT) muitas vezes resulte de uma estratégia que cada falante adopte em função dos reais objectivos que o levam a contactar o seu interlocutor” (NAUEGE, 2022, p.126). No *corpus* do estudo, em que se analisam formas de tratamento **Tu**, **Você** e **Vós**, Nauege (2022, pp. 132-134) conclui que

a forma de tratamento Tu (...) é pouco empregue pelos falantes angolanos no seu dia a dia, é ensinada formalmente nas escolas como a FT que corresponde à 2ª pessoa do singular, preferencialmente se emprega o Tu entre próximos, íntimos, entre amigos, colegas e/ou entre pais e filhos, sendo uma forma que carrega os valores semânticos de +proximidade, +confiança, -afastamento, nem sempre -respeito (por que

pode ser o Tu empregue entre pessoas que não são da mesma idade, mas são próximas). Em Angola está generalizado o emprego de Você substituindo o Tu em quase todas as suas dimensões, veiculando os valores semânticos de + proximidade, -afastamento, +intimidade, + confiança, e até certo ponto, + respeito, por oposição ao Tu que embora não se use com frequência se tem consciência da sua existência como a FT que traduz melhor os valores semânticos -distanciamento, +proximidade, +intimidade, +confiança, -afastamento (...). Em Angola, a FT Vós, desde o ponto de vista pragmático vai-se reduzindo a um latente desaparecimento, passando a ser visto como resquício de um paradigma de FT que pertence ao passado, representando ora um tratamento majestático quando se utiliza para uma pessoa, ora como 2ª pessoa do plural representando vários alocutários. (...) É cada vez mais produtiva a utilização de vocês em detrimento de Vós, quer no discurso oral, quer no discurso escrito até em contextos formais, salvo em alguns ambientes ou cerimónias religiosas e de Estado em que se exija o recurso a Vós.

Finalmente, o autor apresenta o quadro das formas de tratamento, no qual se ressalta uma proposta com formas de tratamento emergentes no PA.

**Quadro 5:** As FT no Português de Angola

Pronominais		Ocorrência/uso	Grau de escolaridade
<b>Singular</b>	Tu	Decadente	+
	Você	Frequente	+/-
<b>Plural</b>	Vós	Decadente	+
	Vocês	Frequente	+/-
<b>Nominais</b>			
	Senhor/a	Frequente	+/-
	Senhores/as	Decadente	-
<b>Outras FT nominais emergentes no PA</b>			
<b>Grau de escolaridade</b>			
	<b>Tio/a, tios/as</b> <b>Mano/a, manos/as</b>	Frequente	-

**Fonte:** Naege (2022, p.135)

### 3. O Futuro da Língua Portuguesa em Angola

Angola é um país cuja população e cultura são heterogéneas vindas dos Bantu e dos Khoisan. De acordo com Sassuco, “o contacto das línguas bantu (LB) com o português no mesmo território, nos mesmos grupos sociais ou, ainda, na mesma força

social, oferecem uma cedência de uma ou outra palavra, de um sotaque ou outro culminando com contacto de culturas que afectam em grande medida a estrutura de cada uma das línguas em contacto” (SASSUCO, 2021, p. 15).

Os programas de ensino da Língua Portuguesa devem incluir discussões sobre a variação linguística nos currículos educacionais, de forma a combater o preconceito e os mitos linguísticos. Uma variedade não é uma língua, quer dizer, a variedade respeita e segue as normas da língua. Variar não significa abandonar na totalidade as regras da língua, por isso haverá inteligibilidade entre os falantes de diversas variedades.

O PA é resultante de séculos de contactos linguísticos entre o português e as línguas africanas, europeias e asiáticas faladas naquele espaço. O PA é uma variedade falada no espaço geográfico de Angola e que reflecte as experiências e particularidades culturais e sócio-históricas do Povo angolano. A escola perpetua um ensino de língua voltado para a aprendizagem de regras gramaticais (gramática normativa) e que considera apenas a norma-padrão como a variedade “correcta” para ser usada. Os dicionários utilizados apresentam aspectos léxico-semânticos da variedade europeia, o que provoca distanciamento com a realidade angolana cujo léxico predominante são os angolanismos. Há necessidade urgente de criação de gramáticas e dicionários que mostram a variedade angolana do português.

As línguas autóctones angolanas estão ligadas aos grupos étnicos existentes no país, cumprindo as suas funções comunicativas e expressando a identidade e cultura desses povos. A não oficialização dessas línguas estigmatiza os seus falantes e nega a possibilidade de serem reconhecidos os seus idiomas como sistemas de plena realização comunicativa. Os estudos das línguas dos Khoisan ainda não estão nem na fase inicial em Moçambique. Não há estudos em andamento nas universidades, não há incentivo ao ensino nem deslocamento de linguísticas para as comunidades.

Os ritos das culturas africanas também são expressos por meio de uma língua africana, e que só a língua étnica pode transmitir valores tradicionais. É por meio das línguas autóctones que os angolanos se comunicam com os seus antepassados, o que significa que a língua africana não é um simples instrumento de comunicação, mas também um elo entre os vivos e os mortos. As línguas africanas são importantes e devem ser preservadas e ensinadas nas escolas angolanas. Por outro lado, é preciso proteger esta riqueza imaterial angolana que é de suma importância para a identidade angolana.

## REFERÊNCIAS

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas frásicas do português em Angola – Divergências em relação à norma europeia*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora.

Álves, M. J.; Timbane, A. A. (2017). A dinâmica do português brasileiro na Imprensa escrita: o caso de empréstimos e estrangeirismos lexicais. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*. Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 8-25.

Angola. (2016). *Lei n.º10/2016*. Lei das acessibilidades que estabelece as normas gerais, condições e critérios para as pessoas com deficiência ou com mobilidade condicionada. Luanda, Assembleia da República.

Angola (2010). *Constituição da república de Angola*. Luanda: Assembleia Nacional.

Basoni, F. C.; Witches, P. H. (2020). Políticas linguísticas para surdos em países lusófonos. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1340-1358, out.-dez.

Cabral, L. (2005). *Complementos verbais Preposicionados do português em Angola*. Tese de mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Carrasco, A. (1988). *Subsídios para o estabelecimento da norma do Português em Angola*. (Monografia de licenciatura). Lubango: Instituto Superior de Ciências da Educação.

Chicuna, A. M. (2014). *Portuguesismos nas Línguas Bantu*. Para um Dicionário Português Kiyombe. Edições Colibri.

Correia, M.; Lemos, L. S. P. de. (2009). *Inovação lexical em português*. Edições Colibri. Lisboa.

Cunha, C.; Cintra, L.(1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições Sá da Costa Lisboa

Dala, N. (2014). Necessidade de um estatuto para a Língua Gestual Angolana. in: *Observatório de Imprensa*. Disponível em: <https://observatorioidaimprensa.net/necessidade-de-um-estatuto-para-lingua-gestual-angolana/> .Acesso em: 12 ago. 2022.

Faria, I. H. (2003). “Contacto, Variação e Mudança Linguística”. Mateus, M. H. M. *et al.* (Org.). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Fehn, A. M. (Eds., 2017): *Khoisan Languages and Linguistics*. Proceedings of the 4th International Symposium July 11-13, 2011. Riezlern/Kleinwalsertal. Köln: Rüdiger Köppe Verlag.

Fernando, M.; Timbane, A. A. (2022). Emergência da normatização das variedades do português de angola e de Moçambique: avanços e desafios. In: Langa Da Câmara, C.; Timbane, A. A. (Org.). *Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique*. Itapiranga/SC: Schreiben, 2022. p.149-174.

Freitas, T.; Ramilo, M.C.; Soalheiro, E. (2005): O processo de interação dos estrangeirismos no português europeu. In: Mateus, M.H.M.; Nascimento do, F.B. (Org). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Caminho.

Heine, B.; Nurse, D. (2000). *African languages: an introduction*. Cambridge: CUP.

Houaiss, A.; Villar, M. de S.(2009). *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objectiva.

Instituto Nacional De Estatísticas. (2014). *Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e da Habitação de Angola*. Luanda: INE.

Inverno, L. (2009). A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal”. In: Carvalho, A. M. (ed), *Português em Contacto*, Frankfurt am Main/Madrid: Iberoamericana-Vervuert, p.87-106

Ki-Zerbo, J. (2006). *Para quando África?* Entrevista com René Holenstein.Trad. Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas.

Kondja, J. E. (2023). Khoisan de Angola: Descrição e análise comparativa do vocabulário das variantes (línguas) !Khun(Khoisan) da província do Cunene. *Njinga & Sepé:Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº1, p.156-184, jan.-jun. 2023.

Kondja, J. E. (2021). *Reunião do grupo de estudos sobre os povos Khoisan*. 2021.08/09/2021.2021.(2h01m17s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iIP29Ab4uJA&t=6454s>. Acesso em: 12 ago. 2022.

Maho, J. (2003). «A classification of the bantu languages an update of Guthrie's referential system» in: Nurse, D.; Philippson, G. (Ed.). *The Bantu languages*. Londres: Routledge p.639-650.

Maho, J. F. (2009). *NUGL Online*. The online version of the New Updated Guthrie List, a referential classification of the Bantu languages. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20180203191542/http://goto.glocalnet.net/mahopapers/nuglonline.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2021.

Miguel, H. S.; Alves, M. A. (2016). *Saber mais: Manual de Língua Portuguesa para o ensino universitário*. Luanda.

Miguel, M. H. S.; Alves, M. A. (2016). *Linguística, linguagem e literatura*. Luanda, s.e., 2016.

Mingas, A. A. (1998). "O Português em Angola: Reflexões". In: VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, vol. I. Macau: Centro Cultural da Universidade de Macau

Naeuge, J. M. (2017). *Da norma à variação: Estudo de caso sobre o uso do Conjuntivo no Português de Angola*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Évora. Portugal.

Naeuge, J. M. (2022). As formas de tratamento no Português de Angola: Contributo semântico-pragmático. In: Timbane, A. A.; Sassuco, D. P.; Undolo, M. E. S. (Org.) *O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*. São Paulo, 2021.

Ngunga, A. (2015). *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária.

Olderogge, D. A. (2010). Migrações e Diferenciações étnicas e linguísticas. In: Ki-Zerbo, J. (Org.). *História Geral da África*, I: Metodologia e Pré-História da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, p. 295-316.

Pedro, J. (dez.2021). Dinâmica das formas de tratamento no português veiculado em Angola. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.322-340.

Pedro, L. T.; Mussili, P. L. (2022). Os khoisan de Angola perante os desafios do panorama actual: a integração sócio-político e económico dos povos kwedi e !kung (khoisan) do Cunene. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.623-643.

Petter, M. (2015). *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto.

Sablayrolles, J. F. (2006). La néologie aujourd'hui. In: Gruaz, C. (Org.). *A la recherche du mot: de la langue au discours*. Limoges: Lambert-Lucas. p. 141-157.

Sassuco, D. P. (2022). Problemática de contacto das Línguas Bantu de Angola e o Português: um olhar sobre o contacto fonético-fonológico. In: Timbane, A. A. ; Sassuco, D. P.; Undolo, M. E. S. (Org.). *O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*. São Paulo: Opção.

Sassuco, D. P. (2016). Pistas essenciais para um português de Angola. In: Leite, I. B. V.; Severo, C. G. (Org.). *Kadila: culturas e Ambientes, Diálogos Brasil-Angola*. São Paulo: Blucher. pp. 199-228.

Serôdio, C. *et al.* (2011). *Nova gramática didáctica de português*. Santillana Constância. Lisboa.

Severo, C. G.; Sassuco, D. P.; Bernardo, E. P. J. (2019). Português e línguas bantu na educação angolana: da diversidade como “problema”. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas-SP, n. 43, p. 290–307, jan./jun.

Severo, C.; Sassuco, D.; Bernardo, E. P. J. (jan.-jun. 2019). Português e Línguas Bantu na Educação Angolana: da diversidade como “problema”. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n.43.

Timbane, A. A.; Santana, Y. F. D; Afonso, E. V. S. (2019). A cultura hip-hop e os angolanismos léxico-semânticos em Yannick Afroman: a língua e a cultura em debate. *Afluente*, Bacabal - Maranhão, vol.4, n.12, p. 104-128, mai./ago.

Timbane, A. A; Sassuco, D.P; Undolo, M. (Org.).(2021). *O português de/em Angola: peculiaridades linguísticas*. São Paulo: Opção.

Undolo, M. E. da S. (2014). *Caracterização da norma do português em Angola*. 330p. Tese. Doutor em Linguística. Universidade de Évora, Instituto de Investigação e Formação Avançada, Évora.

Vilela, M. (1994). *Léxico e Gramática*. Lisboa: Almedina Coimbra.

Zau, D. G. D. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: um contributo para o estudo da sua nacionalização*. 204f. 2011. Universidade da Beira Interior, Departamento de Letras, Covilhã, 2011.

# **FONOLOGIA**



# 2

## CARACTERÍSTICAS FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS REALIZADO NO CUANDO CUBANGO

### Para uma Descrição Dialectológica do Português Angolano (PA)

Valentim Francisco MOREIRA

#### Introdução

O presente estudo tem como objectivo identificar as principais características fonológicas do Português realizado no Cuando Cubango (abreviadamente denominado PCC). Para o efeito, usamos duas técnicas de pesquisas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental de fonte secundária. A pesquisa bibliográfica permitiu-nos definir o objecto de estudo; escolher o tema e formular a questão de partida ou problema e analisar os resultados obtidos.

A pesquisa documental de fonte secundária, por sua vez, possibilitou-nos constituir o *corpus* de análise, registar por gravação áudio um conjunto de sequências proferidas por falantes entrevistados, a partir de diversos programas da Rádio Cuando Cubango, no período de Julho de 2021 a Março de 2022. Destacamos como principais características fonológicas do PCC: (i) a realização do fonema /a/ como central aberta [a] em todos os contextos ou ambientes fonológicos; (ii) a desnasalização das sequências fonológicas /uN/, /eN/, /oN/ e /iN/ e (iii) a pré-nasalização ou, mesmo, nasalização dos fonemas /d/, /b/, /p/ e /g/.

O presente estudo é um extracto da nossa dissertação de mestrado em Ensino da Língua Portuguesa, intitulada *Características Gramaticais do Português do Cuando Cubango e Ensino da Gramática na Perspectiva Funcionalista*. A mesma foi realizada com o objectivo de contribuir para a descrição do Português Angolano, com vista a melhorar o ensino da gramática da Língua Portuguesa (LP) em Angola. O Português do Cuando Cubango (PCC), nosso principal objecto de estudo, é uma variante da variedade do Português Angolano (PA) e, tal como as outras variantes da língua portuguesa em

Angola, é, em parte, o resultado do contacto entre as Línguas Nacionais (LNs) e o Português.

A realidade exposta no parágrafo anterior remete-nos a uma situação de presumível divergência fonológica entre a variante em estudo e o Português Europeu (PE). Relevando tal facto, levanta-se a seguinte questão/problema: Que características fonológicas o português do Cuando Cubango apresenta? Ou quais são as principais características fonológicas do PCC?

Desta forma, o presente estudo tem como objectivo identificar as principais características fonológicas do PCC. Partimos da hipótese de que, dada a realidade linguística que caracteriza a província do Cuando Cubango (plurilingue), a língua portuguesa, nessa localidade do nosso país, apresenta características fonológicas particulares e divergentes do PE.

Considerando a questão/problema, o objectivo e a hipótese levantadas, o nosso estudo torna-se relevante na medida em que constitui um contributo directo para a descrição dialectológica do PA e, mormente, para a sua normalização, pois, como defende Calvet (2007), para a padronização ou normalização de um língua, em contextos como o nosso, é necessário que se façam estudos precisos das variantes dialectológicas para se estabelecer, como norma, uma forma ou variante intermédia ou, ainda, um lugar comum, facilmente realizável pelos falantes.

O presente estudo dispõe de cinco partes: (i) *introdução*, onde apresentámos o objecto, a questão de partida, o objectivo e a importância do estudo; (ii) *metodologia de estudo*, na qual descrevemos o modo como o estudo foi realizado, apresentando os métodos ou técnicas de pesquisa que possibilitaram a recolha e a análise dos dados; (iii) *apresentação dos resultados*, na qual apresentámos os dados e o modo como foram recolhidos; (iv) *análise dos resultados*, parte que revela a descrição dos resultados apresentados na parte anterior e (v) *considerações finais*, onde recapitulámos, em forma de síntese, os resultados e a análise apresentados no estudo.

## **1. Metodologia de Estudo**

Para dar resposta à questão de partida e concretizar o objectivo pretendido, optámos por usar as seguintes técnicas de pesquisa: (i) pesquisa bibliográfica e (ii) pesquisa documental de fonte secundária (Marconi & Lakatos, 2010). A pesquisa bibliográfica permitiu-nos: (i) definir o objecto de estudo; (ii) escolher o tema e formular a questão de partida ou problema e (iii) analisar os resultados obtidos.

A pesquisa documental de fonte secundária, por sua vez, possibilitou-nos a constituição do *corpus*meio da gravação de sequências proferidas por falantes entrevistados nos diversos programas da Rádio Cuando Cubango no período que vai desde Julho de 2021 a Março de 2022.

### **1.1. Caracterização dos informantes**

Tendo em conta a conversa que os jornalistas mantiveram com os seus interlocutores (os nossos informantes), foi possível detectar que muitos deles são administradores municipais e comunais, comandantes municipais ou efectivos da Polícia Nacional, com diversos cargos de direcção; efectivos ou oficiais superiores das Forças Armadas Angolanas, também com cargos de destaque; jornalistas, professores, estudantes, delegados provinciais de departamentos ministeriais, desportistas, líderes

religiosos, para além de cidadãos comuns. Relativamente à idade, elas variam entre 12 e 60 anos, sendo todos residentes no Cuando Cubango<sup>4</sup>.

Desta feita, os nossos informantes constituem um grupo heterogéneo com o nível de escolaridade que vai desde o ensino primário ao superior, não descartando a possibilidade de haver alguns sem qualquer nível. A nossa forma de agir na selecção dos informantes para a constituição do *corpus* é sustentada por aquilo que Bacelar do Nascimento *et al* (1987) recomendam. Segundo estes autores, para uma descrição global da língua, não se deve privilegiar um determinado código e a hierarquia dos usos (citados por Adriano, 2014, p. 150). Por esta razão, dispensamos do nosso estudo a estratificação social do Cuando Cubango.

## 1.2. Constituição do *Corpus*

Perini (2006) refere que, para a colheita de dados que sirvam de confirmação de hipóteses e concretização de objectivos em investigação linguística, se deve usar a análise de *corpus*, definido pelo mesmo como um conjunto de enunciados falados (transcritos) ou escritos que reflectem a realidade sem preconceitos teóricos. Ao se tratar de uma pesquisa linguística, com vista a alcançar mais claramente os objectivos, escolhemos a técnica de análise de *corpus* para a descrição do PCC.

A recolha do material que possibilitou a constituição do *corpus* para a descrição do PCC foi possível por meio da gravação de falas de cidadãos residentes no Cuando Cubango (entrevistados pelos profissionais da Rádio Cuando Cubango), usando um aplicativo leitor de rádio instalado num *smartfone* ITEL-17, que facilita a gravação directa das falas, a partir da emissão dos programas.

Feita a gravação das falas, passámo-las para o computador a partir do qual foi possível fazer a distribuição das falas e a identificação dos programas radiofónicos assim como a data em que foram emitidos. Como resultado deste procedimento, alistámos seis (6) programas, tendo em conta a importância e as oportunidades de pronunciamento que dão aos cidadãos e a categoria dos referidos programas. O quadro a seguir apresenta os programas seleccionados, realçando a categoria e o dia da gravação.

**Quadro 1:** Designação e Categoria dos Programas Seleccionados

Designação do Programa	Categoria	Data de Emissão/Edição
<b>Globo Informativo (GI)</b>	Informativo e actualidade com reportagens	1 de Julho de 2021 e 2 de Março de 2022
<b>Fairplay (F)</b>	Informativo desportivo	16 de Janeiro de 2022
<b>Carrossel das Estrelas (CE)</b>	Entretenimento com reportagens (programa infantil)	6 de Julho de 2021 e 11 de Janeiro de 2022
<b>Expresso da Manhã (EM)</b>	Informativo e actualidade com reportagens	17 de Janeiro de 2022

<sup>4</sup>A caracterização feita baseou-se na que Adriano (2014) faz dos seus informantes.

É importante salientar que, embora tenhamos gravado as edições completas, não transcrevemos as falas por completo. Seleccionámos apenas as falas de alguns informantes, tendo em conta os objectivos e a dimensão do nosso estudo, assim como a quantidade e transversalidade dos assuntos abordados nos programas seleccionados.

### 1.2.1. Convenção adotada na transcrição dos dados orais

Durante a constituição do *corpus*, tivemos em conta alguns procedimentos usados nos estudos baseados em *corpora*, tendo em conta o que se vê nos estudos de Adriano (2014) e Miguel (2019).

Tais procedimentos dizem respeito ao “protocolo de transcrição”, como designa Miguel (2019), apresentado no quadro 2, e à “identificação das falas dos falantes”, no *corpus* apresentado em anexo.

**Quadro 2<sup>5</sup>:** Protocolo de Transcrição

Símbolos	Função	Exemplos
//	Pausa prolongada, conclusão de ideias e final de falas de um informante.	[i] ['temu] [ØØtadu] [mwĩtu] [kõgratu'laduØ]/ [i] [a] [meØ'sa3iØØ] [ki] ['temu] [Rese'bidu] [da] [popula'sãw]/ [te'jẽ] [sidu] [mwĩtu] ['boaØ]//
/	Pausa curta (corresponde à vírgula na escrita normal).	[ta'mØẽ] [fi'kamu] [sati'fejtuØ] [kõ]/ [kõ] [a] [sitwa'sãw] [du] [kõ'trõlu] [i]
[...]	Eliminação de expressões ou construção tidas como desnecessárias ou menos importantes.	[na] ['nosa] [i'grɛ3a] [nãw] [a] ['faʎa]// [diʃtaØsja'mẽtu]/ [la'va3iØ] [a3] [mãw] [i] [lĩ'par] [a] [mãwØ] [...]//
xx	Identificação de palavras ou sequências incompreensíveis.	[u] [teRi'tõrju] <b>xx</b> [u] ['krimiØ] [sãw] [a'kelij] [ki] [u] [Komã <sup>m</sup> dãti] [do'mina]/

Cada informante foi identificado no *corpus* por uma letra minúscula do alfabeto português, antecedida pela letra <I> (informante) e seguida da sigla que representa o programa (a sigla pode ser confirmada no quadro 1) e a data em que o mesmo foi emitido pela Rádio Cuando Cubango como a seguir se exemplifica:

- i. [...] [pɾĩsipal'mẽti] [a'keli] [deliØ'kwẽti]/ [u] [ka'paku] [ki] [ãĩdõ] [a'ki]/ [ki] [sõ] ['fõj] ['mɛØmu] ['ɛsi] ['nõsu] ['tẽpu] [ki] ['fõj]/ [ki] ['fõj] [apa'nadu]// **[Ia, GI, 01.07.2021]**

<sup>5</sup> Fonte: Elaborado com base em Miguel (2019) e Adriano (2014).

### 1.2.2. Transcrição fonética do *corpus*

A constituição do *corpus* teve como fase final a transcrição, ou seja, a transposição dos dados orais no papel como é característico dos estudos de linguística de *corpus*.

Dada a especificidade da nossa análise (análise fonológica), fizemos a transcrição fonética dos dados que consiste na transposição gráfica da fala, usando um alfabeto fonético no qual cada símbolo corresponde a um fonema, possibilitando a observação e percepção da realidade fónica ou fonológica da língua em estudo (GALLISSON & COSTE, 1983).

Foi precisamente para descrever e identificar as particularidades fonológicas reais do PCC que optámos pela transcrição fonética dos dados orais. Para tal, usámos os símbolos fonéticos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI), considerando as adaptações feitas no Português Europeu (PE) e brasileiro (PB) em Mateus, Falé e Freitas (2005) e Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011), respectivamente.

De acordo com Mateus, Falé e Freitas (2005), existem dois tipos de transcrições fonéticas: a transcrição larga e a estreita. Embora se diga que a transcrição estreita oferece mais dados, sendo que a nossa análise se focou mais na estrutura fonológica das palavras, com o objectivo de perceber melhor as realizações dos fonemas no contexto da palavra e não da frase, optámos pela transcrição larga, como se pode ver no *corpus* em apêndice.

Dada a complexidade da transcrição fonética e a falta de meios técnicos que o possibilitam (programas electrónicos próprios para a audição e edição de dados orais), assim como a dimensão do estudo, alertamos que a mesma não representa a totalidade do material seleccionado.

## 2. Apresentação dos Resultados

Martinet (2014) realça que os traços distintivos pertinentes e as variantes dos fonemas são retirados da maneira como os fonemas são realizados pelos órgãos da fala. Ou seja, a análise fonológica dos fonemas faz-se partindo dos dados fornecidos pela fonética articulatória. De acordo com esta observação, tendo em conta o modo como os fonemas foram realizados foneticamente pelos informantes, obtivemos os seguintes resultados:

**Quadro 3<sup>6</sup>:** Realização do Fonema /a/ no PCC

Ambiente Fonológico <sup>7</sup>	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Dominamos	[domi'namu]	[Ia, GI, 01.07.2022]
	Provincial	[provĩsi'aØ]/	[idem]
	Parque	['parki]	[Ie, GI, 01.07.2022]

<sup>6</sup>Para facilitar a consulta dos quadros presentes no estudo, segue-se uma ordem crescente partindo do quadro (1).

<sup>7</sup>Os ambientes ou contextos fonológicos apresentados nos quadros foram retirados em (Mateus, Falé & Freitas, 2005) baseado no PE.

<i>(ii) Átona pré-tônica</i>	Caderno Aqueles Dezanove	[ka'dɛrnu] [a'kɛlaʒ] [deza'nɔve]	[Ie, GI, 01.07.2022] [Ia, CE, 11.01.2022] [Ib, CE, 06.07.2021]
<i>(iii) Átona pós-tônica não final</i>	Máscaras	['maʃkaraʃ]	[Ia, GI, 01.07.2022]
<i>(iv) Átona final</i>	Péssima Motivadoras Doença	['pɛsima] [mutiva'dɔraʃ] [du'ɛsa]	[Ia, F, 16. 01.2022] [Ib, CE,06.07.2021] [Ic, EM,17.01.2022]

Quadro 4: Realização da Sequência /aN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tônica</i>	Portanto Criança Amanhã Ambito	[pur'tãtu] [kri'ãsa] [ama'ɲã] [ã <sup>n</sup> bitu]	[Ia, EM, 17. 01.2022] [Id, CE, 11.01.2022] [Ie, GI, 01.07.2021] [Ic, GI, 01, 07. 2021]
<i>(ii) Átona pré-tônica</i>	Angola Mandamos	[ã <sup>n</sup> gɔla] [mã <sup>n</sup> damuʃ]	[Ie, GI, 01. 07. 2021] [Ia, F, 16. 01. 2022]
<i>(iii) Átona pós-tônica final</i>	Acompanham	[acõ <sup>n</sup> paɲãw]	[Ib, F, 16. 01. 2022]

Quadro 5: Realização do Fonema /e/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tônica</i>	Época Desde Decreto Até	['ɛpoka] ['dɛʒdi] [de'krɛtu] [a'tɛ]	[Ia, GI, 01.07. 2021] [Ib, GI, 01. 07. 2021] [idem] [Ia, CE, 06. 07. 2021]
<i>(ii) Átona pré-tônica</i>	Menongue Escrevemos Agradecemos Estamos	[me'nɔ <sup>n</sup> gi] [Øʃkre'vemoØ] [agrade'sɛØ] [Øʃ'tamuʃ]	[If, GI, 01. 07. 2021] [Ia, F, 16. 01. 2022] [Ib, F, 16. 01. 2022] [Ia, GI, 01. 07. 2021]
<i>(iii) Átona pós-tônica não final</i>	Fenómenos Gêneros Viveres	[fe'nɔmenuØ] ['ʒɛneruʃ] ['viveriʃ]	[Ig, GI, 01.07.2021] [Ia, F, 16. 01. 2022] [idem]

<i>(iv) Átona final</i>	Porque	['purki]	[Ic, EM, 17. 01. 2022]
	Presente	[pre'z̃eti]	[Ib, F, 16. 01. 2022]
	Cuanavale	[kwana'vaŋØ]	[If, GI, 01. 07. 2021]
	Dezanove	[deza'nɔvi]	[idem]
	Dificuldades	[difikuʔ'dadij]	[Ia, GI, 01. 07. 2021]

**Quadro 6:** Realização da Sequência /eN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Entre	[ˈɛtre]	[Ia,GI,01.07.2021]
	Sempre	[ˈs̃ɛpri]	[Ib,F,16. 01.2022]
	Sensivelmente	[s̃ɛ̃jsiveʔ'm̃ɛti]	[Ib,GI,01.07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	Ensino	[ˈɛ̃j̃'sinu]	[Id,CE,11.01.2022]
	Engenheiro	[ˈɛ̃j̃ʒi'ɲeØru]	[Ib,CE,11.01.2022]
	Desempenho	[dez̃ɛ̃j̃'peɲu]	[Ia,EM.17.01.2022]
	Sensibilizar	[s̃ɛ̃jsibili'zaØ]	[Ib, GI, 01.07.2021]
	Manutenção	[manuØteØ'sãw̃]	[Ib, F,16. 01. 2022]
<i>(iii) Átona pós-tónica final</i>	Mensagem	[m̃ɛ̃j̃'saʒiØ]	[Ia, CE, 11. 01. 2022]
	Brinquem	['brĩk̃ɛ̃j̃]	[Ib, CE, 06, 07. 2021]

**Quadro 7:** Realização do Fonema /o/ no PCC

Ambiente Fonológico <sup>8</sup>	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Fenómenos	[fe'nɔmenuØ]	[Ig,GI, 01.07.2021]
	Jogadores	[ʒoga'dɔri]	[Ie,GI, 01.07.2021]
	Todo	[ˈtɔdu]	[Ia,GI,01. 07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	Obrigado	[ɔbri'gadu]	[Ib,F, 16. 01. 2022]
	Aproveito	[apro'vejtu]	[Ia,CE,06.07.2021]
	Motivadoras	[motiva'dɔraʃ]	[Ib,CE,06.07.2021]
<i>(iii) Átona pós-tónica não final</i>	Cómodos	[ˈkɔmoduØ]	[Ia,F, 16. 01. 2022]
<i>(iv) Átona final</i>	Organismo	[orga'niʒmu]	[Ia,EM,17.01.2022]
	Estamos	[Øʔ'tamuz]	[Ib,GI,01. 07. 2021]

<sup>8</sup> Os ambientes ou contextos fonológicos apresentados nos quadros (3) e (4) foram retirados em Mateus, Falé e Feitas (2005) baseados no PE.

**Quadro 8:** Realização da Sequência Fonológica /oN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonológico	Referência
<i>Acentuada ou tónica</i>	Onde	[ˈɔ̃di]	[Ia, GI, 01. 07. 2021]
	Direcções	[dire'sɔ̃z]	[Ih, GI, 01.07. 2021]
<i>Átona pré-tónica</i>	Acontecer	[akõte'seØ]	[If, GI, 01. 07. 2021]
	Conferência	[koØfe'r̃esja]	[Ia, F, 16. 01. 2022]
	Montou-se	[mõ <sup>nt</sup> ɔsi]	[Ib, GI, 01. 07. 2021]

**Quadro 9:** Realização do Fonema /i/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Organismo	[orga'niʒmu]	[Ia,EM,17.01.2022]
	Fundamentais	[fũ <sup>n</sup> damẽ'taØ]	[Id,GI,01.07. 2021]
	Brincadeiras	[brĩka'deØraØ]	[Ib,CE,06.07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	Obrigado	[obri'gadu]	[Ib,F, 16. 01. 2022]
	Motivadoras	[motiva'dɔra]	[Ib,CE,06.07.2021]
<i>(iii) Átona pós-tónica não final</i>	Ofício	[o'fisju]	[Ia,F,16.01.2022]
<i>(iv) Átona final</i>	sem registro no corpus	-----	-----

**Quadro 10:** Realização da Sequência Fonológica /iN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Mavinga	[ma'vĩ <sup>n</sup> ga]	[If,GI,01.07.2021]
	Mingas	[ˈmĩ <sup>n</sup> ga]	[Ie,GI,01.07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	imprensa	[ĩ'pr̃esa]	[Ia,F,16.01.2022]
	delinquente	[deliØ'kw̃eti]	Ia,GI,01.07.2021]
<i>(iii) Átona pós-tónica não final</i>	sem registro no corpus	-----	-----
<i>(iv) Átona final</i>	sem registro no corpus	-----	-----



**Quadro 11:** Realização do Fonema /u/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Uma Esquadra	['uma] [Øʃ'kwadra]	[Ib, GI, 01.07.2021] [Ia, GI, 01.07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	Dificuldades Comunal	[difikuʔ'dadij] [komuni'dadiØ]/	[Ia, GI.01.07.2021] [Idem]
<i>(iii) Átona pós-tónica não final</i>	Sem registro no corpus	-----	-----
<i>(iv) Átona final</i>	Sem registro no corpus	-----	-----

**Quadro 12:** Realização da Sequência Fonológica /uN/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<i>(i) Acentuada ou tónica</i>	Rivungo	[Ri'vũ <sup>n</sup> gu]	[If, GI.01.07.2021]
<i>(ii) Átona pré-tónica</i>	Função	[fuØ'sãw]	[Ia, GI.01.07.2021]
<i>(iii) Átona pós-tónica não final</i>	Sem registro no corpus	-----	-----
<i>(iv) Átona final</i>	Sem registro no corpus	-----	-----

**Quadro 13:** Realização dos Fonemas /b/, /d/, /p/, /g/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<b>(i) Inicial</b>	Passada	[pa'sada]	[Ib,GI,01.07.2021]
	Delegado	[dele'gadu]	[Ia, GI,01.07.2021]
	Brincadeira	[brĩka'deØraØ]	[Ia,CE,06. 07. 2021]
	Gabinete	[gabi'neti]	[Id,GI.01.07.2021]
<b>(ii) Medial</b>	Aprendizagem	[aprẽ <sup>n</sup> di'zaʒiØ]	[Id,CE, 11. 01. 2022]
	Embora	[ẽ <sup>j</sup> 'mbora]	[Ib, GI, 01. 07. 2021]
	Também	[tam'Øẽ <sup>j</sup> ]	[Ib, F, 16. 01. 2022]
	Acompanhas	[acõ <sup>n</sup> pa'naØ]	[Id,CE,16. 01. 2022]
	Angola	[ã <sup>n</sup> gola]	[Ie,GI, 01.07.2021]
<b>(iii) Final</b>	Sem registro no <i>Corpus</i>		-----

**Quadro 14:** Realização dos Fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Fonológico	Nível Fonético	Referência
<b>(i) Inicial</b>	Situação	[sitwa'sãw]	[Ia, F, 16. 01. 2022]
	Chamamos	[ʃa'mamuØ]	[Ia. GI.01. 07. 2021]
	Junto	[ʒũtu]	[Ib. GI,01. 07. 2021]
<b>(ii) Medial</b>	Dessa	[dɛsa]	[Ic, GI, 01. 07. 2021]
	Presidência	[preziðẽ <sup>j</sup> si'ali]	[Ib,GI, 01. 07. 2021]
	Mostrou	[moʃtrɔ]	[Ie, GI,01. 07. 2021]
	Desde	[dɛʒdi]	[Ic,EM, 7. 01. 2022]
	Mesmo	[mɛØmu]	[Ia, GI,01. 07. 2021]
	Cucheca	[cu'ʃɛka]	[Ia. GI.01. 07. 2021]
	Estejamos	[Øʃte'ʒɛmuØ]	[Ia,EM,17. 01. 2022]
<b>(iii) Final</b>	Temos	[tɛmuʃ]	[Ic,EM, 17.01. 2022]
	Temos	[tɛmuʃ]	[Ig, GI. 01.07. 2021]
	Mais	[maØʒ]	[Ia,CE, 06.07. 2021]
	Pessoas	[pe'ssaØ]	[Ig, GI, 01.07. 2021]

**Quadro 15:** Realização dos Fonemas /l/, /r/ no PCC

Ambiente Fonológico	Nível Ortográfico	Nível Fonético	Referência
<b>(i) Inicial</b>	Levaram	[le'varãw̃]	[Ie,GI,01.07. 2021]
	Redução	[Redu'sãw̃]	[Ia,GI.01.07. 2021]
<b>(ii) Medial</b>	Sensibilização	[sɛø̃sibø̃liza'sãw̃]	[Ia,GI.01.07. 2021]
	Dificuldades	[difikuɫ'dadij]	[Idem]
	Próprio	['prɔpø̃ju]	[Ie,GI,01.07. 2021]
	Programa	[pro'gø̃amaʒ]	[If, GI, 01. 07. 2021]
	Término	['tɛrminu]	[Ib,GI, 01. 07. 2021]
	Território	[teRi'tɔrju]	[Ia, GI, 01. 07. 2021]
<b>(iii)-Final</b>	Comunal	[komu'naø̃]	[Ia, GI, 01. 07. 2021]
	Nível	['niveø̃]	[Idem]
	Agradecer	[agrade'sɛø̃]	[Ib, F, 16. 01. 2022]
	Incentivar	[ĩs̃'ɛ̃t̃i'vaø̃]	[Ib,CE, 06. 07. 2021]

### 3. Discussão dos Resultados

Feita a apresentação dos resultados do nosso estudo, urge a necessidade de os examinar, interpretar e qualificar, de tal forma que se possam extrair das mesmas regras fonológicas típicas do PCC que o tornam divergentes do PE.

O nosso foco visa propor que tais dados sejam vistos como características particulares do PCC e que possam fazer parte da pretendida norma do PA, no nível fonológico.

#### 3.1. Realização do fonema vocálico /a/ e da sequência fonológica /aN/<sup>9</sup>

O fonema vocálico /a/, no PE, realiza-se como central baixa ou aberta não arredonda oral [a] e central média não arredondada oral [ɛ]. A realização como central aberta [a] ocorre normalmente em posição acentuada; já a central média [ɛ], em posição não acentuada (MATEUS, FALÉ & FREITAS, 2005).

No que diz respeito à sequência fonológica /aN/, resultante da combinação da vogal oral /a/ com um segmento teórico nasal /N/ (FERREIRA citado por MIGUEL, 2019, p. 309), apura-se que, no PE, é realizada foneticamente como central média nasal [ɛ̃] em posição acentuada e não acentuada não final e como ditongo nasal [ɛ̃w̃] em posição átona pós-tônica final (MATEUS, FALÉ & FREITAS, 2005).

Os Quadros 3 e 4 apresentam as realizações fonéticas do fonema /a/ e da sequência fonológica /aN/ no PCC. No Quadro 3, verifica-se a realização do fonema /a/ como aberta central não arredonda oral (/a/ → [a]) em ambientes fonológicos em que ocorre como (i) tónica ou acentuada, (ii) átona pré-tónica, (iii) átona pós-tónica não final

<sup>9</sup> Representação fonológica da nasalidade vocálica, segundo Miguel (2019).

de palavras e (iv) átona pós-tônica final de palavras, prescrevendo, assim, a regra fonológica: /a/ → [a] / “em diversos ambientes fonológicos” da f<sup>10</sup> \_).

O Quadro 4 apresenta a realização da sequência fonológica /aN/ (i) como aberta central não arredondada nasal [ã] em contextos fonológicos em que ocupa a posição de vogal acentuada ou tônica nasal em diversos contextos combinatórios (/aN/ → [ã] / [+acentuada] \_ da f); (ii) como vogal aberta central [ã], quando átona pré-tônica, antecedida de pausa ou entre consoantes (/aN/ → [ã] / #\_ C/ C \_ C) e (iii) como ditongo nasal [ãw̃] em posição final absoluto átono (/aN/ → [ãw̃] / [-acentuada] \_ #).

Tendo em conta o que apresentamos nos Quadros 3 e 4, apura-se que há divergência entre o PE e o PCC, relativamente à realização fonética do fonema /a/ e da sequência fonológica /aN/. No PE, em posição não acentuada, como destacam Mateus, Falé e Freitas (2005), ocorre normalmente a vogal central média não arredondada [ɐ], já no PCC esta vogal não ocorre em nenhum dos contextos descritos no Quadro 3. A sequência fonológica /aN/, no PE, resulta sempre no nível fonético, em posições acentuadas não finais, na vogal central média nasal [ẽ], o que não se verifica no PCC nos referidos contextos, tal como se demonstra no Quadro 4.

### 3.2. Realização do fonema /e/ e da sequência fonológica /eN/

No PE, o fonema /e/ é realizado foneticamente em posição tônica como vogal baixa ou aberta palatal [ɛ] e como média palatal [e]. Em posição átona não inicial como alta ou fechada central [i] e como alta palatal [i] (MATEUS *et al*, 2003). A sequência fonológica /eN/ é realizada no nível fonético como média palatal nasal [ẽ] em posição tônica e átona inicial e medial. No final, é, normalmente, realizada como ditongo nasal [ẽj] (MATEUS *et al*, 2003). Os Quadros 5 e 6 espelham o modo como os fonemas /e/ e a sequência /eN/ foram realizadas pelos falantes do PCC e registadas no *corpus* transcrito.

O fonema /e/, representado foneticamente no Quadro 5, realiza-se: (i) como aberta palatal [ɛ] em contextos fonológicos onde surge como vogal acentuada (/e/ → [ɛ] / v[+acentuada]); (ii) como média palatal [e] em ambientes onde ocorre como átona pré-tônica entre duas consoantes (/e/ → [e] / [-acentuada] C \_ C) e como [∅], apagamento da vogal no nível fonético, antes da consoante fricativa [ʃ] e depois de pausa (/e/ → [∅] / #\_ [ʃ]); (iii) como média palatal, quando átona pós-tônica não final de palavras entre consoantes (/e/ → [e] / [-acentuada] C\_C) e (iv) como [i] quando não acentuada em final de palavras depois de consoantes e seguida de pausa ou da consoante fricativa [ʃ] em coda (/e/ → [i] / [-acentuada] C\_# ou /e/ → [i] / [-acentuada] C \_ [ʃ]) e (iv) [∅] antes da consoante lateral [l], sendo que esta se transforma em [ɫ] (/e/ → [∅] / [-acentuada] [l] \_ #).

No que se refere à sequência /eN/, que se traduz no processo de nasalização do fonema /e/, observa-se no Quadro 6 que a referida sequência se concretiza (i) como aberta palatal nasal [ẽ] quando acentuada nos diversos contextos combinatórios em que ocorre (/eN/ → [ẽ] / [+acentuada] \_ da f); (ii) como ditongo nasal [ẽj] quando não acentuada ou átona pré-tônica normalmente antes de consoantes fricativas ou oclusivas orais (/eN/ → [ẽj] / \_ C[+fricativas]/[+oclusiva]) e como [e∅] realização desnasalizada da sequência /eN/, normalmente antes da fricativa [s] (/eN/ → [e∅] / [-acentuada] \_ [s]) e (iii) como ditongo nasal [ẽj] quando não acentuada em final de palavras depois de consoantes, excepto [ʒ], antes de pausa (/eN/ → [ẽj] / [-acentuada] C \_ #) e como [i∅], realização desnasalizada, antecedida da fricativa [ʒ] e sucedida de pausa (/eN/ → [i∅] / [-acentuada] [ʒ] \_ #).

<sup>10</sup> Baseado em Seara, Nunes e Lazzarotto-Volão (2011).

De acordo com a descrição apresentada, destacamos no PCC, diferente do que ocorre no PE, a não realização do fonema /e/ como alta central [ɨ], sendo frequentemente substituída, nos contextos onde a referida vogal fonética ocorre na norma-padrão, pelas vogais fonéticas média palatal [e] em posição medial e alta central [i] em posição final, esta última por aproximação ao som ocorrido no PE.

Relativamente à sequência fonológica /eN/, realçamos, de modo cotejado com o PE, a realização da referida sequência como ditongo nasal [ẽ̃j], em contextos inicial e medial, bem como a sua realização como baixa ou aberta palatal nasal [ẽ] e a sua desnasalização, ocorrências não atestadas no padrão europeu, tal como dizem Mateus, Falé e Freitas (2005).

### 3.3. Realização do fonemas /o/ e da sequência fonológica /oN/

O fonema /o/, no PE, é geralmente concretizado foneticamente como média posterior [o] e como baixa posterior [ɔ] em posição acentuada e como alta posterior [u] em posição não acentuada medial e final (MATEUS *et al*, 2003). Já a sequência traduzida na combinação do fonema vocálico /o/ mais um segmento nasal /N/, no PE, na constação feita por Mateus *et al* (2003), verifica-se a sua realização como média posterior nasal [õ] em posição tónica e átona inicial e medial e como ditongo nasal [õ̃j].

Relativamente ao fonema /o/ no nosso *corpus*, registramos as realizações como espelhadas no Quadro (7): (i) como vogal semiaberta velar oral [ɔ] quando tónica ou acentua em diversos contextos combinatórios (/o/ → [ɔ] / [+acentuada] \_ daf); (ii) como vogal semifechada velar [o] átona pré-tónica em posição inicial antecedida de pausa ou entre consoantes (/o/ → [o] / [-acentuada] # \_ C / C \_ C); (iii) como semifechada velar [o] não acentuada pós-tónica entre consoantes (/o/ → [o] / [-acentuada] C \_ C) e (iv) como fechada velar [u], quando não acentuada, em posição final de absoluto palavras ou seguida da consoante fricativa [s] sempre antecedida de consoantes (/o/ → [u] / [-acentuada] C \_ # / C \_ [ʃ]).

O processo de nasalização do fonema /o/ representado fonologicamente como /oN/ transformou-se, no nível fonético, como retrata o Quadro (8): (i) como semiaberta velar nasal [ɔ̃], quando acentuada, antecedida de pausa ou de consoantes e sucedida de consoantes ou da semivogal [j] (/oN/ → [ɔ̃] / [+acentuada] # \_ C / [j]); (ii) como semifechada velar nasal [õ] em contextos onde ocorre como não acentuada pré-tónica entre consoantes oclusivas (/o/ [+nasal] → [õ] / [-acentuada] C[+oclusiva] \_ C[+oclusiva]) e como semifechada velar oral, realização desnasalizada, [oØ] não acentuada pré-tónica antecedida de consoante e sucedida de consoantes fricativas (/oN/ → [oØ] / [-acentuada] C \_ C[+fricativa]).

Do ponto de vista contrastivo, observou-se divergências do PCC com relação ao PE aquando da realização do fonema /o/ e da sequência fonológica /oN/ no PCC como se pode observar nos Quadros 7 e 8, respectivamente. Quanto ao fonema /o/, destaca-se como principal divergência a sua concretização como média velar [o] no PCC em contextos onde, no PE, ocorre como alta velar [u] como nos casos em (iii) do Quadro 7. Quanto à realização da sequência /oN/, destacamos, como principal divergência, a ocorrência da vogal baixa posterior nasal [ɔ̃] e da desnasalização da referida sequência no PCC não atestadas no PE.

### 3.4. Realização do fonema /i/ e da sequência fonológica /iN/

O fonema /i/ no PE é concretizado em todos os contextos de uso como alta ou fechada palatal [i] ou como semivogal fechada palatal [j]. Já a sequência fonológica /iN/ é realizada sempre, na mesma variedade, como alta palatal nasal [ĩ] (MATEUS *et al.*, 2003). Relativamente à realização do fonema /i/ no PCC, destacamos, como realização divergente do PE, a não realização ou apagamento [Ø] do referido fonema quando acentuado antecedido das vogais aberta central [a] e semiaberta palatal [ɛ] e sucedida das consoantes fricativa [ʃ] e vibrante [r] (/i/ → [Ø] / [+acentuada] [a] e [ɛ] \_ [ʃ] ou [r]), como se observa do ponto (i) do Quadro 9.

Desta forma, observa-se, no PCC, a não realização, nos contextos descritos, do fonema em questão como semivogal alta palatal [j] como comumente acontece no PE. Dito de outra forma, no PCC, não se atesta a semivogal [j] como variante fonética do fonema /i/ acentuado antes de [ʃ] e [r]. No que à realização fonética da sequência fonológica no PCC diz respeito, apresentamos como variante particular e divergente do PE a desnasalização ou o apagamento da nasalização do referido fonema, em contextos onde ocorre como não acentuado antes da consoante oclusiva [k] (/iN/ → [iØ]/ \_ [k]) como se pode observar no ponto (ii) do Quadro 10. Tal realização, assim como as outras semelhantes a ela, dá-se, provavelmente, pelo facto de, na Língua Nacional Nganguela, a mais falada no Cuando Cubango, não existirem vogais nasais, tal como confirma Vicente (2015).

### 3.5. Realização do fonema /u/ e da sequência fonológica /uN/

A vogal fonológica /u/ é realizada no PE como alta velar [u] em todos os contextos de uso possíveis e como semivogal alta velar [w]. A sequência fonológica /uN/, na referida variedade, é sempre realizada como alta velar nasal [ũ] (MATEUS *et al.*, 2003). Relativamente ao fonema /u/, constatamos semelhanças no seu modo de realização no PCC e no PE, ou seja, o fonema em causa é concretizado, nos diversos contextos de uso, no PCC como no PE.

Quanto à sequência fonológica /uN/, verificamos, como realização típica no PCC, diferente do que ocorre no PE, o processo de desnasalização ou apagamento da nasalidade, quando não acentuada, antes de consoantes fricativa como [s] (/uN/ → [uØ] \_ [s]), tal como se observa no ponto (ii) do Quadro 12.

### 3.6. Realização dos fonemas /b/, /d/, /p/ e /g/

Os fonemas /b/, /d/, /p/ e /g/ pertencem à classe natural dos oclusivos, sendo que, no momento de serem realizados foneticamente, ocorre a oclusão, bloqueio ou obstrução completa da corrente de ar vinda dos pulmões, aquando da sua passagem pelo canal bucal (FARIA *et al.*, 1996).

Dentre os diversos alofones ou variantes que representam esses fonemas no PCC, destacam-se, no Quadro 13, a pré-nasalização dos mesmos quando antecidos de vogais nasais em posição medial ou inicial não absoluto e seguidas de vogais (/d/ → [ⁿd] / V [+nasal] \_ ; /b/ → [ⁿb] / V [+nasal] \_ ; /p/ → [ⁿp] / V [+nasal] \_ ; /g/ → [ⁿg] / V [+nasal] \_ ) e o apagamento [Ø] do fonema /b/ em posição medial entre a consoante nasal [m] e a vogal nasal [ẽ] ( /b/ → [Ø] / [m] \_ [ẽ] ) como se pode confirmar em (ii) do referido Quadro. Estas realizações não ocorrem no PE, por isso, são aqui classificadas como típicas do PCC, embora admitamos não serem totalmente estáveis.

A pré-nasalização dos referidos fonemas no PCC é, ao nosso ver, motivada pelo facto de, nas línguas nacionais faladas no Cuando Cubango (ngangela e umbundu), serem quase sempre pré-nasalizados.

### 3.7. Realização dos fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/

Os fonemas em referência são, do ponto de vista articulatorio, designados por fricativos cuja realização ou produção é fruto de um ruído de fricção (FARIA *et al.*, 1996). Relativamente à realização dos fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/, observa-se o facto de os três poderem figurar nas posições inicial e medial. Entretanto, apenas o /s/ ocorre em posição final de sílabas (coda silábica) e de palavras, sendo por isso o que, entre eles, apresenta maior número de alofones.

Destacamos, no Quadro 14, a não realização ou apagamento [Ø] do fonema /s/, em posição medial entre duas consoantes nasais [m] como em (ii) e final absoluto de palavras como em (iii) (/s/ → [Ø] / [m] \_ [m]<sup>11</sup>; /s/ → [Ø] / \_ #). Há, ainda, a realização do mesmo fonema como fricativa palatal vozeada [ʒ], em (iii), facto observado em contextos onde sucede o apagamento do ditongo alto palatal [j] em final absoluto de palavra (/s/ → [ʒ] / [Ø] \_ #). Por não serem atestadas no PE, as referidas concretizações fonéticas são, neste estudo, tidas como típicas do PCC.

### 3.8. Realização dos fonemas /l/ e /r/

Os fonemas /l/ e /r/ são sons produzidos em função de uma obstrução completa da cavidade bucal e do escoamento livre do ar pulmonar. Por esta razão, são designadas líquidas (FARIA *et al.*, 1996). Os fonemas líquidos /l/ e /r/, cujas realizações alofónicas estão representadas no Quadro (15), podem figurar nas posições (i) inicial, (ii) medial e (iii) final.

Entre as diversas realizações, destacam-se, como típicas do PCC e divergentes do PE, o apagamento do fonema /r/ em posição medial entre [p] e a semivogal [j] (/r/ → [Ø] / [p] \_ [j]), entre [g] e a vogal central aberta [a] (/r/ → [Ø] [g] \_ [a]) e em posição final absoluto como coda sílaba (/r/ → [Ø] / \_ #) como se pode ver em (ii) e (iii) respectivamente. Destaca-se também o apagamento do /l/ em posição final absoluto como coda silábica como em (iii) (/l/ → [Ø] / \_ #), facto que também não ocorre no PE.

## Considerações Finais

As realizações alofónicas envolvendo o fonema /a/ e a sequência /aN/, como observado nos Quadros 3 e 4, respectivamente, são motivadas, segundo a nossa análise, pelo contacto mantido entre o português e as línguas nacionais angolanas ngangela e umbundu faladas no Cuando Cubango. No ngangela, por exemplo, segundo Vicente (2015), não existe a vogal fonética média central oral [e] ocorrendo apenas a aberta oral [a] e no umbundu, de acordo com Undolo (2016), a vogal média central nasal [ẽ] não ocorre, sendo que ocorre apenas a aberta nasal [ã].

De igual modo, referindo-se à realização do fonema /e/ como palatal fechada [i] em posição final átona, diferente do que ocorre no PE, onde é, no referido contexto, realizado como central fechada [ɨ], infere-se que tal constatação, representada no

---

<sup>11</sup> Apenas registrou-se no significante “mesmo”.

Quadro 5, deve-se ao facto de também não haver nas línguas bantu faladas no Cuando Cubango o alofone [i] para o fonema /e/.

Outros dados, considerados típicos do PCC que o diverge do PE, constataados no *corpus*, dizem respeito à (i) desnasalização ou perda do traço [+nasal] dos segmentos fonológicos /eN/, como no Quadro 6, /oN/ como no Quadro 7, /iN/ como no Quadro 10 e /uN/ como no Quadro 12 e (ii) à nasalização ou pré-nasalização das consoantes /d/, /b/, /p/ e /g/ como no Quadro 13 e outras registradas no *corpus*.

No caso (i), a nossa perspectiva é que tal realização acontece por não haver no ngangela, como se pode ver em Vicente (2015) vogais nasais. Já o caso (ii) pode ser justificado porque nessa mesma língua bantu, segundo o mesmo autor, essas consoantes são também pré-nasalizadas quando antecederem vogais nasais. Pode-se, assim, deduzir que os falantes do PCC, por adaptação ao sistema fonológico do português, realizam as referidas variantes, que podem ser tidas como individuais, de acordo com Marçalo (1992) ou regionais, segundo a perspectiva de Barbosa (1994).

Por outro lado, essas realizações variantes, que caracterizam o nível fonológico do PCC, não implicam o não cumprimento da principal função da linguagem “a comunicação” entre os falantes do português no Cuando Cubango, tal como diz Martinet (2014). Por isso, de acordo com a perspectiva funcionalista sobre o ensino da gramática como adiantam Cunha e Tavares (2016), podem ser padronizadas e ensinadas nas escolas. A realização variante do fonema /e/ como [e] (/e/ → [e]), a título de exemplo, em [fe'nɔmenuø], não implica a escolha de um outro fonema que torne a palavra em questão incomunicável. Por esta razão, não se pode desprezar ou marginalizar o falante que assim comunica.

Tendo em conta o que apresentamos, concluímos que o nosso objectivo (identificar as principais características fonológicas do PCC) foi alcançado na totalidade. Relativamente à hipótese (a língua portuguesa no Cuando Cubango apresenta características fonológicas particulares e divergentes do PE) foi confirmada em função dos resultados apresentados. Desta forma, sugerimos que a descrição do PA seja feita tendo em conta os princípios dialectológicos (estudo das variedades regionais do PA).

Para que os estudos das variedades regionais reflectam a realidade, somos de opinião que o mesmo seja feito tendo em conta a perspectiva do contacto entre as línguas locais/nacionais e a língua portuguesa, tal como fizeram Costa (2006) e Miguel (2019) com o kimbundu. Assim, como as línguas nacionais são, mais ou menos, de localização regional (kikongo e Kimbundu, a Norte e Oeste; umbundu, Centro-Sul e Oeste; cokwe Leste; ngangela, a Leste e Sul; e oshikwanyama, a Sul, só para citar as mais faladas (ADRIANO, 2015)) seria mais fácil detectar, em função desse contacto, diversos pontos comuns, na concretização do português nas diversas regiões de Angola.

## REFERÊNCIAS

Adriano, P. (2014). *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas frásicas do português em Angola*. Tese de Doutoramento. Universidade de Évora.

Barbosa, J. M. (1994). *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Livraria Almedina.

Cagliari, L. C. (2002). *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. São Paulo: Mercado de Letras.

Calvet, L. J. (2007). *As Políticas Linguísticas*. São Paulo: Parábola.



- Câmara, J. M. (1976). *Problemas de Linguística Descritiva*. São Paulo: Editora Vozes.
- Câmara, J. M. (2004). *Estrutura da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Vozes.
- Casteleiro, J. M. (2007). *Dicionário gramatical de verbos portugueses*. Lisboa: Texto Editores.
- Costa, A. F. (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola: Para uma Análise Diferencial*. Luanda: UCAN.
- Cunha, C. & Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Porto: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, M. A. (2011). Funcionalismo. In: Martelotta, Mário Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2ª ed. São Paulo: Editora Contexto. pp. 157-176.
- Cunha, M. A.; Tavares, M. A. (2016). *Funcionalismo e Ensino de Gramática*. EDUTRN.
- Dicionário de Italiano – Português e Português – Italiano (2013). Porto: Porto Editora.
- Duarte, I. (2000). *Língua Portuguesa: Instrumento de Análise*. Universidade Aberta.
- Faria, I. H. et al (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. São Paulo: Caminho.
- Gallisson, R. & Coste, D. (1983). *Dicionário de Didáticas das Línguas*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Jakobson, R. (2006). *Princípios de Fonologia Histórica*. Campinas, SP: Curt Nimuendajú.
- Marçalo, M. J. (1992). *Introdução à Linguística Funcional*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2010). *Técnicas de Pesquisa: Planejamento e Execução, Amostragem e Técnicas de Pesquisa, Elaboração, Análise e Interpretação de Dados*. São Paulo: Editora Atlas.
- Martinet, A. (2014). *Elementos de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Clássica Editora.
- Mateus, M. H. et al (2005). *Fonética e Fonologia do Português*. Universidade Aberta.
- Mateus, M. H. (2004). Estudando a Melodia da Fala: Traços Prosódicos e Constituintes Prosódicos. In *Encontro Sobre o Ensino das Línguas e a Linguística*.
- Mateus, M. H. & Rodrigues, C. (2005). A Vibrante em Coda no Português. In: *A Língua Portuguesa em Mudança*. São Paulo: Caminho, p. 97-103.
- Mateus, M. H. et al (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Miguel, A. (2019). *Integração Morfológica e Fonológica de Empréstimos Lexicais Bantos no Português Oral de Luanda*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

- Perini, M. A. (2006). *Princípios de Linguística Descritiva*. São Paulo: Parábola.
- Rosetti, A. (1999). *Introdução à Fonética*. Lisboa: Publicações Europa – América.
- Saussure, F. (2006). *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Seara, I. C. et al. (2011). *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*. Florianópolis, UFSC.
- Tchimbali, A. (2017). *Antroponímia na Língua Ngangela*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).
- Trubetzkoi, N. (1933). A Fonologia Actual. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. vol.30, 227-246.
- Undolo, M. (2016). *A Norma do Português Angolano: subsídio para o seu estudo*. Caxito: ESP-Bengo.
- Undolo, M. (2020). *Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Luanda: Edições Eco7.
- Vicente, F. (2015). *Topónimos dos Municípios e Comunas do Cuando Cubango: Proposta de Armonização de Grafia*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

## CORPUS TRANSCRITO

### Programa Globo Informativo Emitido pela RCC no dia 01 de Julho de 2021

- a) [u] [teRi`tɔrju] XX [u] [ˈkɾimiʃ] [sãw̃] [a`keli] [ki] [u] [Komã`n`dãti] [do`mina] / [i] [na] [keftãw̃] [da] [k`ɔtẽj` sãw̃] [a] [difiku`dadi] / [pur] [Ra`zõj] [ˈda] [Redu`sãw̃] / [nu] / [ˈna] eh / [ma] [ˈesi] [ɛ] [ũ] [ˈkazu] [ki] [ʒa] [domi`namu] / [ɛ] [ũ] [ˈkazu] [nasjo`naʃ] / [provĩsi`aʃ] / [munisi`paʃ] [i] [komu`naʃ] // [ta`mʃẽj] [fi`kamu] [sati`fejtʃ] [kõ] / [kõ] [a] [sitwa`sãw̃] [du] [kõ`trɔlu] [i] [ta`mʃẽj] eh [ˈftamu] [a] [traba`laʃ] [na] [keftãw̃] [da] [seʃsibʃliza`sãw̃] / [da] [komuni`dadi] / [i] / [na] [sitwa`sãw̃] [du] [uzu] [de] [ˈmaʃkara] / [ẽj] [fuʃ`sãw̃] [ˈdesa] [pã`de`mia] [du] [ko`vidi] [deza`novi] [ki] [ˈta] [a] [aso`laʃ] / [i] [aprovejtã`du] [tamʃẽj] [ʒa] [ˈesa] [parti] [du] [ˈfriw] [da] [ˈɛpoka] [ki] [ʃtamu] [a] [atrave`saʃ] [ki] [e] [uma] [ˈɛpoka] [ki] [ˈesa] [du`esa] [ɔ] [ˈesa] [pã`de`mia] [ma] [ˈgofta] / [ẽj` tãw̃] / [e] [uma] [sitwa`sãw̃] [tamʃẽj] [ki] [ˈʒũtu] [da] / [dire`sãw̃] / [du] / [da] [pu`lisja] / [ko`mã`du] [da] [ʃkwadra] / [ʃtamu] [a] [traba`laʃ] [na] [keftãw̃] [de] / [de] [kũ`prirmu] [kõ] [a`kilu] [ki] [sãw̃] [a] [ˈnormaʃ] / [a] [lejʃ] eh [ki] [ʃtamu] [a] [vi`vɛʃ] [a] [ˈniveʃ] [nasjo`naʃ] / [ˈõdi] [ki] [u] [ka`ju`du] [nãw̃] [ˈfɔʒi] xx [pe`rãti] [ˈesa] [sitwa`sãw̃] // [i] [ˈtemu] [ʃtadu] [mwĩtu] [kõgratu`laduʃ] / [i] [a] [meʃ`saʒiʃ] [ki] [ˈtemu] [Rese`bidu] [da] [popula`sãw̃] / [te`j`ẽj] [sidu] [mwĩtu] [ˈboaʃ] // [...] [pɾĩsipa`l`m`eti] [a`keli] [deliʃ`kw`eti] / [u] [ka`paku] [ki] [ã`dɔ] [a`ki] / [ki] [sɔ] [ˈfɔj] [ˈmɛʃmu] [ˈesi] [ˈnɔsu] [ˈt`ẽpu] [ki] [ˈfɔj] / [ki] [ˈfɔj] [apa`nadu] // [i] [tam`ʃj`ẽj] [na`kilu] [ki] xx [aw`gũ] [kõ`portam`etuʃ] [ki] [a] [popula`sãw̃] [ˈtɪna] [aki] / [ki] [ˈɛj] [ˈga`ngela] [ˈnɔ] [ˈfa`mamuʃ] [cu`ʃeka] // [...] [ˈeli] [ẽj] [ˈvɛʒ] [de] [ˈvɛrẽj] / [de] [aprezẽ`tarẽj] [ɔ] [se] [keʃ`farẽj] [pre`fer`ẽj] [ˈetɾe] [ˈeli] / [nãw̃] [e] / [paga`rẽj] [ˈbɔj] // [...] [ˈtemu] [ˈsidu] [ẽj`kami`nadu] / [ˈtãtu] [ˈfa] [nu] [ˈnɔvu] [dele`gadu] / [eti`setra] //
- b) [ˈnɔ] [ʃtamu] [a] [fa`zɛʃ] [ˈuma] [kã`npãna] / [mõ`ntɔsi] [ˈpɔftu] [ˈpɔra] [dezafo`gaʃ] [a] [ẽj`feti] [na] [Reparti`sãw̃] // [ˈnɔ] [ʃtamu] [na] [ˈRua] [ʒa]

- [sẽj'sivel'm̃eti] [a] [ˈdɔjʒ] [ˈmɛziʃ]/ [pøra] [sẽj'sibili'zaø] [ˈʒũtu] [duʃ]  
[kõtribu'itiʃ]/ [awtomobi'liftaʃ] eh [ˈpøra] [øʃklare'seø] [u] [ki] [ɛ] [...] [u]  
[ĩpɔʃtu] [ve'iculu] [motori'zadu] [ki] [efetiva'm̃eti] [ki] [ˈveju] [subuʃtitu'ir] [a]  
[ˈtafa] [de] [sirkulasãw̃]//
- [...] [kõ] [a] [ẽj'trada] [ẽj] [vi'gɔr] [ˈdesi] [de'cretu] [prezid'ẽj'si'ali]/ [ẽj'tãw̃]  
[Re'vɔga] [u] [diʃpɔʃtu] [da] [ˈtafa] [de] [sirkula'sãw̃]//
- [...] [a'gɔra] [ˈtudu] [ki] [e] [ve'ikulu] [motori'zadu] [ˈpaga] [ĩpɔʃtu] [i] [tẽj]  
[aʃ][øero'naves]/ [aʃ] [ẽj'barka's'ɔøʃ] [i] [ta'møẽj] [aʃ] [vja'turaʃ]//
- [...] [ẽj'tãw̃] [noʃ] [øø'tamuʃ] [a'ki] [a] [fa'zeø] [ˈesa] [kã'papa] [de]  
[sẽj'sibølizasãw̃] [pøra] [øʃpli'kaø] [uʃ] [awtomo'bløiʃtaʃ]/ [motota'ksiʃtaø]/  
[øø'tá] [a] [deko'Reø] [ˈesta] [kã'papa]//
- [...] [ˈdeʒdi] [feve'reøru] [...] [maʃ] [aʃ] [sa'idaø]/ [ʒa] [øʃtamuz] [a] [dɔøʒ]  
[ˈmɛʒøø] [na] [ˈRua] [...] / [ẽj'ˈbɔra] xx [ˈdeʒdi] [a] [se'mana] [pa'sada] [e] [ki]  
[øø'ta] [maøʃ] [ĩ't̃esu] [pur] [ˈkawza] [du] [ˈterminu] [du] [ˈprazu]//
- c) [øʃtamuø] a [traba'laø] [nu] [ˈãbitu] [ˈdesa] [opera'sãw̃] [i] [nãw̃] [ˈsɔ]/ [ˈpøra]  
[ẽj'tãw̃] [kõtra'pɔrmus] [ˈtɔdu] [ˈtipu] [di] [ativi'dadi] [i'lisita]//
- d) [uʃ] [obuʒe'tivuʃ] [fũ'damẽ'taøʃ] [ki] [fi'zerãw̃] [progøa'mari] [u] [gabi'neti]  
[prov'isi'aø] [da] [ku'tura] [ẽj] [vizi'tari] [a'keli] [ˈnuklew] [bibljote'karju]//  
[pøra] [ˈnɔsa] [Reʒi'ãw̃] [du] [kwã'du] [kubã'gu] [a] [preteø'sãw̃] [e] [de]  
[koøʃtru'iri] [ũma] [bibljo'teka] [prov'isi'aø]//
- e) [ʒo'gamuø] [c'ɔ] [u] [kã'pi'ãw̃] [oro'pew]/ [uma] [sele'sãw̃] mu'itu [ˈfɔrti] /  
[uma] ] [sele'sãw̃] [ki] [cõ] [mu'ita] [kwali'dadi] [moʃtrɔ] [ki] [ã'gɔla] [...] ]  
[pratika'mẽti] [øø'tava] [naʃ] [pa'rediø]//
- [...] [øʃtamuʃ] [a] [fa'laø] [du]/ [du] [ˈprɔpøju] [ˈmĩ'gaʃ] eh [ja'niki] [mo'reøra]  
[ˈpøa] [miø] [ˈsãw̃] [ʒoga'dɔriʃ] [ki] [le'varãw̃] [a] [sele'sãw̃] [naʃ] [ˈkɔʃtaø] [...]//
- f) [ka'laj]/ [Ri'vũ'gu]/ [ˈkujtu] [kwana'vaø] [i] [u] [me'n'ɔ'gi] [ˈdesiʃ]  
[muni'sipjuø] [totali'zã'du] [ˈsãw̃] [deza'nɔvi] [ˈmili]//  
[ˈtemuʒ] [ˈkwatru] [pro'gøamaʒ] [ki] [øʃtãw̃] [a] [akõte'seø] [nu] [ˈparki]  
[nasjo'naø] [lu'je'ge] [lu'jana] [nu] [Ri'vũ'gu]/ [nu] [ma'v'i'ga] [nu] [li'kua]//  
[pri'meøru] [t'ẽj] [a] [veø] [kõ] [u] [finaø'sja'm̃etu] [ale'mãw̃]//
- [...] [ˈesaʃ] [pi'kadaø] [ˈpøra] [fasili'taø] [ˈẽj'tãw̃] [u] [tu'riʒmu] [ki] [si]  
[pre't̃ɛ'di] [ama'ɲã]//
- g) [...] [ˈuma] [ˈveʃ] [ki] [ˈtemuz] [a'kelaʃ] [pe'sɔaø] [ki] [ˈfɔrãw̃] [afe'tadaʃ] [ˈpur]  
[ˈesiʃ] [fe'nɔmenuø] eh [ˈfɔj] [ˈbɔa] [inisia'tiva]/ [a] [inisia'tiva] [ˈfɔj] [lo'vaveø]//
- h) [...] [ˈsãw̃] [uʒ] [ˈnɔsøø] [fi'ejʒ] [depozi'tarioø] [ˈneʃta] [ˈkɔjza] [duʃ] [pro'dutuʒ]  
[do'aduz] [i]/ [i] / [i] [fa'zerẽj] [ʃe'gaø] [k'ɔ] [aʒ] [dire's'ɔ'jz] [a'fiʃ]// [...] [ˈmaøz]  
[uma] [ˈveʃ] [u] [pa'peli] [fũ'damẽ'taø] [de] [ĩsẽj'ti'vaø] [moʃtrã'du] [aʒ]  
[doa's'ɔ'jʃ]//

## Programa Fairplay Gravado no Dia 16 de Janeiro de 2022

- a) [a] [sitwa'sãw̃] [du] [ku'ã'du] [ku'bã'gu] [ɛ] [ˈpesima]// [ˈmaʒ] [ˈnɔʒ] [ˈnãw̃]  
[øʃtamuø] [ˈkɔmoduø]// [ali'aʃ], [nɔʒ] [øʃkre'vemuø]/ [ˈtemuz] [ũ]/ [ũ]  
[o'fisju] [ki] [mã'damuz] [aw] [go'vernu]/ [isu] [ˈfɔj] [dia] [deʒ]/ [de] [ki] [dia]  
[ka'tɔrzi] [nɔʒ] [i'riamuʒ] [koøvo'kari] [uma] [koøfe'r̃esja] [de] [ĩ'pr̃esa]//  
[...] [ˈgrasaz] [a] [ˈdewʃ]/ [na] [se'mana] [pa'sada] [ˈnɔʃ] [Rese'bemuø] [ˈʒeneruz]  
[i] [ˈviveriʃ]//
- b) [...] [mu'it] [obri'gadu]// [pøra] [di'zeø]/ [pri'meøru] [ɛ] [de] [agrade'seø]/  
[ˈkwātu] [tam'ø'ẽj] [u] [øʃfɔrsu] [ki] [a] [ˈRadju] [øʃ'ta] [a] [fa'zeø]//

[a] [ˈRadju] [nasjoˈnaθ]/ [˜ε̃j] [partikuˈlari] [a] [ˈRadju] [ˈkwãˈdu] [kubãˈgu]/  
 [pθra] [diˈzεθ]/ [Realˈm̃eti] [sãw̃] [ˈelij] [ki] [acõˈnˌpaɲãw̃] [ˈdε3di] [u]  
 [priˈmeθru] [ˈdia] [aˈtε] [a] [ˈdata] [preˈz̃eti] //  
 [pθra] [diˈzεθ] [ki] [aˈtε] [ˈnεfti] [moˈm̃etu]/ [θftamuθ] [ˈs̃εpri] [a] [diˈzεθ]/  
 [θftamuθ] [a] [uˈzaθ] [ˈs̃εpri] [a] [ˈme3ma] [liˈnˌgwa3iθ] [...]//  
 [...] [ˈεfta] [manuθteθˈsãw̃] [ˈt̃ε̃j] [a] [ˈvεθ] [kˈɔ] [a3] [iˈfraθtruˈturaθ] [ki]  
 [θfta] [a] [ˈsεθ] [εrˈgida] [aˈki] [nu] [kuˈãˈdu] [kuˈbãˈgu]//

### Programa Carrossel das Etreelas Gravado no dia 06 de Junho de 2021

- a) [a3] [brĩkaˈdεθraθ] [sãw̃] [muˈĩtu] [ˈbɔa3] [ˈpurki] [aˈtε] [aproˈvεjtu] [ˈmaθ3]//
- b) [keˈrεmu3] [iˈs̃ε̃jtiˈvaθ] [u3] [ˈnɔsu] [amiˈgɨnuθ] [ki] [ˈbrĩk̃ε̃j]/ [i] [teˈɲãw̃]  
 [aˈkela3] [brĩkaˈdεθraθ] [motivaˈdɔra]//

### Programa Carrossel das Estrelas Gravado no dia 11 de Janeiro de 2022

- a) [ˈdεθfu] [a] [m̃ε̃jˈsa3iθ] [Reˈvizãw̃] [i] [ki] [ˈpεgãw̃] [nu] [kaˈdɛrnu] [ˈs̃εpri]//
- b) [εw] [goftaˈria] [de] [sεθ] [ũ]/ [ũ] [ˈε̃j3iˈɲεθru]//
- c) [awz] [ˈε̃jkaReˈgadu3] [ˈkomu] [εw]/ [aˈpɛlu] [ki] [εw] [ˈtɛɲu] [a] [deθfaθ]  
 [sobreˈtudu] [aˈkeli3] [ki] [sãw̃] xx [doˈs̃etiθ] [ɔ] [nãw̃] [doˈs̃etiθ] [teˈɲãw̃]  
 [ˈt̃ε̃npu]//
- d) [ˈma3] [voˈsε] [nãw̃] [acõˈpaɲa] [u] [ε̃jˈsinu] [da] [kriˈãsa] [sobreˈtudu] [u]  
 [siˈftema] [de] [aprẽˈdiˈza3iθ] [ε̃jˈtãw̃] [ˈt̃ε̃j] [ki] [acõˈpaˈɲaθ]//

### Programa Expresso da Manhã Gravado no dia 17 de Janeiro de 2022

- a) [ˈtudu] [ki] [ε] [dez̃ε̃jˈpeɲu]/ [purˈtãtu] [u] [θfɔrsu] [ki] [nɔ3] [faˈzemu3] [nu]  
 [ˈnosu] [orgaˈni3mu] [ε] [neseˈsarju] [ki] [nɔ3] [θfteˈ3εmuθ] [ε̃j] [kõdisõ̃j] eh  
 [perˈfejta] [de] [saˈudi]//
- b) [na] [ˈnosa] [iˈgrε3a] [nãw̃] [a] [ˈfaɫa]// [diˈftaθsjaˈm̃etu]/ [laˈva3iθ] [a3] [mãw̃]  
 [i] [liˈpar] [a] [mãw̃θ] [...]//
- c) [nu] [ε̃jˈtãtu]/ [nɔ3] [θftamuθ] [a] [kũˈpriθ] [ˈpurki] [a3] [duˈesaθ]/ [ˈdε3di]  
 [ki] [a3] [meˈdidaθ] [ˈvεju] [i] [ˈnɔ] [ˈtemu] [ki] [faˈzεθ] [kũˈpriθ] [i] [kũˈpriθ]  
 [kõ] [ˈesa3] [meˈdida] [pθra] [vεθ] [si] [fiˈzemu] [fuˈ3iθ] [a] [duˈesa]//

# 3

## APAGAMENTO DA RÓTICA FINAL EM FORMAS VERBAIS DO INFINITIVO NO PORTUGUÊS FALADO EM LUANDA

Paulo Fernando JOSÉ

### Introdução

O presente trabalho visa descrever o apagamento da consoante rótica *-r* em formas verbais do infinitivo cujo fenómeno ocorre com frequência nos falantes do português de Luanda. Por isso, enquadrámos o estudo no princípio teórico e metodológico da variação linguística de Willian Labov, com o objectivo de analisar o comportamento linguístico dos falantes, de modo a contribuir para a sistematização do Português angolano, tendo como suporte o apagamento da rótica em coda nas formas verbais. A descrição dos dados e análise dos resultados foram feitas a partir da linguística do *corpus* oral, em que analisámos a fala espontânea dos alunos através de factores intra e extralinguísticos para compreender a sua ocorrência.

Para tal, seguimos um conjunto de procedimentos metodológicos e técnicas que nos permitiram a realização da pesquisa, de modo a responder à questão da ocorrência do fenómeno do apagamento da consoante rótica */r/* em formas verbais do infinitivo. Portanto, a teoria variacionista conduziu-nos a perceber a heterogeneidade linguística, ou seja, como a língua varia e muda, tendo em conta um conjunto de factores intra e extralinguísticos. Os estudos semelhantes feitos por académicos brasileiros e portugueses permitiram-nos, também, saber como eles conduziram as suas pesquisas a nível da realidade dos seus países e quais as descobertas a que nos propomos trazer para a realidade angolana.

Do ponto de vista da organização interna, o trabalho está estruturado em três (3) pontos temáticos, partindo da revisão da literatura, metodologia, apresentação e discussão dos dados, respectivamente. Portanto, pretendemos que esta pesquisa contribua para a legitimização do Português angolano (abreviadamente denominado PA), tendo como foco a ocorrência do apagamento da consoante rótica *-/r/* em formas verbais do infinitivo. O estudo sobre o apagamento da rótica na posição final do verbo é um fenómeno linguístico que ocorre no português falado em Luanda e tem merecido

atenção por parte dos estudiosos angolanos, apesar de o estudo ser, ainda, incipiente. A supressão da rótica nas formas verbais em coda engendra o processo de reorganização silábica em que a queda de segmento da rótica /r/ se reassocia à vogal anterior por meio de um alongamento duracional.

É com olhar atento à queda da consoante vibrante, também denominada por rótica, que a presente pesquisa cobjectiva contribuir para o conhecimento científico sobre o Português realizado em Luanda, a par do seu ensino, especialmente a explicação do apagamento da rótica /r/ em coda nas formas verbais infinitivas; descrever a realidade linguística e extralinguística dos falantes, procurando identificar os factores que determinam o seu comportamento linguístico; relacionar os contextos linguísticos, familiar e social dos falantes que, provavelmente, contribuam para o fenómeno do apagamento da rótica /r/ em coda nas formas verbais do infinitivo; analisar sistematicamente os casos do apagamento da rótica /r/ em coda nas formas verbais infinitivas, para uma compreensão científica do problema.

A análise do *corpus* do trabalho foi a oralidade cuja metodologia de trabalho consistiu na colecta de dados por meio de entrevista estruturada submetida a alunos e gravada por meio de um telemóvel. Seguidamente, foi feita a transcrição fonética para a sistematização dos dados.

Sendo a língua um instrumento de comunicação que está em constante mudança, temos constatado em muitos falantes, principalmente, em alunos e falantes luandenses uma tendência, senão mesmo o apagamento da rótica em formas verbais em coda /r/, que é a marca do infinitivo verbal na Língua Portuguesa (LP). Este fenómeno foi confirmado no trabalho realizado com os alunos do I Ciclo do Complexo Escolar 9048-John Wesley, em que, por meio de uma entrevista sistematizada, verificámos a ausência da consoante vibrante [r], que também a denominamos de rótica, nas formas verbais do infinitivo. Isto levou-nos a que denominássemos *apagamento da rótica*. Porém, este fenómeno representa um facto interessante de variação do português em Angola, que constitui matéria para estudo, visando identificar e descrever as tais ocorrências.

A Língua Portuguesa, no espaço angolano, convive com as línguas de origem bantu e não bantu, o que, às vezes, é influenciada pelas suas estruturas. Na formação do infinitivo, por exemplo, os verbos nas línguas de Angola, senão mesmo no kimbundu, são formados com o morfema *ku*, que constitui marca do infinitivo; ao passo que, no português, o modo infinitivo é formado pela desinência -r, que constitui o morfema não flexional verbal. Neste caso, é cedo afirmar que o apagamento da rótica /r/ seja resultado do contacto linguístico, uma vez que possamos considerar, também, as razões históricas (linguística histórica) entre Angola e Brasil em que o fenómeno do apagamento da rótica [r] é uma realidade ou, mesmo, o alongamento da vogal em relação à coda. Pois, a queda da consoante vibrante final é muito dominante na oralidade.

Com esta pesquisa, pretendemos que, do ponto de vista social, os alunos possam sobre este assunto cultivar consciência linguística, nos domínios fonológico e ortográfico, de modo que sejam capazes de apreender a escrita do fonema e reconhecer a existência do apagamento da rótica como uma realidade sociolinguística, tendo em conta as idiosincrasias linguísticas de um povo.

Do ponto de vista académico, este estudo pode contribuir para perceber-se o fenómeno do apagamento da rótica /r/ em formas verbais do infinitivo desde uma perspectiva da oralidade até à escrita e estabelecer as fronteiras entre a Norma do Português Europeu (NPE) e a Norma do Português Angolano (NPA).

## 1. Fundamentação Teórica

O apagamento da rótica é um assunto muito discutido em matéria de Fonética e Fonologia. Este fenómeno, na perspectiva de Oliveira (2009 citado por BARRETO & CAGLIARI, 2019, p. 40), mostra-se muito mais frequente em posição final de palavra e que tal ausência é mais comum em verbos do que em não-verbos. Este comportamento de apagamento pressupõe que os verbos, na construção do infinitivo, sofrem estas alterações, fundamentalmente na oralidade. Este fenómeno linguístico pode ocorrer devido a dinâmica que a que está sujeita qualquer língua, naturalmente.

Num estudo realizado, Costa (2015 citada por BARRETO & CAGLIARI, 2019, p. 42) explica que é bem mais comum o falante suprimir a rótica final de infinitivos e das formas verbais do futuro subjuntivo. A autora já citada (2015) acrescenta que “zero fonético” é uma das variantes mais produtivas das consoantes róticas finais e que tal fenómeno ocorre em praticamente todas as regiões até então pesquisadas. Segundo a autora, o apagamento do *-r* final não está condicionado ao factor classe social, uma vez que pessoas de todas as classes sociais tendem a apagar as róticas em coda.

Pelo facto de o apagamento desta consoante ser muito frequente na comunicação de muitos falantes, Costa (*idem*) diz que este fenómeno não se pode configurar como estigma. No entanto, o mesmo não ocorre em relação às gramáticas prescritivas, nas quais tais ocorrências sofrem estigma e são vistas como erros. Diferentemente de Costa que diz que o apagamento desta consoante rótica incide sobre todas as classes sociais, Botassini (2011 citado por BARRETO & CAGLIARI, 2019, p. 42) mostra que o apagamento do *-r* final ocorre com frequência nas classes sociais menos escolarizadas. Barreto e Cagliari (2019, p. 42), citando Brescancini e Monaretto (2008), dizem que o fenómeno do apagamento das róticas em coda é um assunto presente em muitos estudos e hoje possui o *status* de variação estável na língua.

Por se tratar de apagamento da rótica, um estudo virado para linguística variacionista, esta pesquisa faz recurso à Teoria Variacionista de Labov, que constitui um marco fundamental para a caracterização da sociolinguística, enquanto ciência dotada de método. Esta doutrina resultou do trabalho realizado por Labov em Martha’s Vineyard, onde analisou um fenómeno de mudança linguística – fónica – em processo na fala dos seus habitantes. A partir de então, Labov passou a desenvolver uma série de pesquisas empíricas baseadas na teoria que ficou conhecida como Teoria Quantitativa ou Variacionista.

A teoria laboviana permitiu chegar ao entendimento que a variação linguística fónica é passível de sistematização e que não é caótica, antes apresenta regularidades que não são devidas ao acaso. Mostrou que existe uma relação intrínseca e inseparável entre a língua e a sociedade, ou seja, que a língua possui factores internos (sistemas/estruturais) e externos [extralinguísticos (socioculturais)].

### 1.1. Conceito de Rótica

Muitos são os estudiosos que têm estado a reflectir em torno da rótica. Assim, o nosso trabalho se insere também na perspectiva da vibrante múltipla [r] e abre caminhos para as próximas pesquisas sobre a rótica no contexto angolano em verbos ou em não-verbos. O termo rótico não é novo nos estudos fonéticos e fonológicos e tem merecido discussões acesas, uma vez que descreve os sons da consoante vibrante [r], apesar da sua complexidade.







Segundo Suelela (2019, p. 31), “o pronome cumulativo **le** não é novo na gramática histórica do português e não é um metaplasmo pronominal do PA. Há documentos notariais como o Testamento de Afonso II (1214) e a Notícia de Torto (1214), que atestam a sua ocorrência durante os dois primeiros séculos do galego-português.”

Para Zau (2011, p. 68), o infinitivo em Kimbundu compõe-se de um prefixo, normalmente “ku”, e de um tema verbal que termina, geralmente, pelo grafema “a”, em diferenciação com a Língua Portuguesa, marcada pela ausência do prefixo, tendo como característica principal do infinitivo a desinência /r/.

Não obstante a construção da norma do Português Angolano (PA) ser descrita maioritariamente a partir de factores linguísticos externos, isto é, pelo contacto do português com as línguas bantu, como registara acima, precisamos, tal como sugere Suelela (2019, p. 30), de estabelecer um desafio “em descrever o PA com base em factores linguísticos internos (gramática histórica da própria língua portuguesa), porque para lá da dicotomia, se acredita que será possível chegar à sistematização e normalização do PA, na medida em que se for realizando um investimento proporcional entre estudos linguísticos de natureza externa e interna”.

Fruto disso, poderá ser, por um lado, uma gramática sobre o PA “não polarizada” que possa contemplar explicações dos fenómenos linguísticos com base nas línguas bantu e na gramática histórica da língua portuguesa”.

Partindo deste pressuposto, pode-se perceber que o fundamento sobre o apagamento da rótica /r/ em coda final das formas verbais do português falado em Luanda não resulta simplesmente do contacto que o português tem com as línguas bantu, tal como observamos em Zau sobre o processo de formação do infinitivo das línguas bantu, porém o apagamento pode resultar de uma perspectiva histórica entre Angola e Brasil, fundada no processo colonial e que vigora até à data presente, em que são permitidos partilhar, entre povos, os conhecimentos científicos, por meio das obras publicadas, as telenovelas, os programas de entretenimentos. Por hipótese, toda esta partilha de conhecimento influencia no processo de apagamento.

Alinhando às ideias de Barreto e Cagliari (2019, p. 47),

o -r final não sofria apagamento no português arcaico trovaderesco tanto nos verbos como nos não-verbos (palavras pertencentes às demais classes de palavras existentes). Diferentemente do que ocorre no português brasileiro actual, em que o -r do infinitivo é quase totalmente apagado na fala espontânea.

## 2. Linguística do *Corpus*

A Linguística de *Corpus* é uma teoria nova, no âmbito das ciências da linguagem. O seu surgimento “foi marcado pelo aparecimento na década de 60 do primeiro *corpus* linguístico electrónico, o *corpus* Brown, composto por cerca de 1 milhão de palavras.” É desta forma que Suelela (2019, p. 82), citando Sardinha e Moreira, diz que “a história da Linguística de *Corpus* está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de *corpora*, mas também a sua exploração. Por isso, a história da área está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para análise de *corpus*” (SARDINHA, 2000, p. 334). Para Moreira

[...] foi nesta altura que a linguística de *corpus* começou a ocupar-se de *corpora* electrónicos, sendo esta, exatamente, a diferença entre os anteriores *corpora* e os que se construíram a partir desta altura. Isto é, os *corpora* existentes até então eram constituídos e analisados

manualmente e esta altura marca o nascimento dos *corpora* constituídos e analisados eletronicamente (MOREIRA, 2016, p. 64).

À luz do que acabamos de apresentar, os dados analisados para a constituição dos *corpora* foram transcritos manualmente, o que dificultou a eficácia dos resultados. Sardinha (2000, p. 334) diz que a história da linguística de *corpus* está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de *corpora*, mas também a sua exploração. Por isso, a história da área está relacionada com a disponibilidade de ferramentas computacionais para análise do *corpus*.

## 2.1. Constituição do *corpus* do trabalho

A cultura da pedagogia do oral é introduzida na escola tardiamente, uma vez que o que se predominava na escola era a eloquência, isto é, o uso correcto da norma padrão. Nesta perspectiva, a língua tinha a única função de representação e não de comunicação, visto que não respeitava a individualidade locucionária dos falantes. Deste modo, Figueiredo (2005, p. 49) diz que

Quando se ensinava a falar Português aos alunos, a finalidade era levar os alunos a falar correctamente (*elocutio*), através do respeito pelas normas do discurso escrito. Aprender a falar era, então, aprender a pensar. Isso significava que o importante era aprender as formas correctas da língua que exprimem um pensamento claro (a língua como representação) e não aprender a língua para comunicar com os outros (a língua como comunicação).

A importância do oral teve o seu apogeu com a influência da linguística estrutural, que parte do princípio de que a língua é social e a fala, individual. Como adianta Figueiredo (*op. cit.*, p. 49), foi a partir deste período, isto é, dos anos sessenta e setenta que “a língua do oral deixa de ser somente um instrumento de representação do pensamento e passa a ser também um instrumento de comunicação, visto na sua variabilidade com as situações de comunicação.”

Em apoio à ideia de Figueiredo, Martinet (2014, pp. 32-33) adianta que

[...] não deve fazer esquecer os sinais da linguagem humana são prioritariamente vocais, que, durante centenas de milhares de anos, esses sinais foram exclusivamente vocais, e que ainda hoje os seres humanos na sua maioria sabem falar sem saber escrever. Aprendemos a falar antes de aprendermos a ler; a leitura vem a seguir à fala e nunca o inverso.

À luz do exposto, pressupõe que a escrita resulta da fala, isto é, a reprodução da oralidade. É com base na oralidade e, apoiando-se na ideia de Labov, segundo a qual a fala da entrevista é formal, não por qualquer medida absoluta, mas em comparação com a vida quotidiana, que a oralidade serviu de objecto para a constituição do *corpus*, analisando a fala espontânea dos informantes que apresentamos abaixo:

### Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?

AD1: Porque elas ficam distraídas na comida. Quando se **stá** a comer, não podemos **[fale]** ao telefone. Devemos **[kumÉ]**, quando terminamos é que

podemos [pege] no telefone para não [efkesɛ] da notícia. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 05/072022, tempo: 11:36]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

AD1: Porque ele gosta mais da sopa, porque a costeleta é muito pesada porque ao [korte], [maftige]. Já a sopa vai [pege] a colher e [metɛ] na boca e vai [être] directo no estômago.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

AD1: Quando a notícia tá muito boa já não vais [kerɛ][kumɛ], vais [preftɛ] atenção no que a notícia tá a transmitir.

**Questão 4: Que reacções teve a personagem principal em relação à Luísa?**

AD1: A reacção foi boa, aconselhava as pessoas para não comerem de boca cheia.

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

AD1: Não podemos comer de boca cheia, não podemos [kumɛ] enquanto estamos a [vɛ] uma notícia. Eu faço assim: se toua [comɛ], tou a [meftɛ] no telefone.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

AD1: Quando o ministro tava a [pase] a notícia, O João tava a [kumɛ]. Por isso é que ele não tá[lêbre] o que o ministro disse.

**Questão 7. Que conselhos deixa àquelas pessoas que, ao comerem, fazem duas coisas em simultâneo?**

AD1: O conselho que deixo é que as pessoas parem de [fazɛ]isto, porque não é muito aconselhável alguém tá a [kumɛ] e táa [meftɛ]ao telefone, talvez a pessoa possa se [êgaftɛ] ao [kumɛ] e pode [fazɛ]mal para a saúde dessa pessoa. Não se pode [fazɛ] as duas coisas de uma só vez.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

CM2: Eu acho que as pessoas esquecem-se rapidamente das notícias trágicas porque não se pode [fazɛ] duas coisas ao mesmo tempo. Então, quando uma pessoa stá a [kumɛ]e [lɛ], talvez a sua atenção vai mais para o prato que stá a comer e acaba se esquecendo do que leu. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 05/072022, tempo: 12:42]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

CM2: Porque a sopa é um alimento leve que a pessoa pega a colher e vai pondo a sua boca e engoli, mas algumas sopas tem pedaços grandes, então é preciso [maftige], porque é um alimento leve para se[di3eri]. A costeleta é um alimento que a maioria das pessoas gosta, querem a [saboreɛ] o sabor dos temperos, então invés de [preftɛ] atenção na leitura, vai [preftɛ] atenção na costeleta.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

CM2: Eu acho que sim, professor. Até eu já tive essa experiência. Eu tava a [lɛ] um livro e chegou uma parte do livro que me chamou muita atenção, então deixei o prato de lado. Eu acho que sim, tira o apetite, até não é [tire] o apetite, a tua atenção recai sobre a leitura.

**Questão 4: Que reacções teve a personagem principal em relação à Luísa?**

CM2: Eu acho que a reacção que ele teve foi de **[ignore]** o conselho da Luísa, porque depois que ela disse que não se pode comer e ler ao mesmo tempo o jornal, ele fez apenas com a boca hum, hum!

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

CM2: Eu aí tirei duas lições: uma é de boas maneiras, enquanto **stamos** à mesa; outra sobre pessoas que desperdiçam comida enquanto outras necessitam.

**5.1. Como traduz essas lições de boas maneiras?**

CM2: Quando **stamos** à mesa, sentamos para **[kumɛ]**, se **[alimête]** e **[deife]** outros afazeres para depois, como ler. Ninguém senta à mesa para ler e para comer. Sentamos à mesa quando tamos a **[fazɛ]** um estudo, mas não com o prato de comida à nossa frente. Como também se diz que não podemos **tá** à mesa com o telefone.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

CM2: O João não se lembra do que o ministro disse por causa das costelas que **tava** a **[kumɛ]**.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, as notícias trágicas?**

CP3: Ao meu ver pode ser que a memória da pessoa não aguenta. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 27/062022, tempo: 9:46]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

CP3: O melhor alimento é a sopa, porque a costeleta contém ossos, quando se lê, tem de se dar atenção no que se come, ou seja, evita comer ossos.

CP3: Depende da leitura que faço. No contexto geral, se uma pessoa **tivesse** a **[lɛ]** e ver uma notícia trágica de morte, acho que sim poderia, mas individualmente acho que não.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

CP3: João não se lembra o que o ministro disse por causa da costela.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

FA4: Porque no momento em que está a **[kumɛ]**, está a **[lɛ]** ao mesmo tempo. Não se pode comer e ler ao mesmo tempo. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 06/07/2022, tempo: 10:10]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

FA4: A sopa é um alimento confortável; ao passo que a costeleta contém muito osso para mastigar.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

FA4: Vai **[depêdɛ]** do tipo de notícia que vou **[resebɛ]**. Uma notícia que não tem nada a **[vɛ]** vai **[criɛ]** o desgosto de eu **[kôtiue]** a **[kumɛ]**.

**Questão 4: Que reacções teve a personagem principal em relação à Luísa?**

FA4: Quis **[aufiãe]** a Luísa para não poder comer e ler ao mesmo tempo.

**Questão 5: Que lição moral retira do texto?**

FA4: Eu tenho este mesmo comportamento. Às vezes, estou a **[kumɛ]**, estou a **[meɟɛ]** no telefone. As pessoas que sentam comigo sobre a mesa pedem para mim **[podɛ]** parar, porque não posso **[kumɛ]** e **[meɟɛ]** ao mesmo tempo ao telefone.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

FA4: Porque ele prestou mais atenção na comida do que na notícia.

**Questão 7. O que acontece quando come um alimento de que muito gosta e lê ao mesmo tempo?**

FA4: Tenho de [pare] de [kumɛ] e ler primeiro ou leio primeiro e depois como.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

FD5: Eu esqueço através de algumas conversas que você vai [tɛ] com as outras pessoas.[Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 06/072022, tempo: 10:31]

**Questão 4: Que lição de moral retira do texto?**

FD5: O texto tá a [dizɛ] que quando stamos[asifti], não devemos [kumɛ].E se estiveres a [vɛ] televisão, acabas por[e]kesɛ].

**Questão 7. O que quer dizer “pôr em pratos limpos”?**

FD5: Stá [dizɛ] pôr em práticas.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?** JM6. Mexendo no telefone, ele aí não vai [tɛ] muitas notícias do que está a se [pase] nesta televisão. Às vezes faço, até porque não tenho muito de[asifti]. Só mais de [estɛ] no quarto e no telefone.[Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 06/072022, tempo: 12:02]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

JM6. O melhor alimento é a sopa, porque não podemos [tome] muito quente, porque podemos nos [keime] até porque a sopa é só [tire] e [tome]; a costeleta já não. Tens de [maftige], vais [kerɛ] [fale] e não [de], professor.

**Questão 4: Que de lição moral retira do texto?**

JM6. Não devemos [lɛ] livro [asifti]o telejornal ou [lɛ] livro a [kumɛ]. Isto é errado.Se nós lermos o livro, já não podemos [asifti]a televisão. Pode [akôtesɛ] que vais [lɛ] e não vais [êtêdɛ]. Enquanto estamos [asifti]e estamos a [kumɛ], não podemos [kumɛ] e a [mexɛ] no telefone ou [kumɛ] e a [lɛ] revista.

**Questão 5. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

JM6. Ministro estava a [fale] sobre a guerra.

**Questão 7. O que quer dizer “pôr em pratos limpos”?**

JM6. Isto significa [deixe] conversa [pase].

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

JT7: Porque isto traz um mau estar, não queremos nos [lêbre] daquilo que nos faz mal. Então, isto nos faz [e]kesɛ]. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 05/072022, tempo: 8:05]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

JT7: Porque a sopa é uma questão de [tome] e não precisa de muita atenção como as costeletas e facilita a leitura.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

JT7: Se for uma notícia ruim, pode [perdɛ] o apetite. Se for uma notícia que me agrada, posso [perdɛ] o apetite, porque vou [preste] mais atenção à leitura.

**Questão 4: Que reacções teve a personagem principal em relação à Luísa?**

JT7: Teve reacção e ignorância. A minha avó diz que “a ignorância não dá a oportunidade de [apredê] muitas coisas. Isto faz com que ele não perceba o que está a [fazê] é errado.

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

JT7: A lição moral que retiro do texto é que enquanto se lê não se come e enquanto se come não se lê. Não se pode [fazê] as duas coisas ao mesmo tempo.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

JT7: Porque tava a [prefte] atenção nas costeletas. Não tava[prefte] atenção na leitura.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

KM8: Penso que as pessoas tendem a [efkesê] as más notícias, porque bem dizendo as más notícias muitas vezes, para algumas pessoas doentes podem le[kawze] atenção alta ou mesmo pensar sobre aquele mal que ocorreu numa determinada área. Também pela atenção que ele vai [tê] em relação ao prato e a notícia. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 05/072022, tempo: 12:50]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

KM8: A sopa é o melhor alimento para se ler o jornal, porque a costeleta o seu osso é muito duro para mastigar em relação a sopa.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

KM8: Enquanto nós lemos, os nossos olhos estão concentrados nas palavras e a nossa mente na leitura, na interpretação, mas com a comida de lado, muitas vezes, isto poderá distrair-nos e a atenção é [kerê] [prove] daquilo que está a [kumê] e [deife] o texto de lado, acho que isso interfere.

**Questão 3.1: O que temos de fazer para que isto não aconteça?**

KM8: Bem, acho que seria mais fácil [programe] bem, antes da leitura, sentar-se à mesa, [fazê] a refeição e no momento do descanso ou do repouso, [pege] num determinado texto ou livro e [fazê] a leitura.

**Questão 4: Que reacções teve a personagem principal em relação à Luísa?**

KM8: Acho que a personagem principal não deu muita importância naquilo que a Luísa disse só depois dele [pase] pela aquela situação é que entendeu porque é que a Luísa disse que não se deve ler enquanto come.

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

KM8: A lição moral que eu retiro do texto é que não devemos [fazê] duas coisas ao mesmo tempo, tem momento para [fazê] determinadas coisas.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

KM8: No momento da leitura da notícia, ele se distraiu com o prato da costeleta e não prestou atenção.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

LF9: Esquecem porque as notícias não são muito boas para tá na mente, porque as pessoas fazem tudo ao nível delas para [efkesê] as notícias. [Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 04/072022, tempo: 8:45]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

LF9: O melhor alimento é a sopa, porque o jornal tem um bom alimento sobre a sopa.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

LF9: Se eu [resebɛ] uma mensagem ruim e uma acção que eu estou a [kumɛ] o meu apetite acaba por [akabɛ].

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

LF9: A lição moral que retiro do texto é que não devemos [kumɛ] e [fale] ao mesmo tempo.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

LF9: O João não se lembra do que o ministro disse por causa das suas costelas.

**Questão1: Por que as pessoas se esquecem, rapidamente, das notícias trágicas?**

MB10: As pessoas esquecem-se rapidamente das notícias trágicas, porque não dão muita importância nisso, preocupam-se mais com outras coisas. Eles podem [lɛ] e [fike] assim. Não vão [de] muita importância nisto.[Texto: *Tragédia à Mesa*, gravação: 04/07/2022, tempo: 8:27]

**Questão 2: Por que a sopa é o melhor alimento, de acordo com o texto, para ler o jornal em detrimento da costeleta?**

MB10: Enquanto tomas a sopa, o vapor da sopa embacia os óculos, então a pessoa não consegue [lɛ] bem.

**Questão 3: Por que é que quando se come e se lê uma notícia trágica, o sofrimento que patenteia interfere no apetite?**

MB10: Interfere porque enquanto está a [lɛ] vai [perdɛ] o apetite. Porque tem muitas notícias ruins de morte, pessoas que morreram de fome, vai se [sɛti] um pouco mal. Ela não vai [cõsegi][kumɛ], sabendo que muita gente está morrendo de fome, enquanto ela está [di]perdise] a comida.

MB10: Não ligava muito o que ela dizia, respondia com respostas curtas.

**Questão 5: Que lição de moral retira do texto?**

MB10: Que nós não devemos [lɛ] o jornal enquanto estamos comendo, devemos nos [kõsɛtre] na nossa comida.

**Questão 6. Por que o João não se lembra do que o ministro disse?**

MB10: Porque talvez não deu muita importância no que o ministro disse.

## 2.2. Análise e discussão dos dados empíricos

Dos dados colectados, verificámos o apagamento da consoante rótica na coda verbal e duas ocorrências no pronome pessoal do caso oblíquo [lhe]. O fenómeno do apagamento elimina, em muitos casos, o significante, sem perder o seu significado. Porém, observámos, nalguns casos, que o apagamento da coda vocálica pode permitir aos verbos sofrerem alguma mudança do ponto de vista do seu significado, como também do ponto de vista da classe morfológica, da forma verbal, bem como dos modos verbais.

Esta análise permitiu-nos perceber que o apagamento da rótica não só ocorre em posição de coda do verbo, mas também na posição inicial de verbos, no caso específico do verbo auxiliar **estar** e não verbos, especificamente nos pronomes pessoais do caso oblíquo (**lhe**), como veremos mais adiante.

Na fala dos informantes AD1, CM2, CP3, FA4, FD5, JM6, JT7, KM8, LF9, MB10, e de outros não mencionados, verificámos, com frequência, na construção da conjugação perifrástica, o apagamento não só da consoante vibrante alveolar [r] em posição da coda,



mas também das vogais orais palatais médias e da consoante fricativa [e] e [es] na posição inicial, como é o caso do verbo **estar**, bem como do pronome pessoal oblíquo [lhe], como se pode conferir nos trechos extraídos das respostas das perguntas:

- i) AD1: Quando se **stá** a comer...
- ii) CM2: Quando **stamos** à mesa, sentamos para [kumɛ], se [alimête] e [deife] outros afazeres para depois, como ler.
- iii) CP3: Depende da leitura que faço. No contexto geral, se uma pessoa **tivesse** a [lɛ].
- iv) FA4: Vai [depêdɛ] do tipo de notícia que vou [resebɛ]. Uma notícia que não tem nada a [vɛ] vai [crie] o desgosto de eu [kõtinue] a [kumɛ].
- v) FD5: O texto **tá** a [dizɛ] que quando **stamos**[asifti], não devemos [kumɛ]. E se estiveres a [vɛ] televisão, acabas por [efkesɛ];
- vi) JM6. Não devemos [lɛ] livro [asifti] o telejornal ou [lɛ] livro a [kumɛ]. Isto é errado. Se nós lermos o livro, já não podemos [asifti] a televisão. Pode [akôtesɛ] que vais [lɛ] e não vais [êtêdɛ]. Enquanto estamos [asifti] e estamos a [kumɛ], não podemos [kumɛ] e a [mexɛ] no telefone ou [kumɛ] e a [lɛ] revista.
- vii) JT7: Porque **tava** a [prefte] atenção nas costeletas. Não **tava**[prefte] atenção na leitura.
- viii) KM8: Penso que as pessoas tendem a [efkesɛ] as más notícias, porque bem dizendo as más notícias muitas vezes, para algumas pessoas doentes podem **le**[kawze] atenção alta ou mesmo pensar sobre aquele mal que ocorreu numa determinada área. Também pela atenção que ele vai [tɛ] em relação ao prato e a notícia.
- ix) LF9: Esquecem porque as notícias não são muito boas para **tá** na mente, porque as pessoas fazem tudo ao nível delas para [efkesɛ] as notícias.
- x) MB10: As pessoas esquecem-se rapidamente das notícias trágicas, porque não dão muita importância nisso, preocupam-se mais com outras coisas. Eles podem [lɛ] e [fike] assim. Não vão [de] muita importância nisto.

Na sentença AD1, verificámos o apagamento da vogal oral palatal átona [i], na forma verbal *estar*, conjugada no presente do indicativo, em que o informante pronuncia [ste] ao invés de [ište]. O mesmo processo ocorre no CM2, em que o mesmo verbo *estar*, conjugado no presente do indicativo, na 1.ª pessoa do plural, sofre o apagamento da vogal oral palatal átona [i], pronunciando o lexema [stemuf], ao invés de [ištamos], ao mesmo tempo ocorre o apagamento da rótica na coda final do verbo, em que os lexemas ganham uma vogal aberta [e], tal como ilustramos nas transcrições fonéticas: Quando **stamos**[stemuf] à mesa, sentamos para [kumɛ], se [alimête] e [deife] outros afazeres para depois, como ler.

Na mesma senda, o apagamento da consoante vibrante alveolar [r], da vogal oral palatal [i] e da consoante fricativa [s] não altera o significado das palavras, porém torna as palavras mais acentuadas do ponto de vista da oralidade, tornando as vogais orais médias mais tónicas como se pode ver abaixo:

FA4: Vai [depêdɛ] do tipo de notícia que vou [resebɛ]. Uma notícia que não tem nada a [vɛ] vai [crie] o desgosto de eu [kõtinue] a [kumɛ]. FD5: O texto **tá** a [dizɛ] que quando **stamos**[asifti], não devemos [kumɛ]. E se estiveres a [vɛ] televisão, acabas por [efkesɛ]; JM6. Não devemos [lɛ] livro [asifti] o telejornal ou [lɛ] livro a [kumɛ]. Isto é errado. Se nós lermos o livro, já não podemos [asifti] a televisão. Pode [akôtesɛ] que vais [lɛ] e não vais [êtêdɛ]. Enquanto estamos [asifti] e estamos a [kumɛ], não

podemos [kumɛ] e a [mexɛ] no telefone ou [kumɛ] e a [lɛ] revista. JT7: Porque tava a [prefte] atenção nas costeletas. Não tava[prefte] atenção na leitura.

Na sentença MB10, o apagamento da consoante vibrante alveolar [r] no verbo dar, dá origem à vogal oral aberta [e], que apagando a consoante alveolar vibrante[r], ficando [de], cria certo ruído, confundindo, portanto, com a preposição da, e da forma do verbo dar no presente do indicativo na terceira pessoa do singular, como podemos conferir no exemplo: Eles podem [lɛ] e [fike] assim. Não vão [de] muita importância nisto.

Na frase KM8 e como dissemos acima, o apagamento não acontece apenas nas formas verbais, porém ocorre também no pronome pessoal do caso oblíquo, em que o pronome de complemento indirecto **lhe** toma a forma [le], apagando a consoante surda [h], porque não produz som, a menos que esteja associada à consoante alveolar [l] e à consoante vibrante[n], verificámos que os informantes na linguagem espontânea, em relação ao pronome pessoal do caso oblíquo [lhe], pronunciam [le], apagando a consoante surda [h], como se pode ver no excerto a seguir: para algumas pessoas doentes podem le[kawze] atenção alta ou mesmo pensar sobre aquele mal que ocorreu numa determinada área. Também pela atenção que ele vai [tɛ] em relação ao prato e à notícia.

Em relação ao apagamento do pronome, Suelela (2019, p. 31) diz que “o pronome cumulativo **le** não é novo na gramática histórica do português e não é um metaplasmo pronominal do PA. Há documentos notariais, como o Testamento de Afonso II (1214) e a Notícia de Torto (1214), que atestam a sua ocorrência durante os dois primeiros séculos do galego-português.”

### Considerações Finais e Sugestões

O estudo sobre o apagamento da rótica, fruto de uma pesquisa no âmbito da formação de mestrado em Ensino da Língua Portuguesa, no ISCED-Luanda, permitiu-nos descrever este fenómeno, de modo a compreender a sua realização. A presença ou ausência da consoante vibrante [r] na posição da coda final em verbos é um diferenciador da variedade do português realizado em Angola, em contraste com o que sucederá em Portugal.

Tratando-se de um estudo descritivo, que tem como objectivo analisar o apagamento da rótica coda final do verbo, enquadrámos o trabalho na linguística do *corpus* oral, baseado na teoria variacionista de Labov em que o autor analisou a fala dos habitantes da sua cidade e percebeu que os falantes articulavam a língua de forma diferente. Tendo um olhar afim à abordagem de Labov, ao analisarmos este estudo, verificámos que os falantes não só apagam a consoante vibrante [r] na coda verbal, como o fazem também no início do verbo, bem como no pronome pessoal do caso oblíquo [lhe]. Desta forma, este fenómeno pode caracterizar a marca do Português angolano, tendo como base o português falado pelos luandenses.

Por meio do estudo descritivo realizado com os alunos, compreendemos que eles não falam línguas nacionais, uma vez que a estrutura da formação do infinitivo nas línguas nativas contrasta com a Língua Portuguesa. Dito de outra forma, o infinitivo nas línguas nacionais é feito pelo morfema **ku**, como é o caso do Kimbundu; ao passo que, na Língua Portuguesa, é feito com o morfema ou desinência *-r*, que é a marca do infinitivo. Não obstante a estas peculiaridades, hoje a caracterização do português é feita a partir

da estrutura externa da língua, especificamente, o contacto entre as línguas. Por isso, é necessário levar em consideração a estrutura interna da língua, ou seja, a história da língua.

Face à questão de partida levantada sobre o porquê do apagamento da rótica final em formas verbais pelos falantes do português falado em Luanda, ficou a ideia de que, embora os alunos não falem as línguas de Angola, o apagamento ocorre, talvez pelo facto da existência do contacto linguístico entre as demais línguas de Angola e o português, realidade que desemboca nos factores extralinguísticos; talvez seja também pelo facto de, segundo análise contrastiva feita entre o português angolano, brasileiro e europeu, o fenómeno do apagamento ser uma realidade no Brasil, diferentemente de Portugal. Isto pressupõe que esta ocorrência tem motivações extralinguísticas (contacto entre as línguas), bem como intralinguísticos (factores internos da língua e a sua relação histórica entre português angolano e o brasileiro).

Dado o problema identificado e para que a escola não rotule o apagamento como um mal em si mesmo, sugerimos que:

1. A escola treine com os alunos a competência da oralidade, sendo que este exercício deve ser feito por meio da interacção entre o professor-aluno, aluno-professor;
2. A escola leve o aluno a distinguir o nome da letra (grafema) e o seu som (fonema), de modo que o aluno adquira a consciência grafo-fonémica;
3. A escola não ignore os conhecimentos trazidos pelos alunos, frutos da experiência do ambiente familiar que marcam evidências empíricas da oralidade, tal como sugere Labov que é na oralidade que reside a formalidade da fala, a partir da qual a escrita é codificada.
4. A criação na sala de aula de espaço de diálogo para explorar a fala do aluno, com vista a adquirir competência comunicativa.
5. Que a escola desenvolva a consciência fonológica ao aluno para o sucesso da aprendizagem da leitura e da escrita.

## REFERÊNCIAS

Barreto, D., Aparecida, R., J. & Cagliari, G., M. (2019). Apagamento das Consoantes Róticas Finais: um Estudo Comparativo entre o Português Arcaico e o Português Brasileiro. *Revista do GEL*, vol. 16, n. 1, p. 37-52, 2019.

Figueiredo, O. (2005). *Didáctica do Português Língua Materna*. Lisboa: Asa.

Labov, W. (2008). *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola.

\_\_\_\_\_. (2010). *Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors*. Oxford: Wiley- Blackwell.

\_\_\_\_\_. (1994). *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Wiley-Blackwell.

\_\_\_\_\_. (1968). *The reflection of Social Processes in Linguistic Structures*. In: *Readings in the Sociology of language*. p. 110-121.

Ladefoged, P. & Maddieson, I. (1996). *Sounds of the world's languages*. Oxford: Blackwells.

Pereira, R., M., dos S. (2020). *O R-forte em Português Europeu: análise fonológica de dados dialetais* [Dissertação de Mestrado]. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Sardinha, T., B. (2000). *A Lingüística de corpus: histórico e problemática*. D.E.L.T.A., vol.16, nº2, p.323-367.

Suelela, D., J., L. (2019). *Complementação Finita no Português de Angola: para uma Gramática da Frase*. [Tese apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Linguística]. Universidade de Évora, Évora.

Tembe, R. C. A. C., Maxaieie, J. & Matabel F. (2019). *Manual de Didáctica de Língua Portuguesa – Língua Segunda*. Maputo: INLD.

Undolo, M., E. da S. (2014). *Caracterização da norma do português em Angola*. [Tese de Doutoramento]. Universidade de Évora, Évora.

\_\_\_\_\_. (2020). *Introdução à Linguística Aplicada ao Ensino de Português*. Luanda, Angola: ECO7.

Zau, D., G., D. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola: um contributo para o Estudo da sua nacionalização*. Tese de Doutoramento em Letras (3.º ciclo de estudos). Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior.

# **SINTAXE**

# 4

## **OBJECTO DIRECTO NULO: SUBSÍDIO PARA O ESTUDO DO PORTUGUÊS ANGOLANO**

Afonso Manuel NEVES

Eugénio António HENRIQUES

Roberta Mirandela António DE ALMEIDA

### **Introdução**

O presente estudo, com o título *Objecto Directo Nulo: subsídio para o estudo do Português angolano*, situa-se no domínio da sintaxe. Pretende-se, com efeito, fazer um estudo contrastivo entre o Português Europeu (PE) e o Português Angolano (PA). Assim, recorrendo aos conceitos inerentes a pressupostos teóricos do modelo dos princípios e parâmetros da Gramática Universal, pretende-se descrever as razões por que ocorre a omissão do objecto directo em contexto em que a sua utilização é considerada imperativa para o complemento de enunciados.

Traçou-se como objectivo geral a contribuição para a caracterização de uma norma padrão do 'Português Angolano', e dois objectivos específicos dos quais um se relaciona com a constituição de um *corpus* de análise sobre o estudo do objecto directo nulo no Português Angolano, procurando aferir, do contraste com o Português Europeu (a norma padrão), as razões atinentes à ocorrência omissa do objecto directo em situação formal de comunicação. Para a realização deste estudo, teve-se em conta uma metodologia assente na constituição de um *corpus* oral "transcrito", servindo-se de sinais gráficos do Grupo Anagrama do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).

Este trabalho enquadra-se no âmbito dos estudos desenvolvidos no Projecto de Investigação da Variedade do Português de Angola, que se insere no Grupo de Investigação "Variação e Mudança Linguísticas". A questão segundo a qual, em Angola, está em construção uma norma padrão nacional que concorre com a norma padrão europeia, desperta-nos, certamente, para contribuir para a materialização desse desígnio mediante

estudos sistemáticos e científicos sobre a variedade do Português Angolano, pois, deste ponto de vista, tem-se observado uma grande insuficiência de estudos descritivos. Apesar de Angola e Portugal partilharem o mesmo idioma, há muitos factos linguísticos que diferenciam uma variedade da outra, o que contribui, sobremaneira, para questões de variação e mudança linguísticas. Há, quase nada, estudos sobre a ocorrência do objecto directo nulo em construções frásicas em que a sua utilização é obrigatória para o complemento de enunciados.

Tendo em consideração o problema levantado, a nossa análise centrar-se-á na ocorrência omissa do objecto directo produzida em contexto formal de comunicação. Assim, este artigo, estruturalmente, organiza-se em três partes. A primeira parte trata do Enquadramento Teórico, apresentam-se os modelos teóricos adoptados, através dos quais se expõem o suporte para o estudo do facto em causa, assim como à de variação e mudança linguísticas. A segunda, faz o Enquadramento Metodológico, referindo-se a questões ligadas ao procedimento metodológico, enquanto a terceira é reservada para o tratamento, discussão e análise dos resultados.

Toda a língua natural existente está sujeita à variação. Ao longo do tempo e no espaço da sua utilização, ela varia no decurso da sua própria história, como varia ao longo da vida dos falantes que a utilizam, quer como língua primeira, quer como língua segunda. Ela varia também em função do contacto com outras línguas, das pertenças sociais e culturais dos seus falantes, das situações de comunicação (FARIA, 2003, p. 33 citado por UNDOLO, 2016, p. 69).

Segundo faz saber Miguel (2006, p. 5), geralmente num acto discursivo, o falante, ou seja, o emissor (locutor) constrói pontos de referência para que o seu receptor (alocutário) possa identificar os referentes para os quais remete o discurso. Todavia, em muitos casos, tais referentes não ocorrem explicitamente determinados, sobretudo, por razões pragmáticas; por exemplo, o enunciador pode não saber identificá-los com precisão, pode não ter interesse em fazê-lo ou pode considerar que a sua identificação é irrelevante para os seus objectivos comunicativos.

Em função do que foi dito, o nosso olhar para realidade linguística angolana, no que ao Português diz respeito, apercebe-se uma divergência relativa a não ocorrência do objeto directo, ou seja, os verbos transitivos directos requerem a selecção de complemento directo, tal como o nome diz, para que o enunciado seja completo ou explícito. De facto, nota-se um “atropelo” à norma padrão, para uma forma de transitividade dos verbos (em que se verifica um vazio de objecto directo), caracterizadora do português angolano, que reflecte a consciência linguística e hábitos articulatórios desta sociedade.

Assim, a recolha de dados, por meio de gravações-áudios, permitiu dar conta de muitas ocorrências em que o objecto directo nulo é imensamente frequente. Para a economia de espaço, vamos, somente, apresentar três casos:

**(Grav. 01) PA:** agora tenho de parar / porque as mensagens continuam a cair // Não [-]consigo ler//[TPA 1, Sua Manhã, 10h21, 21.01.2022]

**PE:** agora tenho de parar / porque as mensagens continuam a cair // Não [as] consigo ler//

**(Grav.02) PA:** foi a primeira oportunidade que tive // **Agarrei[-]// [TPA 1, A Sua Manhã, 11h07, 21.01.2022]**

**PE:** foi a primeira oportunidade que tive // **Agarrei [-a]//**

**(Grav. 03) PA:** quando fizemos amor / às vezes/ **fizemos [-]** por mera satisfação dos nossos desejos // [TPA 1, A Sua Manhã, 10h07, 21.01.2022]

**PE:** quando fizemos amor / às vezes/ **fizemo [-lo]** por mera satisfação dos nossos desejos //

Nos exemplos acima, observa-se, claramente, a ocorrência nula do objecto directo (marcado com o sinal negativo dentro dos parênteses rectos) em contexto em que a sua utilização, de acordo com a norma padrão, é peremptória para que o enunciado seja completo/explicito.

Perante a realidade comunicativa do que acima foi exposto, está-se diante de uma particularidade da norma linguística angolana em formação. Neste particular, o problema científico do presente trabalho incide sobre a seguinte questão:

- *Que factores estarão na base da ocorrência nula do objecto directo em contexto formal de comunicação em que o seu recurso se considera obrigatório para a explicitação dos enunciados?*

No mundo da investigação, não são estudados todos os fenómenos da linguagem conjuntamente, motivo pelo qual, houve a necessidade de se delimitar o objecto de estudo deste trabalho. Neste âmbito, e em consonância com o problema levantado, dedicar-se-á à análise da ocorrência nula do objecto directo em contexto formal de comunicação. Sendo certo de que o objectivo do VAPA visa, essencialmente, apresentar marcas sintácticas e semânticas de contruções linguísticas que identificam algum afastamento entre a variedade do Português Europeu e a do Português Angolano. Assim, no quadro dos objectivos, formulou-se um objectivo geral do qual advêm dois objectivos específicos: constituir um *corpus* de análise sobre o estudo do objecto directo nulo no Português Angolano; e aferir, em contraste com o PE, as razões atinentes à ocorrência nula do objecto directo em situação formal de comunicação.

## 1. Estado da Arte

Os estudos científicos sobre o Português Angolano são, ainda, escassos. Em geral, o pouco que se sabe, sistematizados e fundamentados, resultam de trabalhos de fim de curso, ao nível da licenciatura, mestrado e doutoramento. Neste caso, o que é lamentável é que, na sua maioria, os autores não continuaram com os seus estudos após a obtenção dos seus títulos académicos, facto que justifica a dificuldade em encontrar material de referência para o estudo descritivo da variante culta nacional, segundo fez saber Undolo (2016).

Neste quesito, há, também, uma grande exiguidade de estudos, sobretudo, a nível da morfossintaxe, em análise linguística de *corpus*, que abordam sobre a ocorrência omissa de objecto directo nos enunciados do Português Angolano. Dos poucos trabalhos desta variedade do português sobre o estudo em análise, refiram-se alguns autores como:

- (i) Adriano (2014), que na sua tese de doutoramento com o título "*Tratamento Morfossintáctico de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: divergência em relação à norma*", apresenta um conjunto de estrutura morfossintáctica do PA, porém, não referencia nada a respeito da ocorrência do objecto directo nulo;
- (ii) Undolo (2016), no seu livro "*A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*", faz uma abordagem em torno da situação da língua



portuguesa em Angola, apresentando marcas morfossintáticas e fonético-fonológicas do Português Angolano. Dentre as marcas morfossintáticas apresentadas, nada se destaca a respeito da ocorrência do objecto directo nulo;

- (iii) Raposo (2013), na sua “*Gramática do Português*”, volumes I e II, mais do que fazer uma radiografia da situação da língua portuguesa, das estruturas morfossintáticas sobre o Português Angolano, não observa nada relativamente ao nosso objecto de estudo;
- (iv) Miguel (2006), na sua dissertação de mestrado, com título “*Sobre a Referência Indeterminada de Sujeito e Agente da Passiva em Português Europeu*”, apresentada à Universidade de Lisboa, nada aborda sobre a ocorrência do objecto directo nulo no Português Angolano, mas a sua dissertação serviu-nos de grande subsídio para o nosso trabalho por haver relação entre as razões que levam os falantes a indeterminarem o sujeito e a não retomarem os objectos directos do ponto de vista da colocação pronominal, dando, assim, origem ao fenómeno do que designamos de objecto directo nulo.

Assim, feita esta radiografia às obras consultadas, vale aqui ressaltar que o nosso objecto de estudo é, de facto, uma matéria recente no campo da morfossintaxe do Português Angolano, na medida em que não se regista estudos sobre o mesmo. Neste particular, esta pesquisa servirá de subsídios para a compreensão do fenómeno em causa, sobretudo para o seu aprofundamento.

## **2. Enquadramento Metodológico**

### **2.1. Procedimento metodológico**

Todo o tipo de investigação realiza-se de acordo com um plano, mediante o qual se definem a estrutura, as estratégias, os parâmetros e os sistemas de controlo necessários para o desenvolvimento do estudo, dando respostas à questão levantada. De acordo com os objectivos, a natureza do problema, objecto de estudo apresentados, o presente estudo é, essencialmente, descritivo por meio de uma abordagem contrastiva.

Segundo Oliveira (2011, p. 21 citando GIL, 1999), o método descritivo tem como finalidade essencial “descrever as características de determinado fenómeno”. Este autor acrescenta ainda que “este método busca descrever um fenómeno ou situação em detalhe, permitindo abranger, com exactidão, as características de um indivíduo, uma situação ou um grupo. A principal característica deste método tem que ver com a colecta de dados de forma padronizada” (*ibidem*).

Sendo este trabalho de cunho descritivo, foi necessária a recolha de dados orais extraídos a partir dos discursos de falantes em situação formal de comunicação. Assim, os dados recolhidos permitiram analisar e contrastar a ocorrência do objecto directo entre as duas variedades do português: o angolano e o europeu.

Para a análise do *corpus*, teve-se em conta o método comparativo, por se tratar de um método de abordagem que visa, fundamentalmente, verificar semelhanças ou contrastes e explicá-los. De acordo com Predanove e Freitas (2013, p. 38 citando GIL, 2008), o método comparativo procede à investigação de indivíduos, classes, fenómenos ou factos, com vista a ressaltar as diferenças e similitudes entre eles. A sua ampla utilização nas ciências sociais deve-se ao facto de possibilitar o estudo de grandes agrupamentos sociais, separados pelo espaço e pelo tempo.

## 2.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Este estudo, desenvolvido no âmbito do domínio da morfossintaxe, e ser, portanto, de cunho descritivo, para a recolha dos dados orais, foram utilizados telemóveis como instrumentos de captação de voz que possibilitaram fazer as gravações-áudio.

Durante o tempo de gravações, os dados recolhidos, com os aparelhos acima referidos, foram transferidos para o computador, onde, de forma organizada, estão alistados e guardados de acordo com o tipo de programa, hora e a data. A seguir a este processo, procedeu-se à análise descritivo-comparativo-contrastivo da ocorrência omissa do objecto directo.

## 2.3. Perfil dos informantes

Um dos critérios levado em conta na selecção dos informantes foi o seu grau de nível académico, tendo-se optado por aqueles com nível académico médio-superior, os quais compõem a camada culta nacional, partindo do pressuposto de que a norma padrão de uma variedade linguística emana dos hábitos linguísticos de falantes com nível de instrução como a que acabamos de nos referir, sobretudo.

Importa ressaltar que, ao longo das gravações dos dados, os programas dos quais foram extraídos as ocorrências, não se dizia, exactamente, o nível de escolaridade dos seus convidados ou entrevistados, facto que nos levou a inferir que tais indivíduos possuísem, em função dos cargos ou *status*, níveis de instrução médios-superiores, dentre os quais: profissionais qualificados dos órgãos de comunicação social, altas entidades do aparelho administrativo e executivo, estudantes, músicos, entidades eclesiásticas, entre outros, onde o ideal seria o uso do normativo, no caso, o português padrão. No entanto, observou-se que o público-alvo fazia recurso ao normal/real, no caso, o Português Angolano.

## 2.4. Critérios de selecção dos programas

As amostras, recolhidas oralmente, por meio de gravações-áudio, foram extraídas dos programas televisivos e radiofónicos que priorizam matriz programática que impõe formalidade na forma como os agentes ou actores se movem ou actuam. O quadro abaixo apresenta os órgãos de comunicação social, os respectivos programas, os seus caracteres, dia e hora de apresentação.

**Quadro 1**– Critério de selecção dos programas

Estação	Programa	Carácter do Programa	Hora	Apresentação
TPA	Sua Manhã	Entretenimento	Das 09h às 12h	De 2. <sup>a</sup> a 6. <sup>a</sup> feira
	Janela Aberta	Entretenimento	Das 15h às 17h	De 2. <sup>a</sup> a 6. <sup>a</sup> feira
	Telejornal	Informativo	Das 20h às 21h	De 2. <sup>a</sup> a Sábado
TVZ	Jornal da Zimbo	Informativo	Das 20h às 21h	Todos os dias
RNA	Jornal das 20	Informativo	Das 20h às 20h30	Todos os dias

## 2.5. Técnicas e Instrumentos de Transcrição de Dados

Tendo em conta o objecto de estudo do presente trabalho, optou-se pelo método de análise de *corpus* constituído por amostras (enunciados orais) de órgãos de comunicação social, particularmente, televisivos e radiofónicos, visando um estudo descritivo-comparativo-contrastivo e sistemático do saber linguístico do falante em situação formal de discurso, usando, assim, telemóveis para captação de tais amostras.

Segundo Adriano (2014), na literatura linguística, o termo transcrição passou a denotar, explicitamente desde Bird e Liberman (2001), um tipo de anotação que se aplica a dados da oralidade. Dependendo do tipo de partição e do tipo de símbolos que a transcrição apresenta, é habitual falar-se de transcrição ortográfica e transcrição fonética ou prosódica. Para esta pesquisa, julgou-se, apenas, necessário a transcrição ortográfica, tal como nos dizeres de Marcuschi (2001, p. 49), segundo os quais transcrever a fala é passar um texto da sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados, possibilitando, assim, a criação de um objecto de estudo.

Para a transcrição dos dados recolhidos, aproveitámos a maior parte dos sinais constantes que constituem as normas de transcrição do grupo Anagrama (CLUL)<sup>12</sup>. Para além dos sinais gráficos apresentados pelo grupo do CLUL, Anagrama, decidiu-se acrescentar outros sinais, que se afiguraram indispensáveis para passar uma dada informação que se refere à omissão de dados orais e outras estratégias.

Os parênteses rectos a fechar as reticências ([...]) indicam uma interrupção da frase feita, não pela pessoa que fala, mas por nós que transcrevemos os dados. Podem figurar no princípio, no meio e no fim de um enunciado, indicando que o mesmo se traduz num fragmento retirado de um enunciado maior. Indica, também, a omissão de alguns dados orais que, por motivos de economia de espaço e por não serem necessários à nossa análise, retiramos do enunciado. No fim de cada frase, entre parênteses rectos, está a informação que se pretende com o órgão de comunicação social, do programa do qual foi gravada a ocorrência e, finalmente, a hora e a data.

## 3. Constituição do *Corpus*

Sendo *corpus* um conjunto de textos escritos ou orais, criteriosamente seleccionados, visando um determinado fim, sendo necessário para descrever, com verdade, factos linguísticos, já que para interpretar os dados, com base nele, frequentemente, temos de levar em conta os contextos.

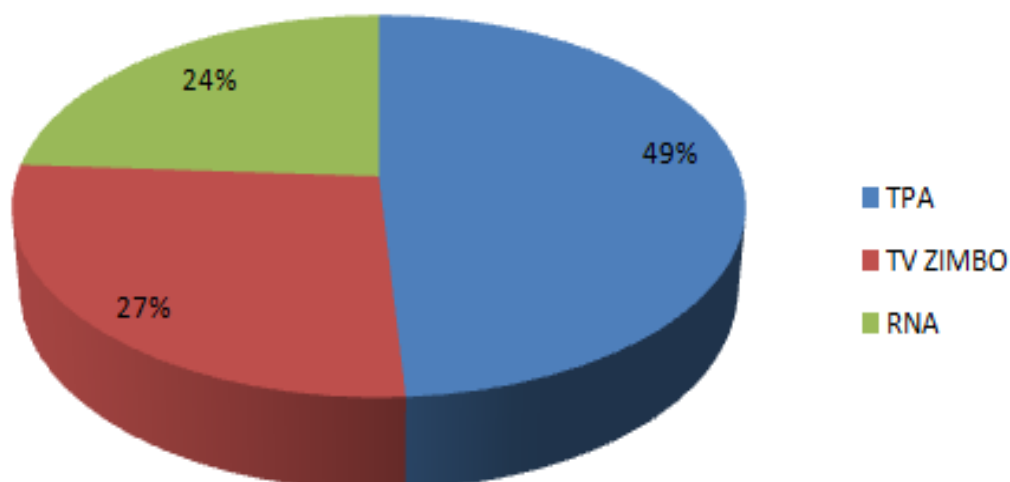
O *corpus* é fundamental para a empreitada de teorizar sobre a linguagem, assim como nos afirma Oliveira (2009). Trata-se de um auxiliar metodológico que permite o estudo profundo sobre o conhecimento empírico linguístico dos falantes, conducente a novas percepções ou aceções teóricas sobre as línguas naturais.

Como a nossa pesquisa se circunscreve no âmbito descritivo-contrastivo, através de um levantamento de *corpus* oral de expressões e estruturas frásicas produzidas pelos falantes em situação formal de comunicação, para a sua realização, constituiu-se um *corpus* de 55 amostras conforme se ilustra na seguinte figura:

---

<sup>12</sup>Anagrama é um grupo do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa composto por Antunes, Veloso, Mendes e Bacelar do Nascimento (Adriano, 2014).

**Figura 2**– Constituição do corpus/Estatística dos textos reunidos



**Fonte:** Dados da pesquisa

Das 55 amostras, o órgão de comunicação com o maior número de amostras é o da TPA 1, com 27, correspondendo a 49%, seguido da TVZ com 15, correspondendo a 27%; e, por último, a RNA com um total de 13 amostras, correspondendo a 24%.

### 3.1. Resultados

Esta parte do trabalho é reservada para abordagem sobre os resultados da investigação, concretamente dos verbos transitivos directos, das estruturas oracionais com objecto directo à luz da norma padrão explícito, tratamentos dos dados e apresentação dos resultados, objecto directo expreso, objecto directo nulo e discussão e análise dos resultados.

#### 3.1.1. Verbos transitivos directos

Considera-se necessária a abordagem sobre a transitividade dos verbos, particularmente a directa, pois, entende-se fundamental para a compreensão do que se está a levar a cabo neste trabalho. Assim, seguindo as leituras de Cunha e Cintra (2014, p. 178), verbos transitivos directos são aqueles que exigem ou seleccionam complementos directos, sem o auxílio de preposições, para que lhes sejam completos os seus sentidos.

- a) **Vou ver** o doente;
- b) Ela **invejava** os homens;
- c) **Precisamos olhar** este assunto com muita seriedade.

Repara-se que os verbos negritados (*vou ver*, *invejar* e *precisamos olhar*) requerem complementos para que os seus sentidos estejam completos, sem os quais as frases ficam vagas. A estes elementos requeridos pelos verbos transitivos directos dá-se a designação de **objecto directo**.

Feita esta situação, está-se em condições para a compreensão do fenómeno sobre objecto directo nulo, a não realização fonológica dos complementos directos nas suas

mais variadas formas de representação. Vale aqui ressaltar ou esclarecer que, dentre os mais variados modos de representação dos objectos directos, a nossa análise limita-se às construções frásicas em que são presentes objectos directos representados por pronomes oblíquos.

### 3.1.2. Estruturas oracionais com objecto directo à luz da norma padrão

De acordo com Cunha e Cintra (2014, p. 185), o objecto directo é o complemento de um verbo transitivo directo, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a acção verbal, que pode ser representado por:

- a) **Substantivo:**  
Ex.: vou descobrir **mundos, quero glória e fama!**...
- b) **Pronome:**  
Ex.: não **o** interrompi.
- c) **Palavra ou expressão substantivada:**  
Ex.: perscrutava na inquietude **o inútil de sua vida.**
- d) **Oração substantiva (objectiva directa):**  
Ex.: não quero **que fiques triste.**

É importante referir que o que se apresentou acima são alguns dos exemplos de como o objecto directo pode ser representado, pois, existem outras formas de o representar. Segundo Cunha e Cintra (idem, p. 186), o objecto directo na forma de grupo nominal pode ser substituído pela forma acusativa do pronome pessoal: me, te, o/a, nos, vos, os/as.

## 3.2. Tratamentos dos dados e apresentação dos resultados

A ocorrência nula do objecto directo: subsídios para o estudo do Português Angolano, é um estudo essencialmente novo que foi desenvolvido de Agosto de 2021 a Outubro de 2022. O presente estudo contribui para observação do afastamento entre a variedade do Português Europeu, a ideal, e a do Português Angolano, a real. Para melhor compreensão da ocorrência do fenómeno no *corpus*, usou-se como *técnica de análise de corpus*, a estatística, de modo a ter-se os dados com maior precisão, representados por gráficos.

Sendo certo que os dados precisos num determinado trabalho de investigação científica são de capital importância, apresenta-se, de forma aleatória, as gravações nas quais ocorrem o objecto directo nulo, os seus respectivos programas televisivos ou radiofónicos.

### 3.2.1. Objecto directo expresso

Designa-se por objecto directo expresso (nosso incremento) a entidade ou o ser visivelmente presente nos enunciados ou nas construções frásicas, sobre o qual recai a acção expressa pelo verbo, podendo ser constituído por um nome (expressão nominal), pronome, numeral, oração completiva, entre outros:

- a) A mãe comprou um livro e ofereceu-**o** ao filho;
- b) A Marcela veio com uma flauta. Entregou-**o** ao marido;
- c) A louça que estava sobre a mesa, a mãe pô-**la** na máquina;
- d) O Pedro fez a comida. Fê-**la** com muito gosto;
- e) A Lemba leu uma estória emocionante que acabou por contá-**la** à irmã.

Os exemplos acima apresentados, todos com a presença de verbos transitivos directos, são exemplos claríssimos de objectos directos expressos, ocorrências necessárias para que os enunciados sejam completos, isto é, de acordo com a norma padrão.

### 3.2.2. Objecto directo nulo

A fala, por ser acto momentâneo, está sujeita a variadíssimas mutações. O desfasamento entre o PE e o PA continua no seu ritmo desenfreado, o que, na verdade, não constitui estranheza para qualquer cidadão minimamente atento. Com efeito, entende-se por objecto directo nulo a não realização fonológica do complemento directo por quaisquer dos seus elementos representativos, embora seja interpretado na estrutura profunda.

**(Grav. 04) PA:** esta zona vai ter dois hotéis // Diz-se que **vão construir[-]** aqui / na Nova Marginal // **[TPA 1, Telejornal, 20h07, 21.01.2022]**

**PE:** esta zona vai ter dois hotéis // Diz-se que **vão construí[-los]** aqui / na Nova Marginal //

**(Grav. 05) PA:** o réu quis sair da sala de julgamento / mas não **[-]** deixaram sair // **[TPA 1, Telejornal, 20h21, 16.02.2022]**

**PE:** o réu quis sair da sala de julgamento / mas não **[o]** deixaram sair //

**(Grav. 06) PA:** estes são patrimónios públicos / portanto/ devemos preservar **[-]** // **[TVZ, Jornal da Zimbo, 21h07, 21.01.2022]**

**PA:** estes são patrimónios públicos / portanto/ devemos preservá **[-los]** //

**(Grav. 07) PA:** este é um assunto que vamos voltar a abordar **[-]** nos próximos serviços noticiosos // **[TPA 1, Telejornal, 21h07, 21.01.2022]**

**PE:** este é um assunto que vamos voltar a abordá **[-lo]** nos próximos serviços noticiosos //

Importa aqui esclarecer que a expressão «objecto directo nulo» surge por forma a estabelecer o contraste entre o que é realizado no PE (objecto directo expresso) e o que é realizado no PA (objecto directo nulo). Entende-se que, a partir desta dicotomia, poder-se-á facilmente compreender as abordagens do presente estudo.

## 4. Discussão dos Resultados

Neste subponto do capítulo, formulou-se algumas hipóteses explicativas que servem de resposta ao problema científico levantado sobre a ocorrência do objecto directo nulo. Conforme o Generativismo, uma sentença que viola um princípio não é tolerada em nenhuma língua natural ou variedade linguística, provavelmente, devido à forma como o sistema computacional do falante funciona. Uma sentença que não atende a uma

propriedade paramétrica pode ser gramatical numa variedade, e agramatical noutra, é o caso, por exemplo, da ocorrência do objecto directo nulo, o que não ocorre na variedade europeia, o que pode ou constitui uma violação à norma padrão.

Servindo-se-nos dos modelos dos Princípios e Parâmetros atinentes à Gramática Universal, os seres humanos são capazes de interpretar elementos que aparecem na frase em lugares diferentes dos lugares que são marcados tematicamente. De acordo com Miotto (2016), isto significa que estes princípios e parâmetros possibilitam aos sintaticistas interpretar os constituintes que surgem na frase em lugares que lhes não são característicos.

No quadro de construções anafóricas, sobretudo de aquelas em que se faz recurso à colocação pronominal com função de objecto directo, considera-se imperiosa a retoma do complemento directo para o complemento ou explicitação dos enunciados, um facto que é pouco recorrente na variedade do Português Angolano – a retoma dos tais, como se observa nos exemplos abaixo:

**(Grav. 08) PA:** é uma obra do âmbito PIIM // O empreiteiro **entrega[-]** ao proprietário na primeira quinzena do mês de Julho deste ano // **[TPA 1, Telejornal, 21h07, 21.01.2022]**

**PE:** é uma obra do âmbito PIIM // O empreiteiro **entrega[-a]** ao proprietário na primeira quinzena do mês de Julho deste ano //

**(Grav. 09) PA:** o Angosat 2 está pronto para ser lançado na órbita // **Vamos utilizar[-]** para melhorar os serviços de telecomunicações e não só // **[TPA 1, Telejornal, 20h03, 10.10.2022]**

**PE:** o Angosat 2 está pronto para ser lançado na órbita // **Vamos utilizá[-lo]** para melhorar os serviços de telecomunicações e não só //

**(Grav. 10) PA:** a Selecção Nacional para Amputados regressa amanhã ao país // **Devemos homenagear[-]** com toda a honra que merecem // **[TPA 1, Telejornal, 20h21, 11.10.2022]**

**PE:** a Selecção Nacional para Amputados regressa amanhã ao país // **Devemos homenageá[-la]** com toda a honra de que merecem //

**(Grav. 11) PA:** o Presidente da República vai à província do Bengo // Esperamos que **[-]encontre** com todas as condições criadas // **[TPA 1, Telejornal, 20h01, 12.05.2022]**

**PE:** o Presidente da República vai à província do Bengo // Esperamos que **[a]encontre** com todas as condições criadas //

Sendo a língua um produto social, a qual as regras emanam de hábitos linguísticos ou culturais, ela não é de ninguém senão de todos. A língua é do povo quando este nela se revê. Isto significa que ela satisfaz as suas necessidades comunicativas na base de um quadro natural, costumeiro, tradicional, filosófico, mítico e comum a todos os indivíduos (UNDOLO, 2019, p. 23).

Uma vez que as hipóteses são sempre respostas possíveis sobre determinadas questões, considera-se que o problema formulado pode encontrar resposta nas seguintes hipóteses estabelecidas:

- (i) Os falantes, ao produzirem frases em que ocorre o objecto directo nulo, fazem-no por não terem interesse em retomá-lo ou consideraram que a sua utilização é irrelevante para os seus objectivos comunicativos;

- (ii) Os falantes, ao produzirem enunciados com objecto directo nulo, fazem-no por fraco ou, mesmo, ignorância de conteúdos ligados a construções anafóricas, particularmente, os da colocação pronominal.

Assim, resulta e emerge uma língua portuguesa com universos experienciais e semióticos inerentes à cultura angolana, isto é, corporiza-se a variedade do Português Angolano. Tal variedade é legitimada linguisticamente pela teoria da variação, cujo fundamento assenta no princípio da heterogeneidade de todas as línguas naturais.

### **Considerações Finais**

Como qualquer outra língua natural, o português não está isento de variação, uma vez que variação é o fenómeno do qual se originam diferentes variedades de uma mesma língua. Assim, discutir sobre a situação da língua portuguesa em Angola pressupõe considerar, essencialmente, duas variedades linguísticas: a primeira, o Português Europeu, correspondente à norma padrão, modelo linguístico explícito importado; a segunda, que corresponde à variedade do Português Angolano. Este trabalho mostrou que em aspectos morfossintácticos, o português falado em Angola se distancia significativamente da variedade europeia, tida como padrão.

Neste particular, é preciso olhar o Português Angolano sem se prender às realizações que já estão descritas no Português Europeu, isto porque as variações linguísticas são factores naturais, e qualquer que seja a variação tem sempre uma explicação científica com base na concepção da língua em que uma determinada teoria se fundamenta.

Todavia, como se pôde observar através do nosso *corpus*, notou-se uma tendência para aceitação generalizada da ocorrência nula de objectos directos, configurando, assim, no fenómeno analisado durante o nosso estudo de “Objecto Directo Nulo: subsídios para o estudo do Português Angolano”. Em contexto de anaforismo, nos quais o objecto directo utilizado, a sua retoma é necessária para o complemento dos enunciados ou para que eles sejam explícitos, facto que não ocorre na variedade do Português Angolano.

Entende-se como utópico o pensamento segundo o qual, em Angola, o modelo linguístico é a “variedade europeia do português”. A existência de um português angolano é uma certeza, mas se trata de um português não oficializado. Com efeito, são necessários mais estudos científicos sobre a variedade nacional, uma vez que os existentes, ainda são exíguos.

Este estudo é, até certo ponto, incompleto e embrionário, espera-se que sirva de subsídio catalisador para a realização de investigações futuras viradas para o conhecimento morfossintáctico do Português de Angola, de modo a caminhar-se para o estabelecimento de uma norma-padrão de Angola, o que pressupõe, necessariamente, uma nova política linguística.

### **REFERÊNCIAS**

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfossintáctico de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergência em Relação à Norma*. Tese Apresentada à Universidade de Évora para a Obtenção do Grau de Doutor em Linguística. Évora.



Adriano, P. S. (2015). *A crise normativa do Português em Angola: cliticização e regência verbal: que atitude para o professor e revisor?* Luanda: Mayamba Editora.

Cunha, C., & Cintra, L. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 21.ed. Brasil: João Sá da Costa.

Kenedy, E. (2016). *Curso Básico de Linguística Generativa*. São Paulo, Brasil: Editora Contexto.

Lopes, C. V. (2016). *A Cons - Ciência da Linguagem: perspetivação histórica da gramática de reflexões sobre gramática e linguagem*. Lisboa: Edições Colibri.

Marcuschi, L. A. (2001). *Da fala para escrita: actividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.

Miguel, A. J. (2006). *Sobre a Referência Indeterminada de Sujeito e Agente da Passiva em Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa.

Mioto, C. E. (2016). *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto.

Oliveira, A. M. (2009). As Principais Correntes Teóricas Linguísticas e os Estudos Gramaticais. Letra Moderna. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. Lisboa.

Prodanov, C. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas de Pesquisas de Trabalhos Académicos*. Universidade FEEVALE. Brasil.

Raposo, E. B. (2013). *Gramática do Português (Vol. I e II)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*. Caxito, Angola: Esp-Bengo.

Undolo, M. (2016). Estabelecimento do Plural Vazio no Sintagma Nominal em Português Angolano Contemporâneo. *Revista LUCERE da Universidade Católica de Angola*, pp. 177-188.

Undolo, M. (2019). *Língua Portuguesa: subsídios para o seu ensino em Angola*. Luanda, Angola: Centro de Língua portuguesa ECO 7 - Investimentos, Limitada.

# 5

## PROCESSO DE APAGAMENTO DA PREPOSIÇÃO NAS ORAÇÕES SUBORDINADAS RELATIVAS: O CASO DA IMPRENSA ANGOLANA

Henriques Hungulo Sopangue JOSÉ  
Onofre João GOMES

### Introdução

Este estudo enquadra-se no âmbito da linguística generativa sobre a formação das relativas em que o apagamento da preposição impera, distanciando-se da referência linguística angolana para o contexto formal<sup>13</sup> que, aqui, se denomina Português Europeu (PE). Com o objectivo de contribuir para a caracterização de uma norma-padrão da variedade do Português de Angola, doravante designado por PA, a pesquisa parte da observação e descrição de dados linguísticos produzidos por falantes angolanos, constituindo, assim, uma forma particular de organização das orações relativas.

Para a sua elaboração, seguimos uma metodologia assente na constituição e análise de um *corpus* oral que foi retextualizado, obedecendo às Normas de Transcrição do Grupo Anagrama do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL). Deste modo, o *corpus* permitiu-nos depreender que as estruturas sintácticas relativas, em que a preposição é apagada no PA, são tão naturais que o falante nem se quer dá conta de que falta algum constituinte na estrutura frásica, que, no nosso entender, constitui um fenómeno gramaticalmente possível e previsto pela Gramática Universal (GU).

Assim sendo, o apagamento das preposições: *de, em, a, com, sobre e por* – com a função preposicionada de objecto indirecto, de complemento oblíquo ou de adjunto adverbial – que identificamos, é uma ocorrência do plano da combinação oral, não alterando em nada o significado da frase e, conseqüentemente, não interfere negativamente na comunicação, aliás, é já legítimo em termos da língua em uso.

---

<sup>13</sup> Entendemos por contexto formal de comunicação aquele em que o falante está condicionado por determinadas regras sociais específicas.

Este trabalho insere no projecto VAPA (Projecto de Investigação da Variedade do Português de Angola), do Grupo da Linha de Investigação Variação e Mudança Linguística. Ora, com base na orientação teórica generativa, a partir do modelo formal – princípios e parâmetros de Noam Chomsky, que dá conta dos traços de homogeneidade e heterogeneidade que existem nas línguas naturais e como tais características são conjugadas na mente do falante, propusemo-nos a analisar, de forma crítica e consistente, a Gramática Sintagmática das estruturas relativas do Português angolano, na sua modalidade culta, por meio de um *corpus* proveniente dos órgãos de comunicação social.

Pois, nota-se, de facto, nos enunciados produzidos por falantes angolanos, em contextos/lugares de maior visibilidade ou mérito social, diversas situações em que o uso de orações relativas se afasta daquilo que é prescrito pela norma-padrão (político-ideal), PE. Tal situação ocorre quando o constituinte relativo, introdutório da oração relativa, assume a função preposicionada de objecto indirecto, de complemento oblíquo ou de adjunto adverbial, como podemos abaixo exemplificar:

- (i) O quê que tomas no pequeno-almoço ? [...] um chazinho / e uma papinha da vieira [L] que eu gosto // [TPA, A Sua Manhã, 07.08.2018, 04 minutos e 34 segundos]
- (ii) Vamos continuar a nossa conversa / [...] porque eu acredito que há aqui uma questão [L] que muitas pessoas lá em casa não sabem // [TPA, A Sua Manhã, 07.08.2018, 11 minutos e 09 segundos]
- (iii) É sobre saúde materna infantil [L] que vamos continuar a falar / no contacto em directo a partir da província de Benguela / com a Elsa Marquês / Elsa bom dia // [TPA, Bom dia Angola, 17.07.2018, 06 minutos e 01 segundo]

Do ponto de vista estrutural, o trabalho está organizado em dois pontos temáticos. O primeiro – Enquadramento Teórico – estabelece os princípios teóricos subjacentes ao estudo aqui levado a cabo, sem descarmos a situação actual sobre os estudos sintacticos em Angola (Estado da Arte). O segundo – Metodologia – apresenta os procedimentos metodológicos que nos permitiram constituir o *corpus*, os resultados obtidos na investigação e, por conseguinte, a sua discussão.

## **1. Enquadramento Teórico: princípios universais e parâmetros particulares**

Este ponto estabelece os princípios teóricos subjacentes ao estudo aqui levado a cabo, ou seja, circunscreve-se à luz das referências que deram suporte/sustento à pesquisa. Na sua reflexão sobre aquisição da linguagem, Noam Chomsky já defendia que os factores externos para aquisição de uma língua são insuficientes para justificar a capacidade do indivíduo em adquirir e usar a sua língua em diferentes situações comunicativas.

Deste modo, a existência de uma cognição linguística pronta para assegurar a efectivação dos estímulos linguísticos do exterior é dada pela GU, ou melhor, são os princípios universais que reflectem os aspectos invariáveis e comuns à cognição linguística, existente na mente do indivíduo. Os princípios da GU são responsáveis pelas semelhanças que as línguas compartilham entre si (AITCHISON, 1993).

As línguas naturais possuem uma característica comum que permite encaixar expressões linguísticas em outra expressão linguística, mantendo uma relação de

subordinação que é também uns dos aspectos de princípio universal das línguas naturais. Um dos princípios existentes na GU é o princípio da “subordinação”. Este estabelece que, em qualquer língua humana, uma oração sempre poderá ser inserida como constituinte de outra oração, subordinando-se a ela (KENEDY, 2016, p. 100), confrontar o exemplo 1c).

Outro princípio é o da “dependência de estrutura” que se refere às operações sintáticas existentes nas línguas naturais, sempre são sensíveis à estrutura em que os constituintes se encontram inseridos numa dada frase (KENEDY, 2016, p. 101). De facto, as expressões linguísticas ocorrem nas orações sobre sequência de categorias cujas estruturas mantêm entre si um determinado nível de coesão, dando origem a uma forma impossível de separar. Tais operações sintáticas, dentre outras coisas, deslocam constituintes de uma posição para outra na frase, apagam constituintes por elipse ou substituem por pronomes equivalentes.

Para além destas características comuns às línguas naturais, existem outras, todavia, torna-nos necessário fazer somente referência a estas características, pois, darão suporte a nossa análise sobre a estrutura relativas do PA, visto que o processo de relativização da LP se faz com base nos princípios acima descritos em articulação com a mova  $\alpha^{14}$ , a Teoria X-Barra<sup>15</sup> e regras de transformação.

Importa-nos reiterar que os princípios universais referem às informações linguísticas inatas ao indivíduo, enquanto os parâmetros particulares são as informações linguísticas formatadas de acordo com as experiências linguísticas do indivíduo, razão pela qual alguns parâmetros ocorrem numa língua, marcado como positivo [+], mas em outras não ocorrem, marcado como negativo [-], tal como Kenedy (2016) afirma: os parâmetros da GU são variáveis de maneira binária e previsível.

Um dado parâmetro será formatado como positivo (ligado) ou como negativo (desligado) de acordo com os estímulos de uma dada língua. Decerto, é a partir da assimilação completa dos parâmetros particulares que o conhecimento específico da língua será estruturado na mente do indivíduo. Ora, um dos parâmetros que nos vale fazer menção tem que ver com o parâmetro do núcleo.

As línguas, nas suas estruturas oracionais, apresentam núcleos sintáticos que seleccionam os seus complementos, entregando a eles um lugar ao seu lado, quer seja à direita, quer seja à esquerda. Esta propriedade paramétrica dos núcleos atribui um lugar aos seus complementos, o que se chama de “parâmetro do núcleo”, ou melhor, o parâmetro do núcleo decide a posição linear em que o núcleo pode ocorrer em relação ao seu complemento sintático dentro da oração.

Assim, a concepção de parâmetro parece ser mais interessante para o estudo da variação sintática presente na variedade angolana da Língua Portuguesa. No entanto, de acordo com Campos (2016, p. 16), compreender se um determinado uso confere um valor paramétrico distinto numa variedade; depende, essencialmente, de uma análise empírica assente no comportamento linguístico dos falantes, análise esta que julgamos necessária para o presente estudo.

---

<sup>14</sup> É uma teoria que regula a movimentação de núcleos e de sintagmas numa frase (MIOTO *et al.*, 2016).

<sup>15</sup> É uma teoria que explicita a estrutura de uma frase e a sua representação em árvore (MIOTO *et al.*, 2016).

## 2. Estado da Arte

Os estudos científicos da variedade do português angolano constituem, ainda, uma escassez de referências bibliográficas, e dos poucos trabalhos já feitos, o mais complexo consiste em encontrarmos autores que fazem abordagens morfo-sintáticas sobre o apagamento da preposição nas orações subordinadas relativas, principalmente em análise linguística de *corpus*. Todavia, os estudos pioneiros sobre o apagamento da preposição do PA foram realizados pelos seguintes autores:

- Cabral (2005), nos seus estudos preocupa-se com a descrição e análise de construções de complementos verbais preposicionados no PA em comparação com o PE, apresentando algumas características do português angolano no plano da construção de frase, designando por apagamento da preposição como o processo de anulação de preposição, ou a não articulação fonética da preposição no PA, no contexto que lhe é típico no PE.
- Adriano (2014), que faz um estudo sobre o tratamento morfo-sintático das expressões e construções frásicas do PA em divergência com o PE, defendendo a supressão de preposição, o apagamento ou a não realização fonética da preposição requerida pelo verbo como o processo que consiste em transformar o Sintagma Preposicional (SP) num Sintagma Nominal (SN) ou numa oração equivalente a um Sintagma Nominal (SN) e, por isso, substituível por este.

Embora os estudos sobre o apagamento ou supressão da preposição de Adriano estejam em conformidade com os estudos de Cabral, o primeiro vai mais além e reflecte o apagamento da preposição em oração subordinada relativa em que o predicador verbal a selecciona ou a modifica, considerando este fenómeno de supressão da preposição antes de um pronome relativo como oração relativa cortadora<sup>16</sup>. Ora, os autores emanam uma luz sobre a construção de uma norma angolana diferente ou em concorrência com a europeia.

No entanto, há ainda pouco espaço destinado aos estudos do comportamento da preposição nas orações relativas, por um lado, pelo facto de muitos autores, que fazem estudo sobre a variedade angolana da Língua Portuguesa, terem mais como preocupação a língua enquanto estrutura formal imposta pela escola, baseada na lógica do certo e do errado; e, por outro lado, por deixarem de fora as descrições linguísticas que abarcam as tendências de mudanças e variação dentro do sistema linguístico, designando o mesmo sistema como o conjunto de saberes interiorizados pelos falantes que lhes permite comunicar entre si.

É importante fazer menção de que os estudos relacionados com o apagamento da preposição no PA, apesar de serem escassos, não se resumem à lista dos autores acima mencionados, mas o critério pelo qual optámos para a selecção dos trabalhos supracitados, consiste nos procedimentos metodológicos usados pelos autores, tais como: a análise linguística, o método, o grupo-alvo, as fontes, os recursos de trabalho e a finalidade do estudo.

---

<sup>16</sup> Esta terminologia, neste trabalho, será designada por “economia sintagmática prepositiva” e “economia sintagmática prepositiva relativizadora”, em função da interferência que o apagamento da preposição pode ou não causar no sistema dos pronomes relativos.

### 3. Metodologia

O nosso trabalho configura-se no âmbito descritivo, a partir de uma metodologia assente na constituição e na análise de *corpus* oral. Tal como afirma Bacelar do Nascimento (citado por ADRIANO, 2014, p. 145):

Consideramos que os *corpora* favorecem essencialmente uma Linguística descritiva, fortemente apoiada pelas novas tecnologias, e permitem tomar como ponto de partida da descrição a análise de quantidades significativas de dados autênticos, à semelhança do que se faz noutros domínios científicos. O uso de *corpora* permite a realização de descrições linguísticas de base empírica e promove, com isso, a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas.

Assim, fizemos uma colecção de textos orais que foram compilados e armazenados em arquivos de computador de modo criterioso, possibilitando-nos a representação da língua em uso, isto é, a descrição das estruturas morfo-sintácticas relativas reais produzidas pelos falantes cultos angolanos em contexto formal de comunicação.

Na recolha de dados, utilizámos instrumentos de captação de voz, tais como: aparelho radiofónico e telemóveis, que nos facilitaram as gravações em áudio. Durante o período das gravações, transferimos os dados dos aparelhos acima citados para um computador no qual, de forma organizada, estão listados e guardados de acordo com os programas, os dias, números e alíneas de gravações.

#### 3.1. Perfil dos informantes

À luz da nossa abordagem está o reflexo do saber linguístico da camada culta<sup>17</sup> da sociedade angolana, observada em situações formais de comunicação – onde se espera o uso do PE – com vista averiguarmos se, efectivamente, o português de que se fala em Angola se articula pela norma europeia ou se, em Angola, o PE é simplesmente um ideal político-linguístico (UNDOLO, 2016).

Assim, a selecção dos nossos informantes foi com base em certo grau de restrições, tais como: indivíduos que sejam falantes fluentes da língua portuguesa, com um grau de escolarização médio ou superior, da faixa etária mínima de 18 anos e máxima aproximadamente de 75 anos, de ambos os géneros. Tais informantes integram a comunidade de nível médio-alto da intelectualidade angolana, ou seja, detentor de uma bagagem cultural e, muitas vezes, são solicitados ou participantes em determinados assuntos de carácter importante nas redes de comunicação social do país.

#### 3.2. Critérios de selecção dos programas

Para efectivação do nosso estudo, seleccionámos os programas com maior grau de formalidade, ou seja, aqueles em que os falantes estão condicionados por regras

---

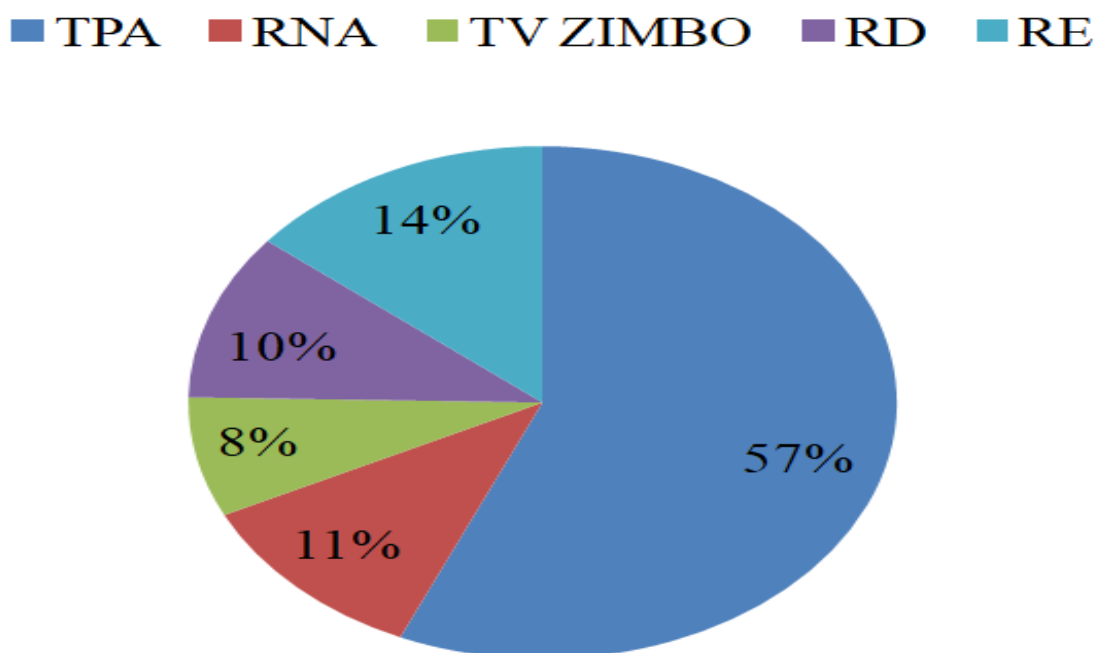
<sup>17</sup> Entendemos por camada ou falante culto angolano como o indivíduo detentor de um grau de escolarização média ou superior.

sociais específicas. Os programas a partir dos quais extraímos os dados são de carácter informativo e educativo, apesar de, às vezes, não termos explorado também programas de entretenimento. Ao recolhermos os dados, centrámos as atenções nos profissionais como, por exemplo, jornalistas, radialistas, apresentadores, bem como os seus convidados que, em muitos casos, são professores, estudantes, políticos, juristas, etc..

### 3.3. Constituição do *corpus*

O nosso *corpus* foi constituído por um conjunto de textos produzidos originalmente através de ondas sonoras ligadas à camada intelectual angolana em contexto formal de comunicação e, posteriormente, transcrito graficamente. Com o objectivo de diminuirmos o distanciamento entre a oralidade e a escrita, adoptámos as normas de transcrição do grupo Anagrama<sup>18</sup>. Ora, fizemos um levantamento de dados constituídos por 304 textos, conforme se observa no seguinte gráfico.

**Gráfico 1:** Estatística dos textos reunidos



**Fonte:** Dados da pesquisa

Estes dados demonstram que, no total de 304 textos que constituem o *corpus*, 172 textos foram extraídos da TPA, correspondendo a 57% do *corpus*, 34 textos na RNA, perfazendo 11%, 23 textos na TV Zimbo (8%), Rádio Despertar 32 textos (10%) e 43 textos foram extraídos da Rádio Eclésia com uma percentagem de 14% do *corpus*. Em termos de constituição do *corpus*, as amostras foram divididas de forma ordinária em

<sup>18</sup> Grupo Anagrama (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa): Antunes, Veloso, Mendes e Bacelar do Nascimento (ADRIANO, 2014).

função das emissoras. Importa referir que as gravações não foram numeradas com rigor sistemático, mas seguiram a ordem de análise ou auscultação feita por nós.

### 3.4. Tratamento dos dados e apresentação e discussão dos resultados

O levantamento sobre o apagamento das preposições nas orações subordinadas relativas teve lugar no período de 8 de Maio de 2018 a 15 de Janeiro de 2019. E à medida que foram feitas as análises, o *corpus* apresentou duas realidades/fenómenos que o apagamento da preposição pode originar; e, para a sua distinção, aqui, chamaremos de: (i) Economia Sintagmática Relativa e (ii) Economia Sintagmática Prepositiva Relativizadora.

#### 3.4.1. Economia sintagmática prepositiva

Entendemos por economia sintagmática prepositiva como a não realização (apagamento) da preposição seleccionada pelo verbo ou adjunto do grupo verbal em contexto de relativização em que, no PE, a preposição é movimentada para o início da oração relativa em posição anteposta ao pronome, todavia, o apagamento da preposição não gera a troca do pronome relativo, que, no contexto angolano, é mais frequente (pronome relativo: **que**), como configura no *corpus*:

(Grav. 0164 b) **PA**: este momento [-] que nós estamos assistir / é uma sucessão // [TPA, Política no Feminino, 07.09.2018, 04 minutos e 16 segundos]

**PE**: este momento [**a que**] nós estamos assistir / é uma sucessão //

#### 4.4.2. Economia sintagmática prepositiva relativizadora

Depreendemos como economia sintagmática prepositiva relativizadora como a não realização da preposição seleccionada pelo verbo ou adjunto do grupo verbal em contexto de relativização em que, no PE, a preposição é arrastada no início da oração relativa em posição anteposta ao pronome e, por consequência do apagamento da preposição, gera a troca/substituição de qualquer pronome relativo que seria característico pelo mais frequente no contexto angolano (pronome relativo: **que**), tal como se verifica no *corpus*:

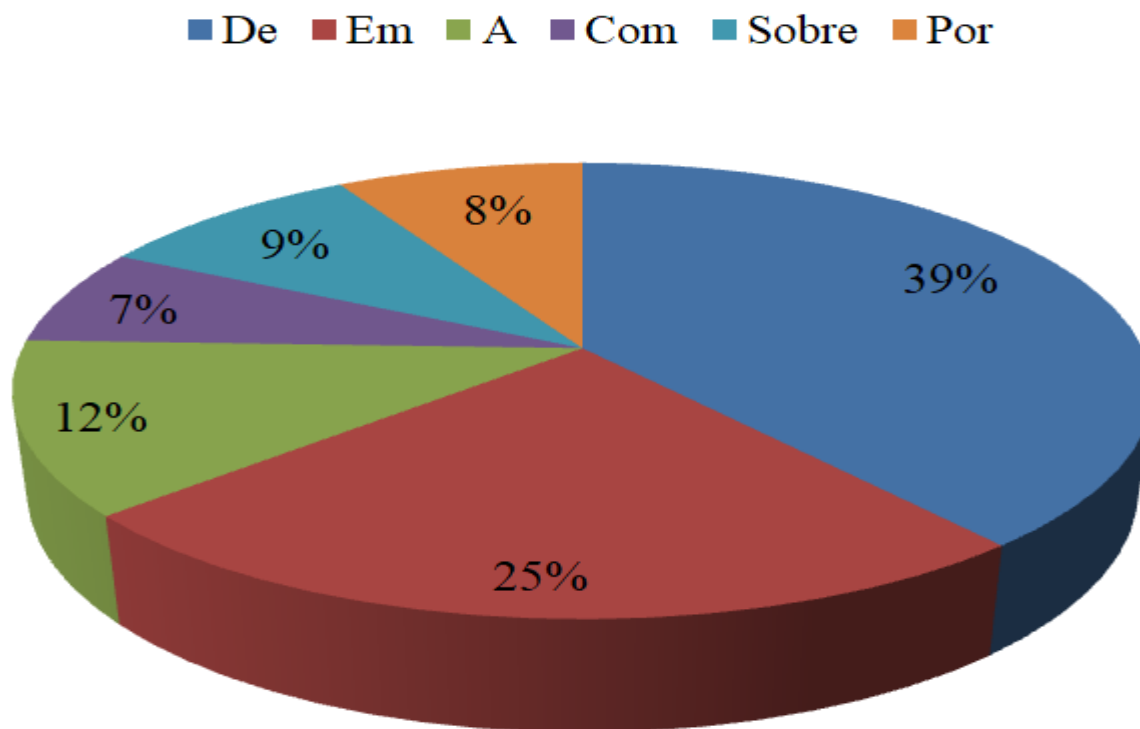
(Grav. 037) **PA**: [...] o próprio crescimento económico [-] que o projecto também está neste caso comprometido [...] // [TPA, Bom dia Angola, 07.08.2018, 03 minutos e 55 segundos]

**PE**: [...] o próprio crescimento económico [**com o qual**] o projecto está neste caso comprometido [...] //

Com vista a obtermos uma melhor compreensão da ocorrência do fenómeno no *corpus*, utilizamos a estatística, numa perspectiva de análise quantitativa, como podemos verificar as ocorrências percentuais de apagamento de cada preposição no gráfico abaixo identificadas a partir do *corpus*:



**Gráfico 2:** Ocorrências percentuais de apagamento da preposição

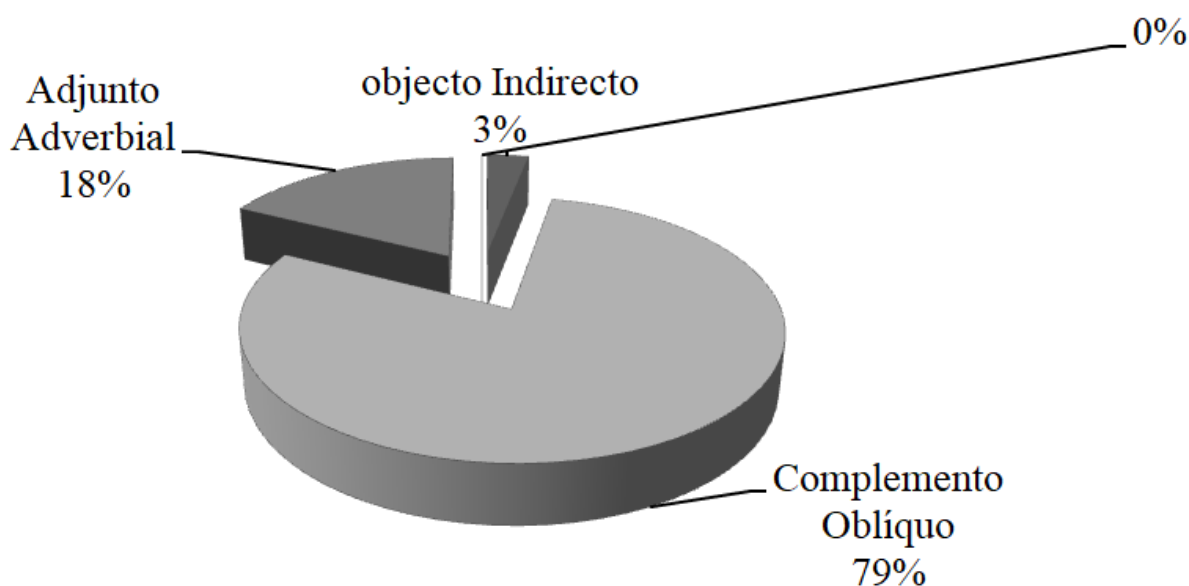


**Fonte:** Dados da pesquisa

No entanto, do universo de 304 textos, o nosso *corpus* atesta 131 ocorrências de apagamento da preposição. Sendo que 51 (39%) ocorrências correspondem ao apagamento da preposição “de”, 32 (25%) ocorrências ao apagamento da preposição “em”, 16 (12%) ocorrências ao apagamento da preposição “a”, 9 (7%) ocorrências ao apagamento da preposição “com”, 12 (9%) ocorrências ao apagamento da preposição “sobre” e 11 (8%) ocorrências correspondem ao apagamento da preposição “por”. Conforme o *corpus* atesta, no contexto de relativização, as preposições “de” e “em” são as mais frequentes de apagamento, sendo que “com” e “sobre” são as menos frequentes.

Quando o sintagma nominal alvo de relativização está integrado num sintagma preposicional, o constituinte relativo desempenha sempre a função de complemento indirecto, complemento oblíquo e de adjunto adverbial, a ocorrência da preposição, neste contexto, à luz do PE, é obrigatória, enquanto, no PA, a preposição é dispensada, assim, o gráfico abaixo apresenta os dados de apagamento da preposição, tendo em conta a função sintáctica do constituinte relativizado.

**Gráfico 3:** Dados estatísticos da função sintática de constituinte relativo



Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos constatar no gráfico, das 131 ocorrências de apagamento da preposição, o *corpus* atesta 4 (3%) ocorrências de casos em que o sintagma prepositivo em constituinte relativo tem a função sintáctica de objecto indirecto, 104 (79%) ocorrências com a função sintáctica de complemento oblíquo e 23 (18%) ocorrências com a função sintáctica de adjunto adverbial. Como se verifica no *corpus*, o constituinte relativo, em ambiente preposicionado, com a função sintáctica de “complemento oblíquo” é o mais frequente de apagamento, enquanto o complemento indirecto é o menos frequente. Deste modo, apresentaremos apenas alguns casos em que impera o apagamento da preposição, contrastando com a norma europeia, obtidos na nossa investigação:

#### **a) Apagamento da Preposição (Economia Sintagmática Prepositiva)**

- (i) Há uma aceitação de apagamento da preposição “de” nas orações subordinadas relativas sem interferir a estrutura do pronome relativo, sempre que as categorias regentes são os verbos: precisar, falar, saber, e gostar, como podemos verificar:

(Grav. 0104) **PA:** João Lourenço falou daquilo [-] que Angola espera nos BRICS // [TPA, Jornal da Tarde, 28.07.2018, 14 minutos e 50 segundos]

**PE:** João Lourenço falou daquilo [de que] Angola espera nos BRICS //

(Grav. 052 c) **PA:** A Mariquinha colocou portanto a questão [-] que eu já falava[...] // [TPA, A Sua Manhã, 09.08.2018, 20 minutos e 45 segundos]

**PE:** A Mariquinha colocou portanto a questão [de que] eu já falava / da pequena irritação na garganta [...] //

(Grav. 0154) **PA:** a BIOCUM continua a produzir / apesar das dificuldades [-] que todos sabemos / que todos operadores / todos os produtores do país vivem // [TPA, Tele Jornal, 22.08.2018, 09 minutos e 04 segundos]

**PE:** a BIOCUM continua a produzir / apesar das dificuldades [de que] todos sabemos / que todos operadores / todos os produtores do país vivem //

- (ii) Há uma aceitação de apagamento da preposição “em” nas orações subordinadas relativas, sempre que a categoria regente são os verbos: viver, confiar e encontrar-se, como podemos observar no corpus:

(Grav. 022) **PA:** é muito difícil conquistar uma amizade e nessa sociedade hoje [-] que vivemos está mais difícil ainda devido à falsidade // [TPA, Bom dia Angola, 30.07.2018, 07 minutos e 35 segundos]

**PE:** [...] nessa sociedade hoje [em que] vivemos está mais difícil ainda devido à falsidade //

(Grav. 085 a) **PA:** é neste homem que foi por mais de doze anos o segundo comandante da corporação / [-] que o Presidente João Lourenço confiou // [TPA, Tele Jornal, 02.08.2018, 04 minutos e 04 segundos ]

**PE:** é neste homem que foi por mais de doze anos o segundo comandante da corporação / [em que] o Presidente João Lourenço confiou //

(Grav. 0254 b) **PA:** esse projecto é bilionário / é muito caro / que condição [-] que o país se encontra ? o país tem dinheiro para avançar com projecto bilionário ? // [Rádio Despertar, Angola e o Mundo em 7 dias, 22.07.2018, 38 minutos e 55 segundos]

**PE:** esse projecto é bilionário / é muito caro / que condição [em que] o país se encontra ? [...] //

- (iii) Há uma tendência de apagamento da preposição “a” nas orações subordinadas relativas, sem interferir na estrutura do relativo, sempre que a categoria regente são os verbos: assistir e referir-se, como podemos constatar no corpus:

(Grav. 0186) **PA:** o governante orientou medida para aliviar o transito [-] que se assiste nesta zona // [TV Zimbo, Jornal da Zimbo, 17.07.2018, 08 minutos e 57 segundos]

**PE:** o governante orientou medida para aliviar o transito [a que] se assiste nesta zona //

(Grav. 0160) **PA:** [...] uma frase muito famosa que é / mais vale uma revolução entre [/] entre as partes / do que uma decisão vinda de entidade superior / portanto é mais nessa perspectiva / Sizaltina / [-] que eu me refiro // [TPA, Política no Feminino, 31.08.2018, 19 minutos e 46 segundos]

**PE:** [...] portanto é mais nessa perspectiva / Sizaltina / [a que] eu me refiro //

## **b) Apagamento da Preposição e Substituição do Pronome Relativo (Economia Sintagmática Prepositiva Relativizadora)**

- (i) Há uma tendência de apagamento da preposição “com” nas orações subordinadas relativas, interferindo na estrutura do relativo e gerando o uso sistemático do pronome relativo “que”, sempre que a categoria regente são os verbos: concordar, lidar e comprometer, como o corpus atesta:

**PA:** (Grav. 0168 b) PA: qual é o nível de desenvolvimento que os angolanos têm / nos países [-] que nós vamos assinar acordos ? // [TPA, Política no Feminino, 21.09.2018, 07 minutos e 58 segundos]

**PE:** qual é o nível de desenvolvimento que os angolanos têm / nos países **[com o qual]** nós vamos assinar acordos ? //

(Grav. 0163) **PA:** é um problema [-] que ainda precisamos de lida // [TPA, Política no Feminino, 03.06.2018, 14 minutos e 50 segundos]

**PE:** é um problema **[com o qual]** ainda precisamos de lida //

- (ii) Há uma tendência de apagamento da preposição “sobre” nas orações subordinadas relativas, interferindo na estrutura do relativo e gerando o uso sistemático do pronome relativo “que”, sempre que a categoria regente são os verbos: abordar, falar e discutir, como podemos verificar no corpus:

(Grav. 0123 a) **PA:** [...] vamos apresentar provavelmente dentro desses dois ou três dias / o nosso caderno reivindicativo / aonde<sup>19</sup> vamos reflectir toda aquela situação [-] que abordamos ai no encontro que tivemos com a sua Excelência Vice-Presidente da República // [RNA, Jornal das 20, 24.07.2018, 07 minutos e 50 segundos]

**PE:** [...] aonde vamos reflectir toda aquela situação **[sobre o qual]** abordamos ai no encontro que tivemos com a sua Excelência Vice-Presidente da República //

(Grav. 210) **PA:** o caso [-] que está a se falar / obviamente que eu prestigio o dever do sigilo profissional / não passo fazer declarações de processo que se encontra no tribunal // [Rádio Eclésia, Debate Informativo, 11.08.2018, 12 minutos e 18 segundos]

**PE:** o caso **[sobre o qual]** está a se falar / obviamente que eu prestigio o dever do sigilo profissional [...] //

- (iii) Há uma tendência de apagamento da preposição “por” nas orações subordinadas relativas, interferindo na estrutura do relativo e gerando o uso sistemático do pronome relativo “que”, sempre que a categoria regente são os verbos: passar, esperar e optar, como podemos constatar no corpus:

(Grav. 0123 b) **PA:** o encontro foi proveitoso / mas nós vimos que aquilo é um cenário / ou senão um exercício de bombeiros / porque realmente deram conta das situações [-] que está passar o país e acham que tinha que ter este encontro para acalmar os ânimos dos sindicalistas // [RNA, Jornal das 20, 24.07.2018, 09 minutos e 08 segundos]

**PE:** [...] porque realmente deram conta das situações **[pelas quais]** está passar o país e acham que tinha que ter este encontro para acalmar os ânimos dos sindicalistas //

(Grav. 0262) **PA:** percebe-se facilmente / quando ela falava que não é esta transição [-] que os angolanos esperavam // [Rádio Desperta, Angola e Mundo em 7 Dias, 13.01.2019, 04 minutos e 15 segundos]

**PE:** percebe-se facilmente / quando ela falava que não é esta transição **[pela qual]** os angolanos esperavam //

Ao contrário das operações computacionais que se sucedem (PE) em que as preposições nas estruturas relativas são arrastadas para um lugar que não ocupam normalmente na maioria da sua ocorrência na língua, no (PA), tais operações por serem diferentes da sintaxe habitual da ordem da preposição que se descreve em: termo

---

<sup>19</sup> O informante pronuncia onde invés de aonde.

antecedente + preposição + termo conseqüente, propicia o apagamento da preposição, dando, assim, origem a uma nova possibilidade combinatória.

Assim, ao descrevermos as operações formais que geram as estruturas morfo-sintáticas da língua, assume-se uma noção fundamental: as frases que produzimos e compreendemos quando usamos a língua são, na verdade, o resultado de um processo computacional. Segundo os generativistas, para entendermos como a sintaxe funciona, deve-se ir além do que se vê na superfície de uma dada frase e procurar reconstruir cada operação sintática do processo que lhe deu origem (KENEDY, 2016).

Concordando com Kenedy e tendo em conta o modelo/hipótese linear, apraz-nos sublinhar que qualquer frase de uma língua é formada pela combinação de elementos básicos que são as palavras. Ora, existem, no sistema computacional de qualquer falante, certas palavras que se associam com muita facilidade e naturalidade, um exemplo tácito é o sintagma preposicional que, geralmente, tem como o termo conseqüente um sintagma nominal.

Deste modo, pelo facto de a combinação da preposição e o pronome relativo fazer parte da sintaxe habitual do falante europeu, esta combinação pode efectivar-se de forma natural, enquanto, no PA, tal combinação gera pouca naturalidade, tanto no plano da organização interna (sintático) como no plano da entoação (prosódico), e esta falta de naturalidade combinatória, entre o relativo e a preposição, no nosso entendimento intuitivo, está na base do apagamento da preposição, motivado pelo apagamento do sintagma nominal alvo de relativização na posição de origem, visto que é uma característica típica de os falantes angolanos fazerem recurso a hábitos linguísticos que reúnem a facilidade devido à necessidade da intangibilidade comunicativa. Ou seja, o que é dito com maior facilidade, percebe-se com maior facilidade.

Contudo, a combinação do pronome relativo com a preposição no PA, sem que haja apagamento da preposição, é uma estrutura possível em contextos específicos, pois o falante angolano fá-lo de forma mecânica ou artificial, sobretudo quando o discurso é escrito oralizado, ou quando tenha noção da ocorrência do fenómeno em estudo.

## **Considerações Finais**

A língua fisicamente realizada é susceptível à variação, e não há língua da qual se servem determinados falantes que não esteja assente na variação. A teoria generativa prevê a variação linguística a partir de parametrizações. Todavia, é preciso olhar para o PA, sem nos prendermos às realizações que já estão descritas no PE, uma vez que as variações linguísticas são factores naturais.

À luz da análise do *corpus*, verificamos que há uma aceitação ou tendência clara de simplificação das estruturas morfo-sintáticas subordinadas relativas identificadas nos falantes cultos angolanos, que originam o apagamento da preposição (economia sintagmática prepositiva) e o apagamento da preposição que proporciona, simultaneamente, a substituição do relativo por outro mais frequente no contexto angolano (economia sintagmática prepositiva relativizadora).

O fenómeno, tal como foi apresentado, não constitui um problema ou não interfere negativamente na comunicação; é gramaticalmente possível e previsto pela Gramática Universal, mostrando que o apagamento, previamente identificado, é uma ocorrência exclusiva da estrutura de superfície de uma frase, quer no plano da combinação, quer no plano da pronúncia, não alterando em nada a estrutura profunda (o significado da frase), o que significa que, embora o PA apresente um padrão de

organização linear de orações relativas diferente do PE, ambas as variedades estruturais comportam o mesmo padrão semântico, isto é, o entendimento que se tem da subordinada relativa (1. Esta é a mulher **de que** gosto; 2. Esta é a mulher [-] **que** gosto) é o mesmo.

## REFERÊNCIAS

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergência em Relação à Norma Europeia*. Dissertação de Doutoramento em Linguística, Universidade Évora. ÉVORA.

Aitchison, J. (1993). *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Lisboa: Europa-América.

Cabral, L. A. (2005). *Complementos Verbais Preposicionados do Português em Angola*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

Campos, D. M. (2016). *Estrutura de complementação verbal finita no português em Angola: Um contributo para a análise da variação linguística em variedades com normas não padronizadas*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Kenedy, E. (2016). *Curso Básico de Linguística Generativa*. São Paulo: Editora Contexto.

Mioto, C.; Silva, M. C. F.; Lopes, R. (2016). *Novo manual de Sintaxe*. São Paulo: Editora Contexto.

Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*. Bengo: ESP- Bengo.



# PARÂMETROS DE CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PORTUGUÊS IDENTIFICADOS A PARTIR DE *CORPUS* CONSTITUÍDO POR TEXTOS DA IMPRENSA ANGOLANA

Judite Maria Kudizemba KIMUENHI

## Introdução

O presente trabalho visa contribuir para a compreensão da realidade linguística angolana, particularmente a da língua portuguesa, no domínio da morfossintaxe, no que à concordância nominal especialmente diz respeito. Pretende-se analisar o fenómeno de apagamento do morfema flexional no segundo elemento do sintagma nominal, a partir da análise de *corpus* oral em contexto formal de comunicação, tendo em vista a norma-culta da qual se servem, em contraste com a norma-padrão europeia, uma vez que, no referido contexto, são evidentes tendências para tal apagamento, o que, de certa forma, infere um estado proeminente de mudança linguística.

O presente artigo descreve a variedade do Português em Angola, defendendo que está em construção uma norma-padrão que concorre com a norma-padrão europeia. A pesquisa surgiu das constatações frequentes do apagamento do morfema flexional de número plural nos enunciados orais em contextos formais de comunicação.

A língua portuguesa em Angola, desde o século XV, período do primeiro contacto com os povos da Região, enquanto instrumento de comunicação trazido pelo colono português, até aos nossos dias, já enraizada, apresenta-se com características próprias em função das realidades sociocultural e sociolinguística. Neste caso, nas particularidades do Português em Angola é evidenciada, ao nível morfossintáctico, a ausência da marca de concordância no segundo elemento dos constituintes do sintagma nominal durante a locução em contextos formais de comunicação. Deste modo, entendemos que estamos perante uma maneira particular de falar português em Angola. Mingas (1998, p. 115) já defendia dizendo que “existe uma nova realidade linguística em Angola, a que chamamos Português de Angola ou “angolano” (...) apresenta

especificidades próprias (...), pensamos que, no nosso país, o Português de Angola se sobreporá ao Português-Padrão.”

Angola é um país plurilingue, isto é, num único território coabitam diferentes línguas, sendo a maior parte delas pertencente ao grupo de línguas bantu. Dessa coabitação, vem-se verificando, no caso particular da língua portuguesa, a formação de uma variedade cada vez mais nacional com a incorporação de marcas muito evidentes das gramáticas das línguas bantu. A investigação tem como objectivo identificar e analisar marcas das motivações de índole linguística e extra-linguística que justifiquem a ocorrência do fenómeno linguístico em destaque. No sentido de demonstrar tal particularidade, tome-se como exemplo as seguintes construções frásicas:

### **A supressão do morfema flexional de número plural “-s”:**

Ex.: 1a. (Grav. 003a) «... o ministro Pedro Canga diz que as crença∅ de Portugal é importante para Angola...». [TPA1, Jornal da Tarde, 25.07.2016, 13:49’].

1b. (Grav. 023a) «... os brigadista∅ estiveram no Comando Municipal da Polícia...». [TPA1, Jornal da Tarde, 25.10.2016, 13:50’].

Como se pode verificar, a realização do plural ocorre de modo diferente segundo os parâmetros do Português Europeu.

## **1. Enquadramento Teórico**

A reflexão apresenta teorias de trabalhos publicados por Mingas (2000), que aborda as características da marcação do plural nas línguas bantu, destacando a organização dos nominais por classes representadas em grupos de pares de prefixos, o que não ocorre no Português, cuja marca do plural é a desinência “-s” ao nome; por Pires (2011), sustentando que a concordância de número no sintagma nominal é feita pela presença do morfema de número (-s), o que denomina variante marcada, e pela ausência do morfema de número (∅), variante não marcada; por Gonçalves e Stroud (1998), que analisam no português oral de Moçambique (Maputo) a concordância em número, no caso em que o nome se apresenta no singular, quando a sua flexão requer o plural, a marca do plural ocorre frequentemente nos artigos e pronomes; por Vieira e Brandão (2011), para a compreensão do fenómeno de apagamento do morfema flexional e o grau de identificação da saliência fónica nas formas singular e plural dos vocábulos; pelos autores Inverno (2005), Guebe e Tchiñguma (2014), Adriano (2014), Undolo (2016b), autores que, unanimemente, defendem a ocorrência do **plural vazio**<sup>20</sup> como sendo já uma característica do Português em Angola, elemento da gramática dos falantes, identificado em discurso, quer seja em contexto informal, quer seja, inclusivamente, em contexto formal de comunicação.

## **2. Metodologia e Organização do Trabalho**

De modo geral, as línguas, antes de serem escritas, são faladas. Com efeito, a pesquisa apresenta-se com carácter descritivo da língua falada e, para isso, foi necessária a recolha de *corpus* oral autêntico dos discursos proferidos por falantes que utilizam a norma-culta do português em Angola em contextos formais de comunicação, gravados em datas aleatórias, a partir de programas televisivos e radiofónicos angolanos

---

<sup>20</sup> Termo criado pelo linguista Márcio Undolo e introduzido na linguística do Português Angolano, em 2016, numa publicação pela LUCERE – revista académica da Universidade Católica de Angola.



e, concomitantemente, seleccionados e transcritos ortograficamente, concordando com a afirmação de Nascimento (2002, p. 601 citado por ADRIANO, idem, pp. 145-146):

Consideramos que os *corpora* favorecem essencialmente uma linguística descritiva, fortemente apoiada pelas novas tecnologias, e permitem tomar como ponto de partida da descrição a análise de quantidades significativas de dados autênticos, à semelhança do que se faz noutros domínios científicos. O uso dos *corpora* permite a realização de descrições linguísticas de base empírica e promove, com isso, a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas.

(...) Consideramos, antes, de uma forma abrangente, que os *corpora* proporcionam novas maneiras de estudar a língua, das quais resultam descrições, generalizações e hipóteses teóricas de grande consistência porque fortemente enraizados nos dados empíricos.

Para a análise do *corpus*, tivemos em conta determinados métodos, nomeadamente:

- Comparativo, a partir do qual, foi possível destacar as diferenças entre a norma do Português Europeu em relação ao Português Angolano. Nesta técnica, estão incluídas outras técnicas como as de análise e síntese, passos necessários para a especificação das características do PE em relação à particularidade do PA (CERVO, BERVIAN, SILVA, 2007);
- Dedutivo, afirmam os autores racionalistas Descartes, Spinoza e Leibnitz (citados por DEIHL & TATIM, 2004), só a razão pode conduzir ao conhecimento verdadeiro, isto é, com um raciocínio lógico, partindo do geral para o particular, chegámos a uma conclusão. Na mesma linha de pensamento, entendemos que os dados analisados reflectem um fenómeno comum nos discursos dos falantes em contextos informais, mas, em certa medida, se verificam tendências de apagamento nos discursos dos falantes que se servem da norma-culta.

## 2.1. Análise dos dados

Embora as descrições sobre o Português Angolano sejam, ainda, estudos recentes, o fenómeno em causa não é novo, nem somente acontece em Angola, como nos referimos anteriormente. Na linguagem culta do Português em Angola, em contextos formais de comunicação, verificámos, embora com maior incidência na linguagem popular, tendência de apagamento da marca plural.

Destacando a incidência do apagamento da marca do plural no nome, a posição pré-verbal do sintagma nominal com a função sintáctica de sujeito, embora possa suceder o verbo, é a mais passível das formas menos marcadas.

- a. «Os trabalhoØ de prevenção vão continuar».
- b. «... É que as pessoaØ não podem ter dúvida do seu próprio país...».
- c. «... Num futuro breve, as coisaØ sejam para o melhor...».

É assim evidenciada a particularidade da concordância na construção do sintagma nominal no Português Angolano, distinguindo-se da do Português Europeu cujas estruturas obedecem às seguintes construções:

- a. «Os trabalhos de prevenção vão continuar».
- b. «... É que as pessoas não podem ter dúvida do seu próprio país...».
- c. «... Num futuro breve, as coisas sejam para o melhor...».

Em nomes que completam os predicados nominais, ocorre igualmente o apagamento do morfema de número plural, como se observa nas seguintes construções:

- a. «... São espécie que vêm de há século...».
- b. «... O último tema será a administração dos medicamento...».
- c. «... Nós que somos cristão devemos rezar para todas as autoridades...».

À luz da norma europeia, tomam as seguintes formas:

- a. «... São espécies que vêm de há século...».
- b. «... O último tema será a administração dos medicamentos...».
- c. «... Nós que somos cristãos devemos rezar para todas as autoridades...».

Evidenciam-se tendências para o apagamento do morfema de número plural no último constituinte do grupo nominal que desempenha a função sintáctica de complemento do nome, como se pode observar em:

- a. «... A taxa de ocupação das unidade hoteleiras caiu para 25%...».
- b. «... Na Somália, um ataque de militantes islâmico ao restaurante...».
- c. «O chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Angolana...».

Tendo em consideração as formas nas quais se evidenciam a concordância, os nomes unidade, islâmico e angolana, devem, de acordo com a norma europeia, surgir no plural, assim como o número dos constituintes de que fazem parte, de militantes e das Forças Armadas. As formas concordantes recebem a marca de plural e são estruturadas como se segue:

- a. «... A taxa de ocupação das unidades hoteleiras caiu para 25% ...».
- b. «... Na Somália, um ataque de militantes islâmicos ao restaurante...».
- c. «O chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas...»

Ocorre, igualmente, apagamento da marca do plural em sintagmas nominais com a função sintáctica de complemento directo. Verificamos nas construções:

- a. «... Tomarmos a peito àquelas queixa...»
- b. «Para sensibilizar os munícipe».
- c. «Com a palestra que juntou os estudante».

Cada sintagma nominal destacado nas construções acima, desempenhando a função de complemento directo, todos precedidos pelos sintagmas verbais se

apresentam com determinantes pluralizados, antepostos aos nomes sem a marca do plural. Em conformidade com a norma europeia, todos os nomes apareceriam no plural, concordando com o número dos determinantes que os precedem. Vemos a seguir:

- a. «... Tomarmos a peito àquelas queixas...»
- b. «Para sensibilizar os munícipes».
- c. «Com a palestra que juntou os estudantes».

Nas construções que se seguem, identificamos apagamento do número plural nos constituintes do SN que desempenham a função sintáctica de modificador restritivo do nome.

- a. «Vamos, com a contribuição de todos, vencer as dificuldades económicaØ...».
- b. «Depositou confiança em mim para dirigir os destinos políticoØ».

Nos sintagmas, não se verifica a concordância entre os nomes as “dificuldades, os destinos e os jovens” e adjectivos que os modificam “económica, político e africano”, respectivamente. Nestes casos, os nomes ocorrem no plural, mas os seus modificadores, no singular. Entendemos ser mais uma das revelações das frequentes tendências de apagamento do morfema flexional de número plural, distanciando-se da norma europeia. Assim, considerando a análise e, também, observando a norma europeia, reconstruímos:

- a. «Vamos, com a contribuição de todos, vencer as dificuldades económicas...».
- b. «Depositou confiança em mim para dirigir os destinos políticos».

Ainda observamos que, havendo no SN quantificador na posição pré-nuclear, o núcleo surge sem a realização do morfema de número plural. É o que se pode evidenciar em:

- a. « O projecto do Instituto Superior de Ciências da Saúde contempla vinte salaØ de aulaØ»
- b. «...Oito laboratórioØ e uma sala específica para vídeo conferência conectada ao Hospital Geral ...».

Notamos a não concordância em número entre os quantificadores numerais vinte e oito e os nomes que constituem os seus sintagmas nominais, sala de aula, laboratório, respectivamente. Observa-se, ainda, que a ausência da marca formal de número plural num constituinte do sintagma pode condicionar a marca do elemento decorrente. Assim, o complemento do nome salaØ, (de aulaØ), surge no singular em sequência do número que marcou o nome. À luz da norma europeia, às construções em análise impõe-se a pluralização de todos os seus constituintes. Observemos:

- a. « O projecto do Instituto Superior de Ciências da Saúde contempla vinte salas de aulas».

b. «...Oito laboratórios e uma sala específica para vídeo conferência conectada ao Hospital Geral ...».

### 3. Constituição do Sintagma Nominal na óptica do Português de Angola

Partindo do pressuposto de que está em construção uma norma particular do Português em Angola, evidenciamos amostras morfossintáticas dos *corpora* orais no campo da concordância entre os constituintes do sintagma nominal, tomando em atenção que tais amostras são enunciados dos falantes cultos, os que se preocupam com a utilização da norma-culta da língua portuguesa, próxima à norma-padrão em contextos formais de comunicação. Durante o seu discurso, o falante não tem consciência de tal fenómeno, pois no seu sistema linguístico existe um distanciamento entre o Português Angolano, língua da qual se servem, a real, e a norma do Português Europeu, língua modelo, a ideal. Nisso, firmamos o nosso entendimento nas reflexões de Undolo (idem., p. 203):

As conclusões obtidas pela análise dos dados permitem confirmar que o maior domínio da norma europeia em Angola não está directamente relacionado com o estatuto sócio-económico dos falantes, verificando-se que, regra geral, os nossos informantes, apesar de serem falantes cultos, têm uma exposição à norma europeia (ideal) muito reduzida, mesmo em actos administrativos ou formais, o que permite verificar um processo de institucionalização em curso de uma nova norma, confirmando-se a influência da sociedade na língua.

Assim, entendemos que, no Português Angolano, a construção da concordância em número no sintagma nominal é feita pela presença do morfema que marca o plural somente no elemento determinante, o núcleo surge sem a marca, em contraste com a construção do Português Europeu em que a concordância impera a marcação do plural no determinante e no nome.

### 4. Resultados da Análise dos *Corpora*

Durante a auscultação das gravações feitas, foi interessante notarmos (i) certa sucessão de apagamento do morfema flexional no segundo elemento do SN, ocupando o sintagma diferentes posições nas enunciações; (ii) realização alternada de elementos do sintagma nominal concordantes à luz da norma-padrão e de elementos do sintagma nominal com a realização do plural apenas no determinante; (iii) alternância entre a concordância na óptica do Português Europeu e do Português Angolano no mesmo discurso do falante; (iv) tendência acentuada para o ensurdecimento da consoante palatal fricativa marca do plural (-s), o que, de certo modo, confirma tendências para o seu apagamento.

Tendo em atenção a forma da realização do plural das línguas bantu que coabitam com a portuguesa, notamos que os falantes tendem a transferir a mesma marca para o português, originando o apagamento do morfema flexional no segundo elemento do sintagma nominal, motivando, deste modo, aquilo que alguns autores chamariam de interferência linguística.

## Considerações Finais

As reflexões feitas nesta pesquisa são sobre um fenómeno cujos estudos estão, ainda, em aberto, pois sobre o que se sabe e pelo estudo aqui realizado é muito incipiente; requer-se reflexão para mais estudos científicos no que respeita ao Português em Angola.

Consideramos que, para se determinar o grau de retenção da morfossintaxe sofrida pelo português, se deve estudar o papel desempenhado pela situação sociolinguística angolana desde os primeiros contactos linguísticos até ao presente e pela estrutura das diferentes línguas envolvidas na situação de contacto, relativamente ao número e tipo de elementos no sintagma nominal, bem como à sua posição.

Consideramos ainda que a explicação para a motivação do fenómeno de apagamento do morfema flexional de número plural no segundo elemento do sintagma nominal reside, não unicamente no factor relevante, coabitação da gramática das línguas bantu com a da portuguesa, pois factores como o distanciamento da norma europeia, a necessidade de economizar nos discursos e a realização fonética no ensino do Português como língua materna são factores relevantes para a divergência apresentada, tendendo a emergir uma mudança linguística.

## REFERÊNCIA

Adriano, P. S. (2014, maio). *Tratamento morfossintáctico de expressões e estruturas frásicas do português em Angola: divergências em relação à norma europeia*. 594f. Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora.

Cervo, A. L., Bervian, P. A., Silva, R. (2007). *Metodologia científica*. 6.ed., São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Diehl, A. A., Tatim, D. C. (2004). *Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*. São Paulo: Pearson Prentice Hall.

Gonçalves, P., Stroud, C., (1998). *Panorama do português oral de Maputo- Estruturas gramaticais do português: Problemas e aplicações*, Vol.3, Edições Inde.

Inverno, L. C. C. (2009). A transição de Angola para o português vernáculo: Estudo morfossintáctico do sintagma nominal. in: Carvalho, A.(Ed.).*Português em contacto*, Madrid, Frankfurt: Iberoamericana, Editorial Vervuert. p.1-12.

Mingas, A. A., (1998). *O português em Angola: Reflexões-encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, Vol. 1, Centro Cultural da Universidade de Macau.

Undolo, M., (2016a). *Subsídios teórico-metodológico para o estudo do Português em Angola*.

Undolo, M., (2016b). *A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*. Caxito: ESP-Bengo.

Pires, S. P. (2011). *A função sintáctica na concordância nominal em dados da internet*. 20f. Departamento de Linguística, Português e Línguas clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

Vieira, S. R., Brandão, S. F. (2011). *Ensino de gramática: descrição e uso*, 2.ed., São Paulo: Editora Contexto.



## **ESTUDO DA MARCA DE PESSOA EM VERBOS PRONOMINAIS EM LÍNGUAS PORTUGUESA E COKWE (K11)**

Daniel Peres SASSUCO

### **Introdução**

O objecto de estudo em abordagem consiste na comparação da marca de pessoa verbal nos verbos pronominais de língua portuguesa e da língua cokwe (K11) (NURSE & PHILIPSON, 2003), língua bantu falada em Angola. A natureza das duas línguas ocupa a nossa reflexão pelo facto de, em Angola, existirem várias línguas bantu (kikongo, kimbundu, ngangela, oshikwanyama, olunyaneka, oshihelelo, mbunda, minungu, luvale, ndembo, umbundu, fyote, songo, ngoya, oshiwambo, para além do cokwe e entre outras) que convivem com a língua portuguesa.

Essas línguas nacionais são as mediáticas que têm audiência na comunicação social e representação étnica de maioria. Dizer que não possuímos dados definitivos de quantas línguas bantu presentes no espaço angolano. Mas, existe empiricamente uma identificação de línguas e seus dialectos, embora a diferença entre ambos seja discutível pelos investigadores. Também, em Angola, não houve, até ao momento, um estudo estatístico que inventariasse somente as línguas e seus limites. Como podemos entender, até as estatísticas existentes sobre os falantes não nos parecem credíveis, por não havido um estudo abrangente e aturado em todo o território angolano.

Em conformidade com os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016), as línguas mais faladas e incluídas na comunicação social são, por ordem de número de falantes, o umbundu (22, 96%), perdendo para o português 71%, seguindo-se kimbundu (7,82%), o kikongo (8,24%), o cokwe (6,54%), e as outras repartidas nas restantes percentagens. Como acima referenciado, a propósito da estatística percentual, o português manifesta-se como a língua mais falada, tendo 71% da percentagem. As línguas autóctones e as restantes representam apenas 29% ao todo.

A nosso ver, a elevada estatística da língua portuguesa deve-se à sua natureza da única língua oficial do/no país. Neste caso e contra todas as expectativas, pensamos que não é coerente comparar, estatisticamente, as línguas bantu com o português, porquanto

estas não possuem nenhum estatuto obrigatório para a sua funcionalidade administrativa, por um lado; também, considerando que qualquer cidadão angolano com cordão cultural angolano é, em geral, um falante em simultâneo de português e uma língua nacional, por outro.

Isso implica dizer que as línguas nacionais devem, em si só, ser comparadas e confrontadas estatisticamente. Mas também, seria uma comparação insignificante pelo facto de que cada comunidade falante de uma língua é definida por seu conjunto de membros dentro do seu espaço geograficamente limitado; ligados às condições culturais, materiais, económicas, financeiras e reprodutivas-biológicas e educativas, ou seja, o número de locutores de uma língua é apenas para informativo, pois é suficiente para a etnia detentora da mesma.

Do acima exposto, a língua cokwe apresenta 6,54% de falantes em Angola quando a população angolana era estimada a 25 milhões. Essa estimativa parece derisória pelo facto de o cokwe ser falada em toda a extensão leste de Angola, nas províncias das Lunda norte e sul, Moxico, Cuando Cubango, leste do Bié, sudoeste de Malanje e na província da Huíla.

Convém mencionar que também é uma língua transfronteiriça e franca. O cokwe fala-se a sudoeste da República Democrática do Congo (Lualaba), com a esquina noroeste da Zâmbia (Cingola) e nordeste da Namíbia (Ruundu). É uma língua franca, pois é falada pelos povos vizinhos da região Lunda (valuvalé, vambunda, vangangela, aruund, andembo, vaminungu, vambwela, valucazi, valwimbi) para as inter-relações de todos os níveis.

A língua cokwe é uma das línguas nativa de vários angolanos da região supramencionada e tem merecido projectos da sua inserção no sistema de ensino e é língua de alfabetização de adultos na sua zona de conforto. O ensino superior, designadamente os cursos de ensino de ciências sociais e humanas, tem promovido o ensino das línguas nacionais mais representativas do país, incluindo o cokwe.

Como todas as línguas bantu, o cokwe é caracterizado estruturalmente por um complexo sistema de classificação de substantivos, segundo o qual cada nome está agrupado numa classe específica, marcada por um prefixo que concorde com os elementos dependentes dele. O cokwe apresenta quinze (15) classes nominais acopláveis em singular-plural, veiculando diversos sentidos semânticos: humano, animal, objecto, concreto, abstracto, animado, não-animado, contável, não-contável, e três classes locativas que não participam da flexão em número mas podem sê-lo sintacticamente, perfazendo um total de dezoito (18), isto é, possui um sistema não reduzido. No plano fonológico, conta com o sistema vocálico de cinco vogais fixas sem variação contextual e prosodicamente é tonal.

Não menos importante, em cokwe, os nomes humanos estão presentes em quase todas as classes, apesar de ter uma concentração na classe 1 e 2. Os de animais igualmente agrupam-se maioritariamente na classe 9, mas os temos nas outras classes também. Há presença de substantivos monoclasses, quer do singular, quer do plural, e os infinitivos de verbos são agrupados na classe 15. Finalmente, o cokwe apresenta alguma semelhança de prefixos nominais em algumas classes, porém, diferentes semanticamente, caso de prefixo /mu-/ nas classes 1, 3 e 18.

As línguas bantu deixam as suas marcas no português e vice-versa. Desta maneira, a ciência linguística procura formas para explicar as diferentes ocorrências nos vários níveis de fala dessas línguas.

Assim, saber como funciona este paradigma e que implicações há no português falado em Luanda é a principal indagação. Possivelmente, existam nas duas línguas marcas de pessoas nos verbos pronominais, embora a forma funcional seja diferente. Em português, as marcas são indicadas pelas desinências, ao passo que, na língua *cokwe*, são especificadas pelos participantes. No primeiro caso, ocorrem mediante a sufixação; e, no segundo, por prefixação. Acharmos que a abordagem tenha uma relevância, sobretudo para os investigadores e críticos linguísticos, pelo facto de contribuir para, mais uma vez, os debates do português falado em Angola.

Esta análise foi suscitada pelos contactos directos com os locutores angolanos da cidade de Luanda. Olhando para a sua transversalidade e inequivocamente, a sua abrangência, este estudo pode trazer várias observações palpáveis de como os falantes em simultâneo do português e uma língua bantu, em Luanda, utilizam estes elementos linguísticos. Por isso, a nossa escolha pela área de pesquisa; apoiada na linguística contrastiva, pois estamos a comparar línguas de origens diferentes, isto é, a língua portuguesa de origem Indo-Europeia, cuja ramificação é neolatina; e a língua *cokwe* da família Níger-Kordofania, cujo ramo extensivo é o Bantu.

Identificar as marcas de pessoas verbais e analisá-las são os objectivos fundamentais. O estudo pretende, através do procedimento comparativo baseado no método descritivo, contrastar o funcionamento deste paradigma na língua portuguesa e na língua *cokwe* (k11). A análise e recolha de dados permitiram-nos utilizar a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo.

## 1. Conceitualização e teorização

Por marca de pessoa verbal na conjugação dos verbos, quer na língua portuguesa, quer nas línguas bantu, entendemos ser o indicador do sujeito como a pessoa que realiza uma acção do sentido do verbo. No entanto, para Azeredo *et al.* (2015, p. 226), é a palavra aberta e variável em pessoa, número, tempo, modo e aspecto. A marca de pessoa é a sua variação nas diferentes formas do singular e do plural para expressar o número. A nível linguístico, distinto do gramatical, as marcas de pessoas são indicadas, na conjugação, pelas formas sufixadas, as desinências: /-o, -s, -Ø, -mos, -is, -m/. Percebe-se, de igual modo, que a conjugação é o conjunto de todas as formas flexionadas de um verbo que constituem um paradigma de flexão verbal diferente, conforme a vogal temática (AZEREDO *et al.*, *idem*, p. 240).

A visão desses autores faz-nos pensar na determinação dos verbos regulares e irregulares quanto à existência de um radical estável ou flutuante num verbo. Contudo, a vogal temática tem suma importância no que concerne ao agrupamento de conjugações dos verbos. Reparemos que na constituição conjugal dos verbos, a marca de pessoa, hoje, não é marcada, obrigatoriamente, por um pronome pessoal recto, em variados contextos de conjugação, ocorre omissão ou elipse do pronome pessoal recto que deveria, de facto, marcar o sujeito e a pessoa flexional na conjugação. A nossa observação revela que a marca de pessoa não é, essencialmente, o pronome recto, mas as desinências em posição sufixada.

Nas línguas bantu, as marcas de sujeito numa conjugação passam pela presença dos participantes, isto é, formas de pronomes substitutivos representando cada pessoa verbal na conjugação (CREISSELS, 1991). Existe, em cada pessoa da conjugação, um participante diferente que não causa confusão nenhuma. Aqui, em bantu, esse participante funciona em posição prefixada ao radical verbal. De modo a sermos mais precisos, os participantes da conjugação de verbos nas línguas bantu são prefixados, ao



passo que, na língua portuguesa, não são, mas sim as desinências; e estas são, obviamente, sufixadas ao radical (HEINE & NURSE, 2006).

O segundo fenómeno a ser observado neste estudo é a pronominalização reflexiva ou recíproca. A conjugação na língua portuguesa evidencia a variação da marca do reflexivo, tendo variadas formas em consonância com a pessoa verbal. No entender de Katamba e Stonham (2006, p. 237), a conjugação é um campo específico onde se verifica a inerência das categorias flexionais de verbos em diferentes línguas africanas e as bantu, estas em especial. O caso concreto da língua cokwe, língua sujeita à comparação, os reflexivos e recíprocos têm única forma entendida como invariável e uniforme, mas que corresponde a cada pessoa de conjugação; o aludido participante distingue a flexão em número. Assim, reservamos o espaço a seguir para a descrição de verbos regulares da conjugação na língua portuguesa e na língua cokwe, representando as línguas bantu.

## 2. Descrição Contrastiva

Esta secção dedica-se à apresentação da conjugação regular para caso típico em cada língua. Em linguística contrastiva, os elementos a serem analisados devem ser um objecto comum de comparação, considerando a estrutura funcional das línguas envolvidas: a nível fonético, fonológico, morfológico e sintáctico (MATTOSO, 1983).

### 2.1. Conjugação regular em língua portuguesa

#### (1) **COSTUMAR**: tempo presente afirmativo (indicativo)

Costum-/-o/

Costum-a/-s/

Costum-a/-∅/

Costum-a/-mos/

Costum-a/-is/

Costum-a/-m/

Observe-se que a pessoa verbal da conjugação não é um pronome pessoal recto; que, por razões de economia, não o representamos graficamente. A ideia fundamental, no âmbito linguístico, é que a flexão em pessoa e número não são realizáveis utilizando os pronomes rectos: *eu, tu, ele/ela, nós, vós, eles/elas*. Sem os referidos pronomes rectos, a forma verbal continua com a marca de pessoa bem patente evidenciada pela desinência. Assim, como se vê nos exemplos (1), as finais verbais colocadas após a vogal temática, por ordem /- o, -s, -∅, -mos, -is, -m/, em verbos regulares da primeira conjugação, são modelos típicos de uso e concretização da conjugação em língua portuguesa.

Em relação ao radical verbal, essas formas que determinam a pessoa verbal estão sufixadas. Porém, na terceira pessoa, vimos a ausência da desinência. Esta é representada pelo morfema zero (-∅), que possui uma forma igual à da vogal temática. Normalmente, seria vogal temática **-a-** e a desinência também seria **-a**. Assim, a representação cuidada elidiu a vogal final para cuidar a temática. A constatação feita é que, sem a presença dos rectos por omissão e/ou elipse, qualquer forma verbal

conjugada em língua portuguesa tem garantia da pessoa realizadora da acção e sua flexão em número. É dessa maneira que, geralmente, funcionam as pessoas verbais na conjugação sem recurso aos pronomes rectos.

## (2) **COSTUMAR-SE:**

Costumo/**-me/**  
Costumas/**-te/**  
Costuma/**-se/**  
Costumamo/**-nos/**  
Costumais/**-vos/**  
Costumam/**-se/**

Neste segundo caso, a nossa atenção está virada para a colocação dos pronomes oblíquos reflexivos e/ou recíprocos, embora tenhamos utilizado, para a ilustração comparada, a forma afirmativa do tempo presente. A preferência, nestas construções afirmativas, é da colocação enclítica. A ênclise é a colocação dos pronomes depois dos verbos. Dito de outro modo, o pronome é colocado na posição pós-verbal, em frases declarativas afirmativas (MIGUEL & ALVES, 2007). Portanto, a posição do pronome oblíquo pode mudar de próclise para mesóclise, desde que haja condições para o efeito. Também podemos notar que as formas ou as marcas dos pronomes oblíquos são variadas, tendo marcas e formas gráficas que são diferentes umas das outras na língua portuguesa.

## 2.2. Conjugação regular em língua cokwe

Esta secção vai descrever os participantes na conjugação dos verbos em bantu, modelo ilustrativo da língua cokwe. A intenção é de demonstrar o posicionamento do participante na estrutura verbal conjugada. Tomamos por exemplo o verbo *kuseha* que significa “rir”.

### (3) **KUSEHA “rir”:** Tempo presente afirmativo (indicativo)

<b>Nguseha</b>	<b>/ngu-/seh-a</b>	“rio”
<b>Useha</b>	<b>/u-/seh-a</b>	“ris”
<b>Kaseha</b>	<b>/ka-/seh-a</b>	“ri”
<b>Tuseha</b>	<b>/tu-/seh-a</b>	“rimos”
<b>Nuseha</b>	<b>/nu-/seh-a</b>	“rides”
<b>Àseha</b>	<b>/à-/seh-a</b>	“riem”

Na língua cokwe existem, de facto, pronomes rectos: *ami, ena, aye, etu, enu, ayo*. Estas formas não são necessárias numa forma verbal para especificar a pessoa de conjugação, podendo estar presentes, ou não, junto do verbo conjugado. O verbo em questão tem, certamente, a marca que designa a pessoa, isto é, o participante. Os participantes são os elementos morfológicos obrigatórios em posição de inicial verbal

que se destacam com valor de sujeito. É este elemento que identifica a pessoa em que o verbo está conjugado. Assim, cada pessoa verbal tem uma forma de participante bem específica que não se confunde com a de outra.

Estes participantes na língua *cokwe* são por ordem de singular e plural, facto que se pode observar nos exemplos (3): *ngu*, *u-*, *ka-*, *tu-*, *nu-*, *à-*, estando sempre antes do radical **-seh**. A vogal final (desinência) é idêntica em todas as pessoas verbais. Verifica-se que a vogal final não tem nenhuma função distintiva e/ou diferencial em cada forma verbal conjugada em pessoa. O posicionamento desses participantes, com relação ao radical verbal, é, antes, prefixado. Certamente, eles são os mentores da diferença e mudança de cada pessoa na conjugação. De mesma forma, não fica obrigatória a utilização simultânea do pronome recto e participante, para aferir a marca de pessoa da conjugação verbal, como a seguir se apresenta:

(4) **KULYA** “comer”

<b>Ami</b> <u>ng</u> ulya	“eueu como”
<b>Yena</b> <u>u</u> lya	“tu, tu comes”
<b>Aye</b> <u>k</u> alya	“eleele come”
<b>Ethu</b> <u>th</u> ulya	“nós, nós comemos”
<b>Enu</b> <u>n</u> ulya	“vós, vós comeis”
<b>Ayo</b> <u>à</u> lya	“eles, eles comem”

Nos exemplos acima (4) pode-se ver o uso simultâneo do recto e do participante, que parece pesar e repetir inutilmente o pronome indicando a pessoa da conjugação. E isso tem implicações nos falantes do português dos/nos países africanos de língua portuguesa. Mais adiante, falaremos sobre o assunto. Por agora, cabe-nos elucidar o (fenómeno do) pronome oblíquo reflexivo e/ou recíproco na língua *cokwe*.

(5) **KULISEHA** “rir-se”: presente afirmativo (indicativo)

<b>Ngu</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Rio-me”
<b>U</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Ris-te”
<b>Ka</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Ri-se”
<b>Tu</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Rimo-nos”
<b>Nu</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Rides-vos”
<b>À</b> / <b>-li-</b> /seh-a	“Riem-se”

Nesse exemplo, o morfema **/-li-/** é o predilecto para a marca de objecto reflexivo e/ou recíproco. O morfema é estável e tem uma única forma desde a primeira pessoa do singular à terceira pessoa do plural. O **/-li-/** deve ser interpretado de duas maneiras; no singular é reflexivo e no plural é recíproco. Como se vê no exemplo (5), o morfema **/-li-/** é intercalado entre o participante e o radical verbal. Relativamente ao radical, o morfema de objecto reflexivo e recíproco é anteposto, isto é, está prefixado ao radical, morfema considerado como verdadeiro verbo. No conjunto das línguas bantu, sobretudo, as da Região austral, utiliza-se o **/-li-**; **di-**; **-ri-**; **-ji-** como formas para indicar o pronome reflexivo e recíproco.

### a) **Similitudes**

**Quadro 1.** Semelhanças encontradas

<b>Itens</b>	<b>Língua portuguesa</b>	<b>Cokwe</b>
a) Marca de pessoa	Existe em forma de desinências e flexionáveis	Existe em forma de participante e flexionais
b) Radical verbal	Existe	Existe
c) Pronome reflexivo e recíproco	Existem	Existem

**Fonte:** Adaptação do autor

No quadro anterior, estão resumidos os elementos das duas línguas, designadamente, a marca de pessoa e de pronomes reflexivos e recíprocos na conjugação, por pertencerem aos universais linguísticos. Contudo, apesar de serem escritos de maneira diferente, gozam de um mesmo valor semântico nas respectivas línguas. Podemos aferir, por isso, que todos esses elementos existem nas duas línguas, por se tratar de universais linguísticos, embora, o funcionamento dependa de cada língua.

### b) **Diferenças**

**Quadro 2.** Diferenças encontradas

<b>Marca de pessoa</b>	<b>Língua portuguesa</b>	<b>Cokwe</b>
a) Formas	Desinências	Participantes
b) Posição ou colocação	Sufixação	Prefixação
c) Finais verbais	Flexionais	Igual em todas as pessoas

**Fonte:** adaptação do autor

O presente quadro espelha a realidade natural de que as línguas neolatinas são sufixadas e as bantu são prefixadas. Constatamos que a flexão dos participantes, nas línguas bantu, acontece na posição prefixada ao radical; ao passo que, no português, as desinências existem em posição de sufixo pós-radical verbal. É importante referir que, na língua portuguesa, as desinências não se confundem, uma vez que cada uma é específica para cada pessoa; na língua cokwe acontece o mesmo, quer dizer, não se confunde, cada participante é reservado a uma pessoa.

**Quadro 3.** Contraste dos pronomes reflexivos

Pronomes reflexivos e recíprocos	Língua portuguesa	Cokwe
a) Forma	Diversa	Única
b) Flexão	Variável	Invariável
c) Posição	Enclítica	Prefixada ao radical

**Fonte:** adaptação do autor

Em relação a esses elementos, constatamos que as formas são diferentes, no entanto, exercem a mesma função linguística nas duas línguas. O reflexivo e recíproco de língua portuguesa varia na forma consoante a pessoa, ao passo que, o do cokwe tem única e exclusivamente uma forma em todas as pessoas, isto é, variáveis em língua portuguesa e invariáveis em cokwe.

### 2.3. Implicações

Nos países de diversidade linguística, tais como Angola, Moçambique e outros, onde o português como língua oficial foi imposto às comunidades de origem bantu, verifica-se que as línguas locais (nacionais) influenciam o português. Neste caso de estudo, constatamos, em várias ocasiões, dificuldades de construção de frases, sobretudo nas simples, onde o sujeito é repetido inutilmente. Vejamos:

- (6) a) O presidente **ele** morreu em Barcelona.
- b) A mãe **ela** foi na igreja.
- c) O professor **ele** deu prova difícil.

Neste ínterim, podemos verificar que o uso frequente de sujeito repetido para o mesmo verbo é uma influência provinda das línguas bantu em contacto com a língua portuguesa. Em condições normais, quando há um nome-sujeito, o pronome é dispensado, porquanto o nome representa a terceira pessoa de conjugação. Essa constatação representa as dificuldades que muitos utentes da língua portuguesa possuem no nosso país. Quanto ao uso pronominal reflexivo ou recíproco, constatamos o seguinte:

- (7) a) **Se** enviaram dinheiro ontem.
- b) **Se** conhecemos aqui mesmo na universidade.
- c) Vamos **se** encontrar no clube às 14 horas.

Os exemplos em (7) confirmam o uso corrente dos reflexivos e recíprocos /se/ invariáveis, à semelhança do /-li-, -di-, -ri-, -ji-/ que ocorre nas línguas bantu, demonstrando como caso decorrente na língua cokwe. Tal facto tem implicações directas no comportamento linguístico de falantes da língua portuguesa.

## Considerações Finais

A abordagem apresentada consistiu em comparar a marca de pessoa da língua portuguesa e das línguas bantu, caso da língua cokwe (k11), falada, maioritariamente, no leste de Angola. As observações contrastivas mostram que a marca de pessoa, nas formas de conjugação, se manifestam, primeiramente, na língua portuguesa através das desinências verbais, podendo caracterizar cada pessoa sem confusão. A posição funcional com relação ao lexema central do verbo (radical) é sufixada.

De seguida, nas línguas bantu, na língua cokwe, particularmente, as marcas de pessoas aparecem em forma de participantes. Com relação ao radical verbal, os participantes colocam-se sempre antes, isto é, em posição prefixada. Tanto no português como na língua cokwe, não é preciso usar os pronomes rectos para assegurar o sentido da pessoa verbal. Portanto, este uso tem alguma implicação no falar português, pelo facto de os usuários incorporarem dois sujeitos nas orações (nome e pronome recto), em vez de um só, podendo ser nome e/ou pronome.

Os pronomes oblíquos flexionais na língua portuguesa são, também, tornados numa única forma /se/ e invariável como acontece nas línguas bantu. Contudo, a nossa reflexão serviu para constatar o funcionamento dessa estrutura nas duas línguas e como a natureza do paradigma da língua bantu implica nos falantes da língua portuguesa, imposta aos nativos angolanos.

## REFERÊNCIAS

- Azeredo, M. Olga *et al.* (2015). *Da Comunicação à Expressão. Gramática Prática de Português 3º ciclo do ensino básico e Ensino Secundário*, Lisboa Raiz Editora, Lisboa.
- Creissels, D. (1991). *Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique*, Paris, ellug.
- Heine, B. & Nurse, D. (2000). *African Languages. An Introduction*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Instituto Nacional De Estatística (2016). *Resultados Definitivos. Recenseamento Geral da População e Habitação-2014*, Luanda, INE.
- Katamba, F. & Stonham, J. (2006). *Morphology*, Modern Linguistics., Harlow, Second Edition, Palgrave Macmillan.
- Mattoso, C., Jr. (2004). *Dicionário de Linguística e Gramática-Referente à Língua Portuguesa*, 25.ª edição, Petrópolis: Editora Vozes.
- Miguel, M. H. & Alves, M. A. (2007). *Convergências: Manual Universitário de Português*, Luanda, Nzila editorial.
- Nurse, D. & Philipson, G. (2003). *The Bantu Languages*, London and New York, Rotledge.
- Vilela, M. (1994). *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*. Lisboa, Caminho, Série Linguística.

# **LEXICOGRAFIA**



## OS PORTUGUESISMOS DOS ARABISMOS DA BOTÂNICA NA LÍNGUA COKWE

Nadia TADLAOUI

### Considerações Iniciais

O contacto estabelecido entre as populações árabes e portuguesas através das viagens, do comércio, da estada dos árabes em Portugal, deixou vários vestígios. Em consequência deste contacto, a língua portuguesa integrou no seu léxico vários arabismos. Esses vocábulos de origem árabe foram adaptados ao sistema linguístico português. Entre estes arabismos, encontramos os da Botânica integrados na língua portuguesa. Estes **arabismos da Botânica** viajaram para Portugal para tornar **portuguesismos**, estes últimos viajaram para outros lugares, na África lusófona, fazendo parte do seu património linguístico, integrando na **língua bantu**, fazendo parte do seu léxico.

No caso da nossa investigação, é a integração da língua **cokwe** para serem **cokwismos**. **O objetivo** desta comunicação é o de mostrar a viagem das palavras através das fronteiras, mostrar essa interculturalidade, fazendo parte do património cultural e linguístico. Seguindo a viagem dos arabismos da Botânica na língua portuguesa e, depois, na **língua bantu (cokwe)**. **A metodologia** tem como fonte os recursos de dicionários de Botânica, dicionários de língua portuguesa, dicionários de língua árabe, e no caso da língua **cokwe**, fizemos a nossa pesquisa no **dicionário português-cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011).

No **resultado** da nossa pesquisa, encontramos a existência dos **portuguesismos dos arabismos da Botânica** na língua **cokwe** que pertence ao grande grupo das línguas bantu como, por exemplo: **açúcar (suka)**, **arroz (loso)**, **laranja (lalanja)**. Estes **arabismos** viajaram para **Portugal** para tornar **portuguesismos**, estes últimos viajaram para o **cokwe** para serem **cokwismos**. No futuro, pode-se alargar o projecto



para outros países africanos lusófonos e para outras **línguas bantu** como kimbundu, kikongo, ngangela, mbunda, luvale, umbundu, nyaneka, oshikwanyama, oshihelero. Assim, como cita Adalberto Alves (2013, p. 33), “não há nascimento da palavra [...]. A palavra não tem origem, ela é origem [...]. Nasce num salto, sob a forma de uma troca, de um despertar, de uma mutação [...]”.

A expansão da língua portuguesa, acto devido aos descobrimentos e à colonização, que estendeu a língua portuguesa até às Terras longínquas, tais como África, Ásia, Brasil, enriquecendo o seu léxico em contacto com línguas autóctonas desses povos, contribuiu para o enriquecimento do léxico das línguas dos povos nativos (CHICUNA, 2018). Neste estudo, apresentamos os **portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe**, a descrição dos fenómenos linguísticos no processo de **cokwização**.

Em Angola, de Cabinda ao Cunene e do mar ao Leste, encontramos as seguintes línguas: kimbundu, kikongo, **cokwe**, ngangela, mbunda, luvale, umbundu, nyaneka, oshikwanyama, oshihelero<sup>21</sup>. Os **Tucokwe** são uma etnia banta que se concentra, sobretudo, no nordeste de Angola e numa larga faixa que de lá se estende até ao sul do país, mas também no extremo sudoeste da República Democrática do Congo e no extremo noroeste da Zâmbia. Fala a língua chócue<sup>22</sup>.

## Metodologia

A metodologia seguida é fazer pesquisas nos Dicionários de Botânica, Dicionários de língua portuguesa, Dicionários de língua árabe, e no caso da **língua Cokwe**, fizemos a nossa pesquisa no **Dicionário Português - Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011). Partindo da minha tese doutoral intitulada: “*Os Arabismos da Botânica na Língua Portuguesa: abordagem linguística*” (2017), e publicada em Rabat: UMV IEHL (2018). Trabalhámos sobre os arabismos da Botânica na Língua Portuguesa. Neste trabalho, fizemos uma análise dos fenómenos linguísticos resultantes do contacto entre a língua árabe e a língua portuguesa, tomando como base os arabismos da Botânica integrados no português.

A nossa investigação teve uma dupla finalidade: estudar a influência do árabe sobre o português através da elaboração de um *corpus* bilingue da Botânica, bem como a descrição dos fenómenos linguísticos introduzidos no processo de **aportuguesamento de arabismos da Botânica**, tendo em conta as características de cada Língua. Partindo desta pesquisa, procuramos seguir a viagem das palavras através das fronteiras. No quadro duma formação científica académica ocorrida na Universidade Nova de Lisboa, em Julho de 2019, recebemos o **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011), no qual descobrimos a presença dos **portuguesismos dos arabismos da Botânica** na língua **cokwe**, o que nos motivou a continuar a pesquisa dos arabismos da Botânica na língua portuguesa através das fronteiras, em outros países lusófonos.

O ponto de partida desta pesquisa era o trabalho que estava feito na nossa Tese doutoral sobre os arabismos da Botânica na língua portuguesa, que está publicada (2018)<sup>23</sup>. O *corpus* da Botânica está apresentado em cinco colunas. Na primeira coluna, está o nome português, atestado nos dicionários, são 11 dicionários, compostos por

<sup>21</sup>[file:///F:/Brasil%20E%20BOOK%20PORTUGUES%20DE%20EM%20ANGOLA\\_LIVRO1.pdf](file:///F:/Brasil%20E%20BOOK%20PORTUGUES%20DE%20EM%20ANGOLA_LIVRO1.pdf) (E-Book 2021) (DANIEL PERES SASSUCO (2021), p.22) (consultado no dia 18/05/2023)

<sup>22</sup><https://pt.wikipedia.org/wiki/Ch%C3%B3cues> (consultado no dia 18/05/2023)

<sup>23</sup> TADLAOUI, Nadia. Os Arabismos da Botânica na Língua Portuguesa: abordagem linguística, Rabat: IEHL, Universidade Mohammed V, (2018).

dicionários gerais, dicionários especializados e dicionários etimológicos. Também os nomes estão verificados nos Institutos científicos especializados. Na segunda coluna está a etimologia árabe, procurada no dicionário de árabe Lissan al-ğarabe قاموس لسان العرب, no dicionário al-munjid قاموس المنجد.



Na terceira coluna, consta uma breve definição botânica e outros nomes comuns pelo quais a mesma planta é conhecida em **Portugal**, as diferentes denominações podem ser regionais. Esta coluna foi verificada pela Doutora Ireneia Melo, que era diretora do Jardim Botânico do Bairro Rato de Lisboa. Na quarta coluna, estão os nomes científicos das plantas, que foram verificados pela Doutora Ireneia Melo, diretora do jardim Botânico do bairro Rato de Lisboa. Na quinta coluna, estão as imagens das plantas, verificadas pela Doutora Ireneia Melo. Depois fizemos a pesquisa no **Dicionário Português-Cokwe de Adriano Correia Barbosa** (2011), no qual encontramos os resultados desejados, que são alguns **portuguesismos dos arabismos da Botânica** na língua **cokwe**.



## Resultados

Encontramos a existência dos **portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe**, uma das línguas que pertence ao grande grupo das **línguas bantu**. Como, por exemplo: **açúcar (suka)**, **cana-de-açúcar (muxaci)**; **algodão (wanda; wanda-wamahwawili; mahwawili-a- wanda)**; **arroz (loso)**; **beringela (lujilo (fruto), cijilo (planta))**; **gergelim (utolo)**; **laranja (lalanja), laranjeira (mulalanja)**; **maçaroca (espiga de milho: pungu)**; **nenúfar (teleji)**; **tangerina (kathandu), tangerineira (muthandu)**.

As tabelas estão compostas por cinco colunas; temos na primeira coluna o **nome do arabismo da Botânica em língua portuguesa**; na segunda coluna, o **nome da Botânica em árabe**; na terceira coluna, **o seu nome na língua cokwe**; na quarta coluna, **o nome científico da Botânica** e a sua definição; na quinta coluna, a imagem da **Botânica**.

**Quadro 1:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe. Tabela da letra A: açúcar, algodão, arroz, azeite, azeitona.

Português	Etimologia < árabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
<b>açúcar</b>	as-sukkar السُّكَّر	<b>suka</b>	Substância doce extraída da Saccharum officinarum L. n.m. Botânica, da família das Poaceae.	
<b>cana-de-açúcar</b>	cana + açúcar cana -de- السُّكَّر	<b>muxaci</b>		

<b>algodão</b>	al-quṭn القطن	<b>wanda; wanda-wa-mattwahwili; mattwawili-a-wanda</b>	Gossypium babradense L. (Egipto) Gossypium herbaceum L. e Gossypium arboreum L. (Ásia) Gossypium hirsutum L. (USA)	
<b>arroz</b>	ar-ruz الأرز، الرز	<b>loso</b>	Oryza Sativa L. n.m. Botânica, da família das Poaceae.	
<b>azeite</b> <b>azeitona</b>	az-zayt الزيت az-zaitūn الزيتون	<b>maji</b>	Olea europaea L. nome derivado de az-zaitūn. Da família das Oleaceae.	

Fonte: Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra **A** está composta pelas palavras seguintes: **açúcar**, **algodão**, **arroz**, **azeite**, **azeitona**. São **portuguesismos** dos arabismos da Botânica na língua **cokwe**.

- **Açúcar (Saccharum officinarum L.)** é uma substância doce extraída da **Saccharum officinarum**, da família das **Poaceae**<sup>24</sup> = **Graminae** النجيليات, faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIV, atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **suka**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 20).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
as-sukkar السكر > açúcar > suka  
qassab as-sukkar قصبالسكّر > cana-de-açúcar > muxaci

- **Algodão (Gossypium barbadense L.)** é uma planta da família das **Malvaceae** الخبائيات, o seu nome em francês é **cotonnier**. Utiliza-se na medicina tradicional, na indústria, nos tecidos... (BENABID, A. 2012, p. 274)<sup>25</sup>. **Algodão** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIII (1279), atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a

<sup>24</sup> Tadlaoui, N. (2017: 95), *Os arabismos da Botânica na Língua Portuguesa: abordagem linguística* (Tese de Doutoramento), Rabat: FLSH IEHL.

<sup>25</sup> Tadlaoui, N., idem: 105.

língua **cokwe**, dando a palavra **wanda**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 32).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 al-qūṭn القُطْن > algodão > wanda


- **Arroz** (*Oryza Sativa* L.) é da família das **Poaceae = Graminae** النَّجِيلِيَّات, o seu nome em francês é **riz**. Utiliza-se na culinária (BENABID, 2012, p. 391)<sup>26</sup>, faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XV, atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **loso**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 59).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 ar-ruz الأرز، الرُّز > arroz > loso

- **Azeite** é uma substância derivada de **Azeitona** (*Olea europaea* L.) da família das **Oleaceae** الزَيْتُونِيَّات<sup>27</sup>. **Azeite** tem origem do nome árabe **az-zayt** الزَيْت, que vem de **Azeitona** derivada do árabe **az-zaitūn** الزَيْتُون, faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIII, atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **maji**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 72).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 az-zayt الزَيْت > azeite > maji

**Quadro 2:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da letra B: beringela.

Português	Etimologia < árabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
beringela	al-bādanjān البَادَنْجَان بادَنْجَان	lujilo (fruto) cijilo (planta)	Solanum melongena L	

Fonte: Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra **B** é composta pela seguinte palavra: **beringela**, que é considerada como **portuguesismo** dos arabismos da Botânica na língua **cokwe**.


<sup>26</sup> Tadlaoui, N., idem: 109.

<sup>27</sup> Tadlaoui, N., idem: 110.

- **Beringela** (*Solanum melongena* L.) é uma planta da família das **Solanaceae** البَادَنْجَانِيَّات, o seu nome em francês é **aubergine**. Utiliza-se na culinária, na medicina tradicional, as suas folhas são venenosas (BENABID, 2012, p. 292)<sup>28</sup>. **Beringela** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIV, atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando as palavras **lujilo** (fruto) e **cijilo** (planta), que estão atestadas no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 83).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 al-bādanjān البَادَنْجَان > beringela > lujilo (fruto), cijilo (planta)

**Quadro 3:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da letra G: gergelim

Português	Etimologia < arabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
gergelim	al-juljulān الْجُلْجُلَان جُلْجُلَان	utolo	Sesamum indicum L.	

Fonte: Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra **G** é composta pela palavra seguinte: **gergelim**, que é considerada como **portuguesismo** dos arabismos da Botânica na língua Cokwe.



- **Gergelim** (*Sesamum indicum* L.) é uma planta da família das **Pedaliaceae** السِّتْسَمِيَّات, o seu nome em francês é **sésame**. Utiliza-se na culinária, na medicina, na medicina tradicional (BENABID, 2012, p. 277)<sup>29</sup>. **Gergelim** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XV, atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **utolo**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 277).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 al-juljulān الْجُلْجُلَان > gergelim > utolo

<sup>28</sup> Tadlaoui, N., idem: 113.

<sup>29</sup> Tadlaoui, N., idem: 116.

**Quadro 4: Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da letra L: laranja, laranjeira.**

Português	Etimologia < arabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
<b>laranja</b>	An-naranj, An-nāranj  لَنْرَنْج، النَّارَنْجَا	<b>lalanja</b>	Citrus aurantium L.  (laranjeira-amarga ou laranjeira-azedada)  Citrus sinensis L.  (laranjeira-doce)	
<b>laranjeira</b>	An-naranj, An-nāranj  لَنْرَنْج، النَّارَنْجَا	<b>mulalanja</b>	Citrus aurantium L.  (laranjeira-amarga ou laranjeira-azedada)  Citrus sinensis L.  (laranjeira-doce)	

Fonte:Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra **L** é composta pelas seguintes palavras: **laranja, laranjeira**. São **portuguesismos** dos arabismos da Botânica na língua Cokwe.


- **Laranja** (Citrus aurantium L., Citrus sinensis L.) é uma planta da família das **Rutaceae** السَّدَابِيَّات، o seu nome em francês para (Citrus aurantium L) é: **oranger amer, bigaradier; bergamottier**; e para (Citrus sinensis L.) é: **oranger à fruits doux**. Utiliza-se na culinária, nos perfumes, na medicina, na medicina tradicional, na produção de mel, também a sua madeira é utilizada na indústria artesanal (BENABID, 2012, p. 287)<sup>30</sup>. **Laranja** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIV (1377), atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **lalanja**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 319).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 an-naranj لَنْرَنْج > laranja > lalanja

<sup>30</sup> Tadlaoui, N., idem: 118.

an-naranj النَرَنْج > laranjeira > mulalanja (mu+lalanja)

**Quadro 5:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da Letra M: maçaroca

Português	Etimologia < arabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
maçaroca	Masurqa مَسْرُقَة	<b>Pungu</b> (espiga de Milho)	Zea mays L.	


Fonte: Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra **M** é composta pela seguinte palavra: **maçaroca**, que é considerada como **portuguesismo** dos arabismos da Botânica na língua **Cokwe**.

- **Maçaroca (Zea mays L.)** é uma planta da família das **Poaceae = Graminae النَجِيلِيَّات**, utiliza-se na culinária, na medicina, na cosmética, como palha...O seu nome em francês é **maïs** (Benabid, A., 2012, p. 393)<sup>31</sup>. **Maçaroca** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português no século XV, atestado no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **Cokwe**, dando a palavra **Pungu**, que está atestada no **Dicionário Português - Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 331- 233).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 masurqa مَسْرُقَة > maçaroca > pungu

**Quadro 6:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da Letra N: nenúfar.

Português	Etimologia < arabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
nenúfar	Nainūfar نَيْنُوفَر	<b>teleji</b>	Nymphaea spp.	

Fonte: Elaboração própria.



<sup>31</sup> Tadlaoui, N., idem: 119.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra N é composta pela seguinte palavra: **nenúfar**, que é considerada como **portuguesismo** dos arabismos da Botânica na língua **cokwe**.

- **Nenúfar** (*Nymphaea spp.*) é uma planta da família das **Nymphaeaceae** النَّيْلُوفْرِيَّة, o seu nome em francês é **nénuphar, lis d'eau, herbe-aux-moines, aillout d'eau, nénuphar jaune, nénuphar commun, jaunet d'eau**. Utiliza-se na medicina, na medicina tradicional, na cosmética<sup>32</sup>. **Nenúfar** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIX (1841) atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **teleji**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 360).

L. ár. > L. port. > L. cokwe  
 nainūfar نَيْنُوفَر > nenúfar > teleji

**Quadro 7:** Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua Cokwe. Tabela da Letra T: tangerina, tangerineira

Português	Etimologia < arabe	Língua Cokwe	Nome científico Definição da Botânica	Foto
tangerina	Tanja طنجة	Kathandu	Citrus x aurantium subfo. nobilis (Lour.) Hiroë	
tangerineira	Tanja طنجة	muthandu, kathandu (pomar de tangerineiras )	Citrus x aurantium subfo. nobilis (Lour.) Hiroë	

Fonte: Elaboração própria.

**Comentários sobre o quadro:** Esta tabela da letra T é composta pelas seguintes palavras: **tangerina, tangerineira**. São **portuguesismos** dos arabismos da Botânica na língua **Cokwe**.

- **Tangerina** (*Citrus x aurantium subfo. nobilis (Lour.) Hiroë*) é uma planta da família das **Rutaceae** السَّدَابِيَّات, o seu nome em francês é: **mandarine**. Palavra do

<sup>32</sup> Tadlaoui, N., idem: 119.



corpus da Botânica de origem árabe, que têm relação com a Toponímia da região do norte de África, que é a cidade de Tanger (**Tanger, Tanja** **طنجة**)<sup>33</sup>. **Tangerina** faz parte das palavras que entraram no vocabulário português, no século XIX (1844), atestada no **Dicionário Houaiss**, e logo a palavra viajou para África e integrou a língua **cokwe**, dando a palavra **kathandu**, que está atestada no **Dicionário Português-Cokwe** de Adriano Correia Barbosa (2011, p. 495).

L. ár.	>	L. port.	>	L. cokwe
tanger	>	tangerina	>	kathandu
tanger tanja	>	طنجة	>	tangerineira > muthandu

### Considerações Finais

Podemos concluir que os objetivos desta pesquisa foram conseguidos. Ler e escrever nas línguas africanas, no **projeto VAPA – Variedade do Português de Angola**, através dos **portuguesismos dos arabismos da Botânica** na língua **cokwe**, encontramos os **cokwismos da Botânica** como **açúcar (suka)**, **cana de açúcar (muxaci)**; **algodão (wanda; wanda-wa-mahwahwili; mahwahwili-a- wanda)**; **arroz (loso)**; **beringela (lujilo (fruto), cijilo (planta))**; **gergelim (utolo)**; **laranja (lalanja)**, **laranjeira (mulalanja)**; **maçaroca (espiga de milho: pungu)**; **nenúfar (teleji)**; **tangerina (kathandu)**, **tangerineira (muthandu)**. Assim, encontramos na nossa pesquisa o esquema da adaptação seguinte:

**Arabismos da Bot. → Portuguesismos da Bot. → Cokwismos da Bot.**

**Aportuguesamento      Cokwização**

Deste modo, assistimos aos conceitos seguintes que são: interculturalidade, multiculturalismo, a viagem das palavras através das fronteiras, a dinâmica do léxico, o enriquecimento do vocabulário dos povos, da terminologia da comunidade. Assim, estes **arabismos da Botânica** viajaram para **Portugal** para tornar **portuguesismos**, estes últimos viajaram para o **cokwe** de **Angola** para serem **cokwismos**. No futuro, pode-se alargar o projecto para outros países africanos lusófonos e para outras línguas bantu como o kimbundu, o kikongo, o ngangela, o mbunda, o luvale, o umbundu, o nyaneka, o oshikwanyama, o oshihelelo.

Neste **projecto VAPA – Variedade do Português de Angola**, já fizemos um artigo intitulado: **“Portuguesismos dos arabismos da Botânica na Língua Bantu (Kiyombe)”** (2021), que está publicado na Revista Njinga & Sépé (Brasil). Como segundo trabalho, este artigo intitulado: **“Os portuguesesismos dos arabismos da Botânica na língua cokwe”**. E outro artigo, que está em curso, que concerne a **VAPGB – Variedade do Português de Guiné-Bissau**, intitulado: **“Os Portuguesismos dos arabismos da Botânica na língua crioula da Guiné-Bissau”**. Assim, continua a viagem das palavras através das fronteiras, tal como cita Adalberto Alves (2013, p. 33): “Não há nascimento da palavra [...]. A palavra não tem origem, ela é origem [...]. Nasce num salto, sob a forma de uma troca, de um despertar, de uma mutação [...]”.

<sup>33</sup> Tadlaoui, N., idem: 339. Tanger (em amazighe: Tingi ou Tingit, de Tin iggi, **E.o.I.o.**; em árabe: Tanja **طنجة**; em gréco-romain: Tingis). (<https://fr.wikipedia.org/wiki/Tanger>) (consultado no dia 22/06/2023).

## REFERÊNCIAS

- Alves, A. (2013). *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*, Lisboa: INCM.
- Barbosa, A. C. (2011). *Dicionário Português-Cokwe*, Luanda: Ed, Adriano Correia Barbosa.
- Benabid, A. (2012). *Milieu naturel et plantes du Maroc: évaluation, biogéographie, fonctions, valeurs, utilisations*. Casablanca: Fondation du Roi Abdul-Aziz Al Saoud.
- Chicuna, A. M. (2014). *Portuguesismos nas Línguas Bantu, para um Dicionário Português-Kiyombe*, Lisboa: Edições Colibri.
- Coelho, J. (2014). *Dicionário Global da Língua Portuguesa*, Lisboa: Lidel-Edições Técnicas, Lda.
- Correia, P. D. (2012). *Dicionário de Português Língua Estrangeira*, Alfragide: LEYA, SACEM.
- DICIONÁRIOS EDITORA. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto: Dicionários Editora, 2011.
- DICIONÁRIO Al-munjid قَامُوسُ الْمُنْجِدِ, *Língua árabe*, Beirut: Dar el- Machreq Sarl, 2003.
- DICIONÁRIO L. al-árabe رَبِّ قَامُوسِ لِسَانِنَا, *Língua árabe*, Beirut: Dar Saber, 2005.
- HOUAISS, A. *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Tadlaoui, N. (2018). *Os Arabismos da Botânica na Língua Portuguesa: abordagem linguística*, Rabat: IEHL, Universidade Mohammed V.
- Timbane, A. A.; Sassuco D. P.; Undolo, M. (2021). *O Português de/em Angola: peculiaridades linguísticas e a diversidade no ensino*, São Paulo: Opção editora.
- Sassuco, D.P. *Problemática de contacto das Línguas Bantu de Angola e o Português: um olhar sobre o contacto fonético-fonológico*, 2021. Disponível em: [file:///F:/Brasil%20E%20BOOK%20PORTUGUES%20DE%20EM%20ANGOLA\\_LIVRO1.pdf](file:///F:/Brasil%20E%20BOOK%20PORTUGUES%20DE%20EM%20ANGOLA_LIVRO1.pdf) Acesso em: 18 mai 2023.
- Chócues, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ch%C3%B3cues> Acesso em: 18 de Maio de 2023.
- Mapa étnico de Angola, 1970. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ch%C3%B3cues#/media/Ficheiro:Angola\\_Ethnic\\_map\\_1970-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ch%C3%B3cues#/media/Ficheiro:Angola_Ethnic_map_1970-pt.svg) Acesso em : 18 de Maio de 2023.
- Mapa etnolinguístico de Angola. Fonte: INE 2014, p. 51. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/7041/704173394006/html/> Acesso em : 18 de Maio de 2023.
- Tanger, 2023. Disponível em: <https://fr.wikipedia.org/wiki/Tanger> Acesso em : 22 de junho de 2023.

# 9

## TRATAMENTO LÉXICO-TERMINOLÓGICO DO VOCABULÁRIO DAS TECNOLOGIAS EM ANGOLA

João SISSA

Pedro Sebastião POLICARPO

### Introdução

A língua é um sistema de comunicação que pertence a uma sociedade, aliás, é o meio pelo qual se concebe o mundo que a rodeia e sobre ela se manifesta. Assim também é uma criação da sociedade, susceptível de mudança que evolui socialmente Cunha & Cintra (1984). Isso significa que a língua está sempre em variação e em mudança no tempo, causadas pelos factores socioculturais e extralinguísticos, que fazem os utentes criarem e recriarem os vocábulos em função das necessidades comunicativas. Nota-se, cada vez que o tempo passa, a existência de novos vocábulos no plano discursivo. Neste sentido, o trabalho apresenta o tratamento do vocabulário das tecnologias em Angola, do ponto de vista lexicológico e terminológico (no que o processo de formação dos vocábulos e o enquadramento da língua de especialidade diz respeito).

Tendo em conta os objectivos propostos no texto, optámos como alternativa metodológica a descrição do *corpus* linguístico, constituído por textos escritos dos Jornal de Angola, Agência Angop e Jornal Folha 8 e sobre os quais identificamos os vocábulos em abordagem. Com certeza, o uso do *corpus* como alternativa metodológica, além de comprovar o contexto e a frequência dos vocábulos, também possibilitou a analisar nos vocábulos identificados os seus processos de formação e os seus conceitos.

Quanto à pesquisa, o presente artigo enquadra-se nas fontes bibliográficas sustentadas pela combinação de diferentes instrumentos do enfoque qualitativo. Assim sendo, a pesquisa qualitativa procura captar a produção espontânea dos falantes e os seus estilos de uma forma natural (Gonçalves, 2010). Neste trabalho, a meta é criar um modelo de ficha vocabular, que será importante para as instituições, as empresas, as associações, os grupos dos profissionais, os investigadores e os estudantes. Dito de outra forma, a ficha vocabular resume a forma de tratamento dos vocábulos.

## 1. Considerações sobre os Estudos Lexicais no Português em Angola

Compreendemos que o processo do léxico no Português em Angola é usado por uma comunidade multilingue. Como sabido, o português está em contacto com outras línguas faladas no território de Angola, por esta razão os estudos do léxico têm ganhado maior atenção no processo de investigação. Com isso, entendemos que os falantes têm actualizado os vocábulos de modo natural, atribuindo-os diferentes conceitos, que são motivados pelos factores socioculturais.

É necessário que uma língua se renove ao longo do tempo para desenvolver-se em todos os níveis. Quivuna (2013, p. 41) afirma que “[...] uma língua que não se desenvolve no plano lexical, isto é, que não actualiza o seu léxico, acabará por ser uma língua de pouco interesse nacional e internacional, podendo ser considerada quase uma língua morta”.

Deste modo, o léxico no Português em Angola está no processo de transformação ou de mudança e, conseqüentemente, são reconhecidos vários estudos que consideram as diferentes formas que os angolanos têm tratado o léxico. Para melhor compreender o facto de que existem alguns estudos que já abordaram sobre o léxico no português em Angola, assim como foi referido acima, trouxemos algumas palavras caracterizadoras do léxico em Angola de Quivuna (2013, p. 21):

“**Fumbua**: folhas de uma trepadeira florestal, cujo prato típico é pertença das províncias do Wizi e do Zaire e das populações do norte da RDC”.

“**Kikuanga**: em Kikongo kwanga; designa uma pasta fermentada de mandioca e desempenha o mesmo papel que o funge na alimentação, sobretudo das províncias do Wizi e do Zaire”.

Além de Quivuna, existem outros autores que abordam também de algumas marcas caracterizadoras do léxico do português em Angola, como Undolo (2016, pp. 236-237):

“**Alambamento**: 1. ritual que celebra a união entre dois indivíduos adultos do sexo oposto para a formação de uma família. 2. casamento tradicional. 3. ritual”.

“**Angolanidade**: 1. próprio de angolano. 2. qualidade do que é angolano. 3. carácter específico da sociedade e da história angolanas”.

“**Atador**: cordão ou fita que aperta uma peça de calçado ou de vestuário, passando geralmente por pequenos orifícios de cada lado de uma abertura”.

Finalmente, o léxico em todas as línguas do mundo encontra-se em mudança e em variação, como podemos observar nas unidades lexicais supracitadas, no português em Angola, o número dos vocábulos vindos de outras línguas é crescente.

## 2. Terminologia e Lexicologia

Para a compreensão do enquadramento da Terminologia e da Lexicologia dentro do texto, recorreremos a Costa (1993) segundo a qual a Terminologia e a Lexicologia concordam em estudar o léxico, mas distinguem-se no modo como encaram os seus objectos. Ou seja, a Lexicologia tem por objecto de estudo as unidades lexicais de forma

geral, ao passo que a Terminologia se limita às unidades lexicais específicas ou aos conceitos que caracterizam as áreas do conhecimento. Por outro lado, enquanto a Lexicologia se destina aos estudos descritivos, a Terminologia suporta os estudos descritivos e normativos.

Assim, a Terminologia enquanto teoria debruça-se sobre a relação entre conceito e vocábulo. Cabré (1993, citada por COSTA, 2020, p. 18) afirma que “a terminologia é uma disciplina científica que estuda os termos e os conceitos de uma determinada área de especialidade, com a finalidade de garantir a precisão e unicidade da comunicação entre profissionais num contexto de especialidade”. Da mesma forma, torna a comunicação mais específica, objectiva, menos sujeita à ambiguidade e, conseqüentemente, mais eficiente (KRIEGER, 2013).

Para Costa (2015), um dos aspectos que marca o ponto de partida da Terminologia é a língua de especialidade, que é utilizada e entendida num grupo restrito de especialistas para atingir os objectivos da sua comunicação especializada, sem ambiguidades e com precisão.

No caso da Lexicologia, entende-se como a ciência que estuda o léxico desde a sua origem até ao conceito. Vilela (1994, citado por ASSUNÇÃO, 2015, p. 22) considera que “a lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos: pode incluir a etimologia, a formação de palavras, a importância de palavras, a morfologia, a fonologia, a sintaxe, mas tem uma ligação especial com a semântica”.

Com isso, destaca-se que o essencial para a pesquisa é reunir os resultados da investigação dos conceitos e dos processos de formação, que especificam os vocábulos obtidos, a fim de pô-los à disposição dos utentes de forma organizada dentro das fichas. Ou seja, na área da lexicologia delimita-se estudar o processo de formação dos vocábulos e na terminologia os conceitos dos vocábulos. Quanto aos métodos utilizados, ambas prosseguem em recolha do *corpus*, no entanto, a Terminologia procura determinar primeiramente se o termo pertence ao vocabulário do domínio em estudo, enquanto a Lexicologia faz uma selecção segundo o valor semântico da palavra.

Os métodos da Terminologia e da Lexicologia distinguem-se pelo percurso. A metodologia lexicológica segue um percurso semasiológico, no sentido em que toma como ponto de partida uma forma linguística para explorar os seus valores semânticos; já a metodologia terminológica é de carácter onomasiológico, ou seja, consiste em procurar uma denominação que represente um conceito (SILVA, 2015, p. 104).

Portanto, as concepções teóricas de Costa (1993), Silva (2015), Krieger (2013), Costa (2020) e Assunção (2015) ajudam-nos a perceber que existe alguma proximidade entre a Lexicologia e a Terminologia quanto à teoria e a metodologia que se dispõem, o que nos permitem obter subsídios para uma descrição multifacetado vocabulário das tecnologias em Angola e fazer análise léxico-terminológico, que resulta da junção da lexicologia e da terminologia.

### **3. Análise Léxico-Terminológica**

Para tornar consistente à análise léxico-terminológica, principalmente o processo de enriquecimento dos vocábulos e os seus conceitos no trabalho, recorreremos a F.

Margotti e R. Margotti (2011) segundo os quais o processo de formação dos vocábulos é sustentado pela criação e inovação lexical, que é constituído pelos processos de formação regular, dos quais seleccionamos a derivação por prefixação e a composição por justaposição e os processos de formação irregular, cuja delimitação abrange nos acrónimos, nas siglas e na extensão semântica.

De certo modo, Matos (2012) concorda que há dois processos de formação dos vocábulos, chamados processos morfológicos de formação dos vocábulos e processos irregulares de formação dos vocábulos. Diante disso, neste trabalho, o primeiro é relacionado com “análise morfológica” e o segundo é designado de “análise não morfológica” e “análise semântica”.

Neste sentido, compreendemos que a formação dos vocábulos é o processo normal de enriquecimento do léxico sobre a qual se pode fazer análise léxico-terminológica. Assim sendo, o processo da derivação por prefixação e composição por justaposição fazem parte da análise morfológica. Os acrónimos e as siglas são incluídos na análise não morfológica. Enquanto a extensão semântica é relacionada com análise semântica.

Para o esclarecimento da questão do processo da derivação por prefixação, composição por justaposição, acrónimos, siglas e extensão semântica, é necessário partir das suas definições. A derivação é o nome que se dá ao processo quando um radical se junta com os afixos (prefixos e sufixos). Assim também os prefixos e os sufixos trazem consigo características semânticas que complementam ou alteram o sentido do radical. Desta forma, a derivação por prefixação consiste na junção de um prefixo a um radical (MATOS, 2012).

**Multicaixa** *s.m* (multi + caixa): “cartão de débito emitido por bancos angolanos ou sistema electrónico que permite o acesso a diversos serviços bancários”<sup>34</sup>

Trata-se de um vocábulo específico de Angola e nos outros países, o dispositivo chamado multicaixa, é denominado como «cartão de crédito» ou «cartão de pagamento», o que faz divergir da realidade angolana. E quanto à formação, é derivado por prefixação, pois possui um prefixo (*multi*) e um radical (*caixa*). Se desmontarmos as formas de base, teremos um significado de «muitas caixas», no entanto, com a junção delas, o vocábulo no domínio em estudo adquire um novo significado que lhe é atribuído de acordo com a realidade do contexto.

Quanto à composição, é um processo de formação de palavras pelo qual novos vocábulos são criados pela combinação de outros já existentes, gerando um novo conceito a partir da combinação daqueles que lhe servem de base. A composição pode dar-se por justaposição ou por aglutinação. Neste trabalho, o foco é a composição por justaposição, aquela que os radicais não sofrem alterações na forma escrita e oral, e há uma independência de acentuação.

**Net ao dias**.f. [De **Net**+ ao+ dia]: “plano diário que permite navegar na internet por um período de 24 horas, a partir do momento em que é activado”<sup>35</sup>.

<sup>34</sup><https://dicionario.priberam.org/multicaixa> acesso no dia 27/06/2022

<sup>35</sup><https://www.unitel.ao/refill/net-ao-dia> acesso no dia 01/11/ de 2021

Assim, é formado pelo nome «net», seguida pela preposição “a” e artigo definido “o”, contração prepositiva, «ao» e o nome «dia». Por conseguinte, os elementos constituintes do vocábulo carecem de junção e, morfológicamente, é composto por justaposição. De acordo com F. Margotti & R. Margotti (*op. cit.*, p. 126), “[...] os componentes dos compostos podem estar ligados (pernalta), hifenizados (mãe-d’água) ou soltos (Idade Média, fim desemana)”. Logo, relacionamos ao vocábulo em análise a partir das palavras soltas cujos autores fazem referência.

Importa dizer que a composição por justaposição é um processo de formação de novos vocábulos combinados pelas palavras ligadas por hífenes, preposições e soltas, mantendo-as o acento tónico (*ibidem*). No vocábulo em destaque, os elementos primitivos perdem os significados próprios em favor dum novo significado. Além dos processos de derivação e de composição, há outros processos de formação dos vocábulos como o acrónimo, que é a criação de um novo vocábulo formado por letras ou grupos de letras que se pronuncia continuamente como uma palavra normal (MATOS, 2012).

**Unitels.f** [unidade e telecomunicação]: “*empresa angolana de telefonia móvel prestadora de serviços na área de telecomunicações*”<sup>36</sup>

O vocábulo Unitel é típico de Angola e trata-se da junção dos elementos «uni» que corresponde a *unidade* e «tel» que veio da palavra *telecomunicações*. Os elementos constituintes do vocábulo sofrem encurtamento que o qualificam como um acrónimo.

**Angosat s.m** [De *Angola* e *Satélite*]: “*satélite de comunicação de Angola*”<sup>37</sup>.

Angosat surge da junção dos elementos vindos das palavras: *Angola* e *satélite* que formam um termo com o qual verificamos uma redução típica dos acrónimos, que consiste na criação de novo vocábulo por meio das palavras que sofrem encurtamento vocabular (MARGOTTI & MARGOTTI, 2011). A partir das expressões que constituem o vocábulo *Angosat*, é evidente a sua origem em Angola e, por sua vez, a produtividade terminológica abrange os vocábulos *Angosat-1* e *Angosat-2*, correspondendo ao mesmo significado. Como se sabe a sigla é a criação de um novo vocábulo constituído apenas pelas letras iniciais das palavras, pronunciando-se cada letra isoladamente.

**UTTs.f** [Unidade Tarifária e Telecomunicações]: “*quantidade de saldo (recarga) disponível no telefone*”<sup>38</sup>.

O vocábulo é constituído por letras iniciais extraídas das palavras: *Unidade, Tarifária e Telecomunicações*, cuja designação é de sigla, pois resulta da junção das letras iniciais que obedecem a uma pronúncia separada ou soletrada (PINTO & LOPES, 2011). A extensão semântica é um processo que consiste em atribuir a um vocábulo o significado novo (*ibidem*).

<sup>36</sup><https://www.significado-definicao.com/Unitel> acesso no dia 28/06/2022

<sup>37</sup><https://ciencia.ao/noticias/tecnologias/item/792-foi-lancado-o-oangosat-1-o-primeiro-satelite-decomunicacoes-de-angola> acesso dia 27/06/2022

<sup>38</sup><https://www.wikiwanda.com/pt.Unitel> acesso no dia 07/12/2021

**Saldo** s.m [ De *saldar*]: “cartão de recarga”<sup>39</sup>.

**Saldo** s.m [ De *saldar*]: “*quantia monetária restante numa conta bancária*”.

Com certeza, o vocábulo pertence ao processo de extensão semântica, através do qual ocorre à inovação do conceito sem interferência na escrita. Trata-se de um vocábulo que tem a sua origem em latim (*saldar*) e reconhece-se a sua diversidade conceptual. No contexto geral, acarreta a definição de “*quantia monetária restante numa conta bancária*”, porém, em Angola a realidade da definição é específica para “*cartão de recarga*”<sup>40</sup>. Quer dizer, há uma evolução significativa no vocábulo em análise.

Assim, o vocábulo tem característica semântica muito específica que denominamos de conceito. Para avaliação dos conceitos expostos, partimos do princípio do signo linguístico, por meio do qual, quando escutamos os vocábulos identificados no domínio das tecnologias; logo, pensamos em objectos específicos, ou melhor, a representação mental de cada objecto é que chamamos de conceito (PINTO & LOPES, 2011). Desta feita, a proposta do signo linguístico em língua de especialidade parte do princípio de que o conceito de um vocábulo é determinado pelos profissionais de uma determinada área de saber.

#### 4. Análise do Corpus

O *corpus* foi constituído por um conjunto de textos disponibilizados pelos jornais electrónicos da imprensa angolana em contextos formais de comunicação. Assim, todos os textos extraídos foram escritos em língua portuguesa, o que faz do *corpus* sermonolingue.

Quanto ao *corpus*, Lima (2016, p. 22) esclarece que é “constituído por um conjunto de textos orais ou escritos de um determinado domínio de especialidade, recolhidos com um propósito específico de análise”. Segundo Adriano (2014), o *corpus* estabiliza a linguística descritiva, tomando como ponto de partida da descrição e análise de quantidades significativas de dado. Ainda assim, permite a realização de descrições linguísticas de base empírica e promove a discussão de questões teóricas solidamente fundamentadas.

Desta feita, o *corpus* apresentado resulta do *software AntConc*, desenvolvido por Laurence Anthony<sup>41</sup> em 2002. Esse *software* inclui ferramentas para análise de concordâncias, frequência de palavras, análises de agrupamento e distribuição de palavras. Com *AntConc*, constituímos um *corpus* e buscamos resultados que permitem explicar a concordância e a frequência dos vocábulos levantados.

---

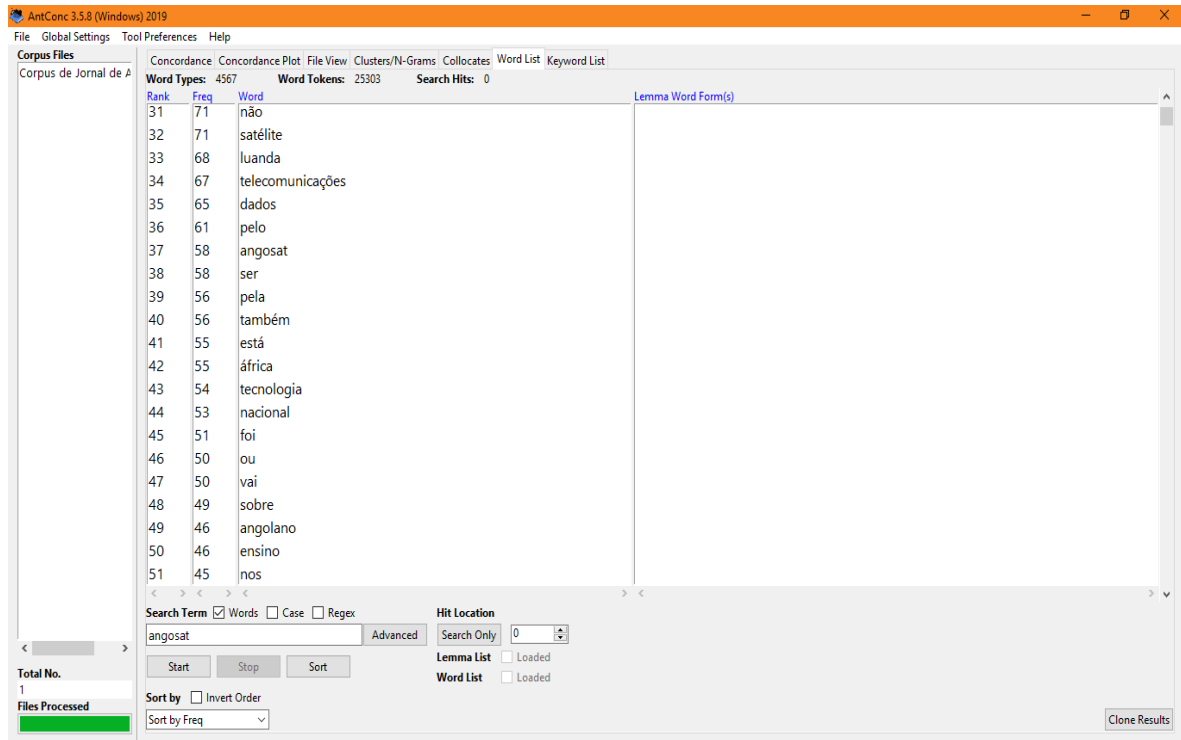
<sup>39</sup><https://mercado.co.ao/negocios/unitel-1-utt-passa-a-custar-quase-11-kz-com-a-entrada-em-vigor-do-iva-AE732031> acesso no dia 07/12/2021

<sup>40</sup><https://mercado.co.ao/negocios/unitel-1-utt-passa-a-custar-quase-11-kz-com-a-entrada-em-vigor-do-iva-AE732031> acesso no dia 07/12/2021

<sup>41</sup> Laurence Anthony, professor da Universidade de Waseda (Japão).



**Figura 1:** Printscreen dos dados do corpus das tecnologias em análise. Extraída do software AntConc.



Para a recolha dos textos escritos, criámos ficheiros electrónicos de modo a facilitar o tratamento automático dos dados, visando efectuar as descrições dos vocábulos das tecnologias em Angola. Por consequência, os dados resultam de um *corpus* constituído por 110 textos, extraídos dos Jornal de Angola, Agência Angop e Jornal Folha 8, divulgados no período de 2016 a 2021, através do qual seleccionámos e analisámos 20 vocábulos.

**Quadro 1:** Vocábulos e as frequências identificadas no *corpus*

N.º de Frequência	Vocábulos identificados	Análise léxico-terminológica	Classificação
65	Angola Telecom	<b>Morfológica</b>	<b>Substantivo</b>
50	Multicaixa		
8	Net ao dia		
15	Clonagem de cartão		
104	Angosat		
18	Angotic		
20	Movicel		

37	EMIS	<b>Acrónimos</b>	<b>Não morfológica</b>
25	Infrasat		
15	Multitel		
21	Sistec		
111	Unitel		
22	ATM	<b>Siglas</b>	
13	TPA		
15	TPA		
28	RNA		
14	UTT		
16	Saldo	<b>Semântica</b>	
10	Laranjinha		
46	Operador		

Diante do quadro apresentado, podemos observar o número de frequências e enquadramentos dos vocábulos recolhidos nos seus respectivos lugares. Nota-se que a classe gramatical predominante é de substantivo, porquanto todos os termos designam os seres em geral (MARGOTTI & MARGOTTI, 2011).

Os nomes são classes de palavra que recebem mais novos vocábulos, pois há uma grande necessidade em nomear-se os seres em geral, por esse motivo seleccionamos novos vocábulos e seus conceitos, que tem sido solicitada pela carência, procurando, assim, adequá-la no domínio específico das tecnologias em Angola. Na análise léxico-terminológica, notamos a distinção de inovação dos vocábulos (análise morfológica e não morfológica) e inovação dos conceitos (análise semântica), na medida em que o vocábulo é uma unidade de conhecimento, enquanto o conceito é uma unidade com um conjunto de características que o tornam único em uma área de saber (PEREIRA, 2010).

## 5. Modelo de Ficha Vocabular

A produção das fichas vocabular resume a forma de tratamento do vocabulário presente na área das tecnologias, corroborando, assim, com a organização das informações contidas anteriormente no processo de análise léxico-terminológica. Costa (1993, p. 93) ao referir-se à ficha terminológica afirma que “é um documento multifuncional e complexo que está subdividido em campos, podendo cada um deles ser objecto de pesquisa”. Por sua vez, o paradigma proposto das fichas vocabular segue os mesmos pormenores.

Quanto à subdivisão em campo do conteúdo das fichas vocabular, é necessário alistar todas as possibilidades imprescindíveis. Assim sendo, para a proposta da ficha de dados em campos, adaptamos também o modelo elaborado por Lima (idem, p. 56), que inclui os seguintes campos: entrada, categoria gramatical, análise linguística, domínio, subdomínio, significado, fonte do significado, contexto, fonte do contexto e nota.

- ❖ O campo de **entrada** contém o vocábulo identificado;
- ❖ O campo de **categoria gramatical** permite classificar, morfológicamente, o vocábulo;
- ❖ O campo da **análise linguística** contém análise e formação do vocábulo no âmbito da linguística;
- ❖ O campo do **domínio** introduz uma informação relativa à área de especialidade que pertence o vocábulo;
- ❖ O campo do **subdomínio** corresponde à divisão mais específica do domínio.
- ❖ O campo do **significado** descreve o conceito do vocábulo;
- ❖ O campo da **fonte do significado** menciona a origem do conceito;
- ❖ O campo do **contexto** introduz os fragmentos do *corpus* que permitem comprovar a existência do vocábulo;
- ❖ O campo da **fonte do contexto** possui o site onde foi retirado o contexto;
- ❖ O campo de **nota** serve para acrescentar algumas informações relacionadas com o vocábulo que podem ser relevantes para os leitores.

**Quadro 2:** Modelo da ficha vocabular do termo “multicaixa”

<b>Entrada</b>	Multicaixa
<b>C. gramatical</b>	S.m
<b>A. linguística</b>	Morfológica/ derivado por prefixação
<b>Domínio</b>	Tecnologias
<b>Subdomínio</b>	Dispositivo
<b>Significado</b>	“Cartão de débito emitido por bancos angolanos ou sistema electrónico que permite o acesso a diversos serviços bancários”.
<b>Fonte de significado</b>	<a href="https://dicionario.priberam.org/multicaixa">https://dicionario.priberam.org/multicaixa</a> acesso 27/06/2022 acesso em: 05 out. 2021
<b>Contexto</b>	...segurança dos cartões <b>multicaixa</b> “até agora é satisfatório” ... ...anunciou que os cartões <b>multicaixa</b> deverão incorporar um “chip”... ...de clonagem de cartões <b>multicaixa</b> (rede interbancária angolano)... ...da rede interbancária <b>multicaixa</b> , referindo que a maior parte...
<b>Fonte do contexto</b>	<a href="https://jornalf8.net/tag/multicaixa/">https://jornalf8.net/tag/multicaixa/</a> acesso em: 05 out. 2021

<b>Nota</b>	Surge por meio <i>demulti e caixa</i> . O objecto (multicaixa) é denominado em outros países como «cartão de crédito» ou «cartão de pagamento».
-------------	---

**Fonte:** Adaptado de Lima (2016) e Costa (1993).

**Quadro 3:** Modelo da ficha vocabular do termo “Angosat” preenchido. Adaptado de Lima (2016) e Costa (1993)

<b>Entrada</b>	Angosat
<b>C. gramatical</b>	S.m
<b>A. linguística</b>	Não morfológica/ acrônimo
<b>Domínio</b>	Tecnologias
<b>Subdomínio</b>	Aparelho
<b>Significado</b>	“Satélite de comunicação de Angola”.
<b>Fonte de significado</b>	<a href="https://ciencia.ao/noticias/tecnologias/item/792-foi-lancado-o-oangosat-1-o-primeiro-satelite-decomunicacoes-de-angola">https://ciencia.ao/noticias/tecnologias/item/792-foi-lancado-o-oangosat-1-o-primeiro-satelite-decomunicacoes-de-angola</a> acesso 27/06/2022
<b>Contexto</b>	...satélite e o lançamento do <b>AngoSat</b> -1. “A estratégia especial... ...Controlo do Satélite ( <b>Angosat</b> ) angolano. José Carvalho da Rocha... ...de criação do satélite “ <b>AngoSat</b> ”. Em comunicado, o Conselho de... ...estação de controlo do satélite <b>AngoSat</b> -1 em Korolev (Rússia...
<b>Fonte do contexto</b>	<a href="https://www.angop.ao/noticias/tecnologia/angosat-1-faz-tres-ano-desde-o-seu-lancamento/">https://www.angop.ao/noticias/tecnologia/angosat-1-faz-tres-ano-desde-o-seu-lancamento/</a> acesso 01/11/2021
<b>Nota</b>	O vocábulo surge em função das palavras <i>Angola</i> e <i>Satélite</i> , evoluindo para Angosat-1 e Angosat-2.

**Quadro 4:** Modelo da ficha vocabular do termo “Unitel” preenchido. Adaptado de Lima (2016) e Costa (1993)

<b>Entrada</b>	Unitel
<b>C. gramatical</b>	S.f
<b>A. linguística</b>	Não morfológica/ acrónimo
<b>Domínio</b>	Tecnologias
<b>Subdomínio</b>	Instituição
<b>Significado</b>	“Empresa angolana de telefonia móvel prestadora de serviços na

	área de telecomunicações”.
<b>Fonte de significado</b>	<a href="https://www.significado-definicao.com/Unitel">https://www.significado-definicao.com/Unitel</a> acesso no dia 28/06/2022
<b>Contexto</b>	...importância”, enaltecem. Encorajam a <b>Unitel</b> a continuar a apoiar... ...início do seu mandato, a <b>Unitel</b> apresentou uma declaração de... ...Angolana Unitel Operadora Angolana <b>Unitel</b> Clemente Santos Luanda... ...A empresa de telefonia móvel <b>UNITEL</b> está a efectuar intervenções...
<b>Fonte do contexto</b>	<a href="https://www.angop.ao/noticias/economia/unitel-lanca-mobile-money-com-supervisao-do-bna/">https://www.angop.ao/noticias/economia/unitel-lanca-mobile-money-com-supervisao-do-bna/</a> acesso 09/10/2012
<b>Nota</b>	De <b>unidade e telecomunicações</b> . A empresa Unitel é considerada a maior operadora móvel de Angola.

**Quadro 5:** Modelo da ficha vocabular do termo “UTT” preenchido. Adaptado de Lima (2016) e Costa (1993)

<b>Entrada</b>	UTT
<b>C. gramatical</b>	S.f
<b>A. linguística</b>	Não morfológica/ sigla
<b>Domínio</b>	Tecnologias
<b>Subdomínio</b>	Serviço de recarga
<b>Significado</b>	“Quantidade de saldo (recarga) disponível no telefone”.
<b>Fonte de significado</b>	<a href="https://www.wikiwanda.com/pt.Unitel/">https://www.wikiwanda.com/pt.Unitel/</a> acesso 07/12/2021
<b>Contexto</b>	...de Ministros, passando 1 <b>UTT</b> de 7,2 para 10 Kwanza. Assim, o cartão... ...Telefónicas (UTT), 50UTT, 125 <b>UTT</b> , 150UTT e 400UTT. Porém, a... ...Executivo, alterou o preço da <b>UTT</b> , isto na 14 <sup>a</sup> sessão ordinária... ...definir o valor monetário da <b>UTT</b> , mas não interfere na modalidade de...
<b>Fonte do contexto</b>	<a href="https://jornalf8.net/2016/angola-tem-as-tarifas-mais-caras-da-afri-subsariana/">https://jornalf8.net/2016/angola-tem-as-tarifas-mais-caras-da-afri-subsariana/</a> acesso dia 07/12/2021
<b>Nota</b>	De <b>Unidade Tarifária de Telecomunicações</b> . Na Unitel, 1 UTT vale 10 kwanzas, isto é, válido apenas em Angola.

**Quadro 6:** Modelo da ficha vocabular do termo “Saldo” preenchido. Adaptado de Lima (2016) e Costa (1993)

<b>Entrada</b>	Saldo
<b>C. gramatical</b>	S.m
<b>A. linguística</b>	Semântica
<b>Domínio</b>	Tecnologias
<b>Subdomínio</b>	Serviço de recarga
<b>Significado</b>	“Cartão de recarga”.
<b>Fonte de significado</b>	<a href="https://mercado.co.ao/negocios/unitel-1-utt-passa-a-custar-quase-11-kz-com-a-entrada-em-vigor-do-iva-AE732031">https://mercado.co.ao/negocios/unitel-1-utt-passa-a-custar-quase-11-kz-com-a-entrada-em-vigor-do-iva-AE732031</a> acesso 07/12/2021
<b>Contexto</b>	...para aumentar o preço do <b>saldo</b> das filhas e nós, os pobres, é... ...telefonos, todos carregados com <b>saldo</b> equivalente a 25 mil e 500.. ...como “ainda agora o <b>saldo</b> já acabou, estão a roubar muito”. ...momento do carregamento do <b>saldo</b> , mas a maioria não compreende.
<b>Fonte do contexto</b>	<a href="https://jornalf8.net/2016/venha-nos-vosso-saldo/">https://jornalf8.net/2016/venha-nos-vosso-saldo/</a> acesso 07/12/2021
<b>Nota</b>	“Uma quantia monetária restante numa conta bancária” e por outro lado, o conceito pode variar de acordo com o contexto.

A ficha vocabular é um elemento fundamental para suportar os dados que constituem as informações essenciais de um vocábulo. Por outra, a área das tecnologias constitui um processo de socialização, motivo pelo qual grande parte dos vocábulos produzidos é susceptível de ser consultada pela comunidade em geral.

### Considerações Finais

A língua como um sistema aberto e meio de socialização varia e muda ao longo dos tempos, isso ocorre por causa dos factores socioculturais e extralinguísticos. Em Angola, o contacto das línguas nacionais com o português tem modificado as unidades lexicais em determinadas áreas, por esse motivo constatámos que os vocábulos solicitam uma identificação e especialização.

Desta forma, ao abordar a situação do vocabulário das tecnologias no português em Angola, primeiramente, identificou-se os vocábulos e depois analisou-se os seus processos de formação e os conceitos atribuídos no domínio das tecnologias. Na análise feita, as unidades lexicais da variedade do português angolana foram atestadas pela análise léxico-terminológica que se delimitou na análise morfológica, não morfológica e

semântica. Por outra, análise léxico-terminológica permitiu elaborar um modelo específico de ficha vocabular.

Identificado e analisado de forma sistematizado o conteúdo sobre os vocábulos no português de Angola, sobretudo no domínio das tecnologias, podemos concluir que já existem unidades lexicais que especificam o português de Angola e, de certo modo, há também vocábulos que particularizam as áreas de especialidade.

Isso significa que, embora tivéssemos a tratar os vocábulos de uma área de especialidade, entretanto, de forma geral, percebemos que o português em Angola já possui características lexicais que o torna uma variedade única, diferente das outras. De facto, esta variedade é cada vez mais visível ao nível lexical, fonológico, morfo-sintático e semântico.

## REFERÊNCIAS

Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfosintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, Lisboa.

Assunção, C. D. de (2015). *Ampliação Vocabular: Glossário de Textos do Livro Didático de Língua Portuguesa "Vontade de Saber Português" do 9º Ano* – Dissertação de Mestrado; Uberlândia.

Costa, L. M. dos S. L. (2020). *Terminologia do Turismo: Proposta de uma base de dados ontoterminográfica multilingue para o Ministério do turismo de Angola* - Dissertação de mestrado em Ciências da Linguagem; Universidade do Minho.

Costa, M. R. V. (1993). *Terminologia da Economia Monetária: Relações Conceptuais e Semânticas numa Sistemática Terminológica e Lexicográfica*. Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa.

Costa, T. M. C. J. da (2015). *Umbundismos no Português de Angola: Proposta de um Dicionário de Umbundismos* - Tese de Doutoramento em Linguística; Lisboa

Cunha, C. & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15.ed. Lisboa: João Sá da Costa.

Gonçalves, P. (2010). *A Génesse do Português de Moçambique*. Lisboa: INCM.

Krieger, M. da G. (2013). Heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo; Nadin, Odair Luiz. (Orgs.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 23- 41.

Lima, A. D. F. de (2016). *Variante Terminológicas: necessidade de harmonização nos regulamentos internos do Ministério da Ciência e Tecnologia* Dissertação de Mestrado em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade; Lisboa.

Margotti, F. W. & Margotti, R. de C. M. F. (2011). *Morfologia do Português*; Florianópolis.

Matos, J. C. (2012). *Gramática Moderna de Língua Portuguesa*. 2.ed. Lisboa.

Mingas, A. A. M. (2000). *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*. Luanda: Edições CHÁ DE CACHINDE.

Pereira, P. I. C. (2010). *Terminologia e Léxico de Especialidade no Discurso de Maestro em Situações de Ensaio*; Lisboa.

Pinto, J. M. de C. & Lopes, M. do C. V. (2011). *Gramática do Português Moderno*. 12ª Edição: Lisboa.

Quivuna, M. (2013). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna - estudo de caso: escola do 2º ciclo da cidade do wizi* - Tese de Doutoramento em Linguística; Lisboa.

Silva, A. P. G. M. da (2015). *Lexicografia Bilingue de Especialidade E-Dicionário Português-kimbundu no Domínio da Saúde* - Tese de Doutoramento em Linguística; Lisboa.

Simões, A. (2016). *Metodologia de Investigação Científica: a investigação qualitativa*. Mayamba Editora; Luanda.

Undolo, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*. ESP-Bengo, Caxito.



## LISTA DOS AUTORES

**AFONSO MANUEL NEVES**, É licenciado pela Escola Superior Pedagógica do Bengo, na especialidade de Ensino da Língua Portuguesa, afecto ao Departamento de Ensino, Investigação e Extensão de Letras modernas. Professor desde 2009, colocado no município dos Dembos, com a categoria de professor do ensino primário e secundário do 8º grau. É solteiro de 33 anos de idade, filho de Manuel Afonso e de Catarina Quissanga. Natural de Quibaxe, município dos Dembos, província do Bengo.

**ALEXANDRE ANTÓNIO TIMBANE**, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. É docente da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (Bahia). Coordena projetos de pesquisa, projetos de extensão, orienta pesquisas na Pós-Graduação, Graduação e Iniciação Científica. Participa de bancas e é conferencista. Participa do Grupo de Pesquisa África-Brasil: produção de conhecimento, sociedade civil, desenvolvimento e cidadania global (UNILAB) e bolsista CNPq. É Editor-chefe da Njinga Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244). Organiza e publica livros, capítulos, artigos e outros produtos científicos no Brasil e no exterior.

**DANIEL PERES SASSUCO**, Doutor em Linguística, professor auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade Agostinho Neto, Angola. É co-coordenador do Grupo de Recolha e Estudo de Corpora Oraís do Português de Angola - Descrição Linguística e Interfaces (GRECORPA - DLI); As suas áreas de investigação são a morfologia das línguas bantu, a linguística bantu, a fonologia e a morfossintaxe contrastiva do português vs línguas bantu. Lecciona cursos de licenciatura nos departamentos de Línguas Africanas e de Língua e Literatura Portuguesa da Faculdade de Humanidades, onde orienta trabalhos de iniciação científica. Autor de artigos científicos e palestrante em palcos locais, regionais e internacionais.

**EUGÉNIO ANTÓNIO HENRIQUES**, Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo, Professor do Ensino Geral em Angola.

**HENRIQUES HUNGULO SOPANGUE JOSÉ**, Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola.

**JOÃO MUTETECA NAUEGE**, Doutor em Linguística pela Universidade de Évora, Portugal. Mestre em Ciências da Linguagem pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Licenciado em Ensino de Português no ISCED-Huila, Angola, é autor de vários artigos em Portugal, Brasil, Itália, Angola, Cuba. É membro da Associação Internacional de Linguística do Português e integra, como investigador, o Centro de Estudos em Letras da Universidade de Évora. Actualmente é Professor Auxiliar na Universidade Lueji A'nkonde, Angola, onde lecciona Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, História do Português e Sociolinguística na Escola Pedagógica do Dundo; Língua Portuguesa e Trabalho de fim de curso na Faculdade de Direito da Universidade Lueji A'nkonde.

**JOÃO SISSA**, Licenciado em Ensino de Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica de Bengo. Membro do projeto VAPA.

**JUDITE MARIA KUDIZEMBA KIMUENHI**, Mestranda em Língua Portuguesa na FHUAN / Angola e licenciada em Ensino da Língua Portuguesa pela ESP Bengo. Professora do ensino geral e do ensino superior. Lecciona na Escola n.º 351- Dande (Bengo) e no Instituto Superior de Angola, Luanda.

**NÁDIA TADLAOUI**, Doutora em Estudos Ibéricos, especialidade Didática do Português, opção Linguística Portuguesa (2017) (FLUL Universidade Lisboa – FLSH Universidade MV Rabat-Marrocos). Teve mestrados em Interação cultural do Andalus com o Mediterrâneo (2013) (FLSH Universidade MV Rabat-Marrocos); e em Museologia e Mediação cultural (2019) (FLSH Universidade MV Rabat-Marrocos). É licenciada em: Estudos Portugueses (2013) (FLUL Universidade Lisboa – FLSH Universidade MV Rabat-Marrocos), Estudos Hispânicos (2008) (FLSH Universidade MV Rabat-Marrocos), Direito Privado Francês (2011) (FSJES Universidade MV Rabat-Marrocos), Ciências Políticas (Licenciatura de excelência) (2016) (FSJES Universidade MV Rabat-Marrocos). É autora de livros, capítulos e artigos científicos publicados em revistas especializadas nacionais e internacionais.

**ONOFRE JOÃO GOMES**, Mestre em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa pelo ISCED-Luanda, Angola, Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola. Docente afecto ao Departamento de Letras Modernas da Escola Superior Pedagógica do Bengo (Angola).

**PAULO FERNANDO JOSÉ**, Mestre em Ensino da Língua Portuguesa (ISCED-LUANDA). Professor de Língua Portuguesa do I e II Ciclo do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Professor de Comunicação Pessoal e Empresarial, no Instituto Superior Politécnico de Ciências e Tecnologia (INSUTEC).

**PEDRO SEBASTIÃO POLICARPO**, É membro do projecto VAPA desde de 2019 e, além de ser membro do VAPA, tem interesse na revisão dos textos. É licenciado no curso de Ensino da Língua Portuguesa na Escola Pedagógica do Bengo. Fez os seus estudos primários e secundários na Província do Zaire, Município do Tomboco.

**ROBERTA MIRANDELA ANTÓNIO DE ALMEIDA**, Licenciada em Ensino da Língua Portuguesa pela Escola Superior Pedagógica de Bengo. Membro do Projeto VAPA.

**VALENTIM FRANCISCO MOREIRA**, Mestre em Ensino da Língua Portuguesa e docente de Língua Portuguesa no Instituto Politécnico da Universidade Cuito Cuanavale desde 2017. É natural do Cazenga, Província de Luanda, Angola e Licenciado em Ensino da Língua Portuguesa.

# Português de Angola: fonologia, sintaxe e lexicografia

A obra “Português de Angola: Fonologia, Sintaxe e lexicografia” resulta das atividades de pesquisa realizadas pelo Projeto VAPA (Variedade do Português de Angola), criado em 2015 na Escola Superior Pedagógica de Bengo em Angola. Este e-book apresenta trabalhos desses longos anos de pesquisa sobre a variedade angolana de português. O principal desafio que se coloca ao VAPA tem a ver com o estatuto do PA, o combate ao preconceito linguístico com relação PA e o seu reconhecimento para que faça parte da norma a usar nas escolas. Esta obra organizada por Undolo, Timbane e Kimuenho chama atenção para a necessidade urgente de descrição e análise linguísticas para que se possa realizar a gramaticalização, gramatização e dicionarização não apenas do português angolano, mas também das restantes variedades do português, especialmente nos PALOP e em Timor Leste. A publicação foi possível com apoio do Prof. Dr. Hilarino Carlos R. da Luz (Universidade NOVA de Lisboa).

Organizadores

Home Editora  
CNPJ: 39.242.488/0002-80  
[www.homeeditora.com](http://www.homeeditora.com)  
[contato@homeeditora.com](mailto:contato@homeeditora.com)  
9198473-5110  
Belém, Pará, Brasil

